

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Sustentabilidade na Periferia de São Luís (MA):
a experiência da *ONG Pegadas Brasil* com jovens em Itaqui-Bacanga.

Andréia Cassilha Andrigueto

Orientador: Elimar Pinheiro do Nascimento

Dissertação de Mestrado

Brasília - DF, setembro /2009

Andrigueto, Cassilha Andréia.

Sustentabilidade na periferia de São Luís (MA): a experiência da ONG Pegadas Brasil com jovens em Itaqui-Bacanga.

Brasília, 2009.

177 p. : il.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

1. Educação ambiental. 2. Juventude. 3. Empoderamento 4. ONG Pegadas Brasil. 5. ONG The Tracking Project. I. Universidade de Brasília. CDS. II. Título.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O(a) autor(a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do(a) autor(a).

Andréia Cassilha Andrigueto

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Sustentabilidade na Periferia de São Luís (MA):

a experiência da *ONG Pegadas Brasil* com jovens em Itaqui-Bacanga.

Andréia Cassilha Andrigueto

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Gestão e Política Ambiental opção profissionalizante.

Aprovado por:

Elimar Pinheiro do Nascimento, Doutor
Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS/UnB
Orientador

Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti, Doutora
Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS/UnB
Examinador Interno

Suzana Pádua, Doutora
Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS/UnB
Examinador Externo

Brasília-DF, setembro de 2009.

À família, sangue do meu sangue - apoio e alegria.

Aos amigos e ao meu *cariño*, presentes dados por Deus.

Ao criador sou eternamente grata pelo caminho proporcionado e
por todas as histórias que me construíram.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa só foi possível pelo envolvimento de diversas pessoas e suas organizações. Tanto aquelas que apoiaram os cursos de Educação Ambiental oferecidos pela ONG Pegadas realizados durante a experiência e que culminaram no seminário realizado em 2006 em Itaqui-Bacanga, o primeiro voltado a meio ambiente e políticas públicas na região, quanto as que apoiaram a parte da escrita e acompanharam os passos de investigação.

Pode-se citar o Diretor de País da Plan, em 2004, Moacir, quem idealizou o Projeto Rastreado Vidas PRV, e a equipe da Plan, coordenadores e promotores comunitários, que sugeriram atividades e acompanharam alguns momentos da pesquisa, em especial Regina Carvalho.

Ressalta-se, igualmente, o apoio e o engajamento da Consórcio de Alumínio do Maranhão - ALUMAR (Programa de Educação Ambiental, que após conhecer a metodologia, disponibilizou locais para realização de atividades); da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na pessoa da professora de Educação Ambiental Flávia Mochel; da Secretaria Municipal de Saúde de São Luís, Mariano Costa e Neusa Amorin e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Maranhão (SEMA) - pela disponibilização de dados sobre os empreendimentos no local de estudo.

Também se ressalta o apoio do Adolescentro (em especial de D. Fátima, coordenadora deste espaço comunitário); da ONG MUTUAL (e os seus jovens no apoio ao Seminário realizado no PRV); do Coletivo Jovem do Estado do Maranhão (na figura de Marcos Mesquita na realização da oficina de políticas públicas oferecida no Seminário); da ONG Interagir (na pessoa de Mateus em Brasília, que auxiliou na metodologia de facilitação de grupos e na publicação do PRV em livro, no ano de 2006); da Fundação O Boticário (que fomentou e incentivou a proposição desse projeto, em especial a colaboração de Ana Paula Doring quem fomentou as bases da avaliação do PRV realizada); de Suzana Pádua (co-fundadora do Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ, que apoiou a elaboração dos questionários realizados durante o PRV e quem me ensinou a incentivar os jovens em seus sonhos).

Ainda à ONG The Tracking Project, sou muito grata a John Stokes , amigo, e propositor da metodologia educacional aqui exposta, que acompanhou e apoiou todo o trajeto de execução do projeto PRV no Brasil e da pesquisa, fornecendo os subsídios metodológicos de grande parte do que fora ministrado no projeto pesquisado; da Aurora

Foundation, na pessoa de Jeffrey Bronfram – que acreditou na idéia de John Stokes , apoiou os primeiros anos da ONG Pegadas e grande parte do trabalho de campo da pesquisa; da ONG Pegadas que me formou como pesquisadora socioambiental e monitora da metodologia, em especial: Edison Luís Neves, Henrique Auvray e Renata Neves –pessoas que caminharam comigo no PRV e me fizeram acreditar que escrever sobre o projeto e a metodologia aplicada era possível e ainda de Bento Viana – grande idealizador das pegadas de John Stokes no Brasil.

Aos jovens, um parágrafo especial de agradecimento. Sem citar os nomes, todos na lembrança. São muitos os nomes que aceitaram participar da pesquisa, serem rastreados e que me apoiaram na logística de campo, fornecendo casa, comida e fundamentalmente: amizade, carinho e incentivo.

Em especial também agradeço a perseverança e paciência de Elimar Nascimento, meu querido orientador, enquanto estimulador à inserção da pesquisa nos rumos da Sociologia - e de todos os desafios que um dia poderão ser transpostos nesse diálogo entre diferentes áreas de conhecimento e os seus discursos.

À minha família: alicerce que Deus me deu de presente. Aos meus irmãos: amigos, companheiros de viagens, birras, sonhos, aventuras. À minha mãe, que revisou pacientemente e por diversas vezes as versões feitas ao longo do trajeto da escrita, clareando idéias e incentivando-me a não desistir diante das fraquezas do corpo. Exemplo de doçura e fortaleza. Ao meu pai, apoio, pilar, companheiro de conversas e estradas. Que Deus nos abençoe a ter muitos anos ainda juntos. Espero que um dia possa dar aos meus filhos, o mesmo amor e educação que tive em casa.

Ao Silvio Venturoli, quem comigo começou nova caminhada, aceitando-me da forma como sou e dando apoio e carinho, mesmo que isso significasse umas viagens ou finais de semana a menos. Também ao quadro docente do Centro de Desenvolvimento Sustentável e a Antônio, Ana Paula, Maurício, Wiliam, da Secretaria, pelo apoio na caminhada e no campo; e por todos aqueles amigos que acompanharam essa luta - que tem a mesma satisfação que eu em vê-la publicada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é discorrer acerca da sustentabilidade ambiental e do empoderamento de jovens de quatro comunidades de periferia no bioma amazônico. Seu objeto é analisar a metodologia *The Tracking Project*, aplicada pela ONG Instituto Projeto Pegadas Brasil (ONG Pegadas), durante a execução de projeto de Educação Ambiental não-formal, na região de Itaqui-Bacanga, São Luís (MA), nos anos de 2005 e 2006. A principal questão investigada pela pesquisa é se os conceitos e práticas repassadas, no processo de ensino-aprendizagem após dois anos, serviram, para empoderar aqueles jovens, conforme pretendido à época pela ONG Pegadas. O estudo buscou fugir de representações lineares (de causa-efeito, restritas a relações dicotômicas de objetivo-resultado) utilizando-se de uma perspectiva hermenêutica, de prática igualmente dialógica e investigativa e socialmente produtora de novos sentidos, a partir da experiência realizada. A participação dos jovens ocorreu em trabalhos de campo realizados entre 2008 e 2009, compreendendo dois períodos: o primeiro consistiu em diagnóstico no local pesquisado com o objetivo de verificar a apreensão e percepção de 27 dos 44 jovens sobre a sustentabilidade em suas comunidades. O segundo período visou consolidar dados que haviam ficado em aberto em relação à percepção da sustentabilidade e foi realizado com 13 jovens. As técnicas utilizadas para os trabalhos de campo envolveram a aplicação de questionário, grupo focal nas quatro comunidades e entrevistas semi-estruturadas. Ao final, foram feitas algumas inferências entre a relação dos jovens com a sustentabilidade ambiental, o contexto social em que vivem e a metodologia apresentada pela ONG. Conclui-se que a metodologia utilizada pode ter auxiliado no empoderamento dos jovens, contribuindo para percepção da sustentabilidade, como algo que depende deles, assim como, para a superação dos desafios sociais. A experiência parece ter influenciado os jovens a mudar comportamentos e atitudes.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Juventude, Empoderamento, ONG Pegadas Brasil, ONG The Tracking Project.

ABSTRACT

The main goal of the present research was to analyze the youth environmental sustainability and empowerment of four suburb communities in the Amazon region. Its object was the analysis of the experience with the methodology The Tracking Project in the State of Maranhão. This methodology was employed, by that time (years 2005 and 2006), by the ONG Instituto Projeto Pegadas Brasil (ONG Pegadas), in a no formal project of environmental education in the region of Itaqui-Bacanga, São Luís (MA). The main point to be researched was to investigate if concepts and practices presented in the learning process were useful for those youth, two years after, as the ONG Pegadas expected. It was intended to be out of linear representations (cause-effect), restricted to relations of dichotomy for the objective-results. The investigative process was inspired in an interpretative perspective based on dialogue, socially producer of new meanings about the experience done. The youth participation was done by researches in 2008 and 2009. The investigations periods consisted in two steps: the first was the diagnosis of the local researched and perception of 27 out of 44 youth opinions in relation to the sustainability in their communities. The second step intended to confirm data that were not concluded in relation to sustainability. In this one 13 youth participated. The techniques employed for the researches were the use of questionnaires, visits in the four communities (grupos focais) and semi-structured interviews. At last, it was done some inferences in the youth relation with the social context. It is suggested that the methodology employed by the ONG Pegadas may have contributed to the empower youth and their perception of sustainability as something that depends on them, besides the overcoming of social challenges. The experience seems to have influenced the youth to change their behavior and attitudes.

Key-words: Environmental Education, Youth, Empowerment, ONG Pegadas Brasil, ONG The Tracking Project.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Pirâmide etária população branca e negros por sexo no Brasil - 1980/1991	24
Gráfico 2. Resultados. Perfil do grupo pesquisado antes do PRV.....	98
Gráfico 3. Desempenho dos jovens quanto a aspectos de sustentabilidade e liderança. Primeiro trabalho de campo, segundo a análise da pontuação dos questionários aplicados.....	101
Gráfico 4. A representação de categorias de sustentabilidade por campo semântico baseados nas respostas do grupo pesquisado. - Representação num universo de 100%	105
Gráfico 5. A relação dos jovens com a liderança após o PRV.....	106

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Desenho 1. A tartaruga, símbolo da metodologia do The Tracking Project.....	75
Desenho 2. Os 13 elementos que formam o casco da tartaruga da metodologia TTP.	87
Desenho 3. Ciclo de repasse de informações e percepções no grupo (absorção, breve reflexão e repasse de um indivíduo a outro no grupo).	124
Desenho 4. Ciclo de conflitos internos dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem (desconstrução e construção de conceitos) para a significação.....	124

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Percentual de pessoas abaixo da linha da pobreza (ano 2000).	48
Mapa 2. Biomas do Maranhão	50
Mapa 3. Zoneamento Costeiro do Maranhão.....	52

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Biodiversidade e desenvolvimento em São Luís-MA	49
Fotografia 2. Casas de Palafitas em região de manguezal, Município de São Luís.	51
Fotografia 3. Casas de Palafitas em Raposa-MA, Município de São Luís.	51
Fotografia 4. Vista da água doce dos Lençóis-maranhenses.....	52
Fotografia 5. Vista dos Lençóis-maranhenses	52
Fotografia 6. Fotografia aérea de três comunidades que compõem Itaqui Bacanga.....	54
Fotografias 7, 8 e 9. Comunidades que compõem Itaqui-Bacanga.....	55
Fotografias 10 e 11. Comunidade Itaqui-Bacanga.....	56
Fotografia 12. Destinação e segregação do lixo em IB.....	56
Fotografia 13. Comunicação virtual na Vila Embratel.	62
Fotografias 14, 15 e 16. As religiões presentes em Itaqui Bacanga.	63
Fotografias 17, 18 e 19. Rituais de umbanda.	64
Fotografias 20, 21 e 22. Infra-estrutura em IB. A avenida principal, os buracos e o esgoto a céu aberto nas ruas, respectivamente.....	67
Fotografia 23. A linhagem de mestres de Stokes que o auxiliaram a compor a metodologia do The Tracking Project.	77
Fotografia 24. Versões das Palavras de Agradecimento em oito línguas distintas.	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Acompanhamento dos jovens em campo após o PRV em 2008. Indicadores socioeconômicos.	107
Tabela 2. Acompanhamento dos jovens em campo após o PRV em 2008. Motivos que levaram os jovens a mudar de residência. Indicadores socioeconômicos.	107
Tabela 3. Indicadores de empoderamento – nível de envolvimento dos jovens em projeto antes do PRV.....	108
Tabela 4. Indicadores de empoderamento – nível de envolvimento dos jovens em projeto após o PRV.....	108
Tabela 5. Indicadores Sociais acerca da constituição familiar e expectativas correlatas após o PRV.....	110
Tabela 6. Indicadores de empoderamento (participação do jovem em cursos de capacitação após o PRV e as mudanças percebidas quanto às expectativas em relação a seus estudos).....	111
Tabela 7. Indicadores Socioeconômicos (emprego) e expectativas quanto à área de atuação profissional após o PRV.	111
Tabela 8. Indicadores sociais quanto à representação dos aspectos de periferia, violência e os impactos percebidos em cada comunidade pelos jovens em 2009.....	112
Tabela 9. Indicadores Sociais e envolvimento do jovem e da sua família com drogas lícitas, ilícitas, presídios e morte na família em decorrência desses aspectos após o PRV.	113
Tabela 10. Indicadores Sociais e envolvimento do jovem com drogas lícitas, ilícitas, presídios e morte na família em decorrência desses aspectos após o PRV.	113

LISTA DE SIGLAS

ALUMAR	Consórcio de Alumínio do Maranhão
IB	Itaqui-Bacanga
ONG	Organização não-governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PRV	Projeto Rastreado Vidas
SEMA	Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Maranhão
TTP	The Tracking Project
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. ENTRE A TEORIA E A SUA APLICAÇÃO	22
2. ITAQUI-BACANGA-SÃO LUÍS (MA): O CAMPO DA PESQUISA	47
3. A EXPERIÊNCIA DA ONG PROJETO PEGADAS BRASIL EM SÃO LUÍS: DESCREVENDO AS SUAS ORIGENS	71
4. COMO A SUSTENTABILIDADE FOI REPRESENTADA E OS ASPECTOS SOCIAIS PERCEBIDOS	95
5. DISCUSSÃO	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
APÊNDICES.....	142
ANEXOS	162

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“Sustentável” não se refere apenas ao tipo de interação humana com o mundo que preserva ou conserva o ambiente, no sentido de não esgotar os recursos naturais para as gerações vindouras, ou que visa exclusivamente à manutenção dos seres vivos. Sustentabilidade refere-se a uma multidimensionalidade de processos: econômicos, sociais, culturais, políticos, institucionais ou físico-territoriais, que respeitem os complexos padrões da organização ecossistêmica, cuja função combina cinco variáveis de estado: interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade, e diversidade. Características encontradas nos sistemas ecológicos, e que se 'aplicadas' às sociedades humanas, permitirão às mesmas alcançarem a sustentabilidade. Para compreender estes conceitos, é necessário compreender alguns princípios básicos da Ecologia, tornando-nos por assim dizer, “ecologicamente alfabetizados” (CAPRA, 2006).

Os conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados atores da sociedade compartilham podem ser próprios ou inerentes à sua fase de vida. A noção de “juventude” pode ser também derivada ou assimilada: quer de gerações precedentes, quer das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (PAIS, 1990).

A categoria *juventude* não está mais aprisionada a critérios rígidos, mas faz parte de um processo de crescimento mais totalizante, com contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa entender a juventude não apenas como uma etapa, com um fim predeterminado, que se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional (DAYRELL, S/D).

A reflexão a respeito da autonomia de jovens que vivem em condições socioeconômicas desfavoráveis e que estabelecem suas interações com o meio ambiente visa romper a realidade simbólica pré-existente à sua geração e a seu tempo (ANSELMO, 2008).

A presente Dissertação de Mestrado *Sustentabilidade na periferia do São Luís (MA): a experiência da ONG Pegadas Brasil com jovens em Itaqui-Bacanga* tem por objetivo

discorrer acerca da percepção sobre sustentabilidade ambiental e empoderamento de jovens de periferia do bioma amazônico, cujo objeto de estudo foram os jovens de Itaqui-Bacanga (IB), comunidade localizada na capital de São Luís, Maranhão.

Os jovens de IB participaram, entre 2005 e 2006, do Projeto Rastreamento de Vidas (PRV) aplicado pelo *Instituto Projeto Pegadas Brasil*, (ONG Pegadas) com base na metodologia *The Tracking Project*, cujo resultado é avaliado na presente Dissertação. A principal questão investigada na pesquisa foi: como os conceitos e práticas repassados no processo de ensino-aprendizagem transformaram a realidade dos jovens? O que se almejou responder, após dois anos da aplicação da metodologia, foi se a intervenção educacional realizada contribuiu para empoderar aqueles jovens.

A coleta de dados foi feita em quatro das dez comunidades de Itaqui-Bacanga que participaram da experiência com a ONG Pegadas. Essas comunidades, com número total de 44 jovens, foram acompanhadas pela pesquisadora durante os anos de 2008 e 2009. Desse universo, escolheu-se uma parcela a ser pesquisada para representar a opinião do grupo acerca de sustentabilidade ambiental. No primeiro grupo, em 2008 foi levantada a percepção de 27 jovens acerca da sustentabilidade ambiental com alguns elementos de empoderamento. Em 2009, foi colhida a opinião de 13 jovens sobre o seu contexto social, em especial acerca de aspectos sociais envolvidos com o empoderamento dos jovens antes e depois do PRV.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram dois trabalhos de campo com 48 dias de observação e participação na realidade daqueles grupos (seus desafios, sonhos e perspectivas para o futuro); grupos focais em cada uma dessas comunidades e aplicação de entrevistas semi-estruturadas e estruturadas. As dúvidas, medos em relação ao futuro, as estratégias de vida traçadas e o caminho percorrido após o período que a equipe do Projeto Pegadas Brasil esteve em São Luís foram transformados em dois DVDs duplos, resultantes da primeira visita de campo. Na segunda visita, os jovens foram questionados sobre aspectos sociais de sua realidade e o que representava em suas vidas morarem em uma região de periferia: o consumo de drogas, a violência, a situação empregatícia deles, posturas e comportamentos em relação ao seu futuro, avaliando-se o antes e o depois do projeto realizado.

A presente Dissertação está estruturada em cinco capítulos, a saber:

O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo, o referencial teórico com seus conceitos concernentes e técnicas de coleta e tratamento dos dados.

O segundo capítulo faz a descrição de Itaqui-Bacanga como campo de estudo, local onde a pesquisa foi realizada e as condições do contexto que compuseram a experiência e o modo de vida dos jovens: família, escolaridade, lazer, problemas cotidianos, dentre outros.

O terceiro capítulo mostra a experiência do Instituto Projeto Pegadas Brasil: os passos que guiaram a intervenção educacional com o grupo de jovens ludovicenses, a metodologia utilizada, sua origem, a experiência em São Luís e as principais atividades realizadas.

No quarto capítulo, são descritos os resultados da pesquisa, a análise da técnica de coleta e tratamento realizados para se analisar a percepção de sustentabilidade dos jovens. O quinto capítulo trata da discussão desses resultados aliada ao referencial teórico e técnico escolhido.

Para finalizar, as Considerações Finais e os possíveis desdobramentos para um próximo estudo.

Foco de Estudo

Grupos de jovens de quatro comunidades de Itaqui-Bacanga localizada na periferia de São Luís, capital do Estado do Maranhão, que participaram da aplicação da metodologia *The Tracking Project*, com a ONG Instituto Projeto Pegadas Brasil (ONG Pegadas).

Objetivo Geral

Analisar como participantes destas comunidades percebem o conceito de sustentabilidade e verificar o empoderamento destes jovens, antes e após a aplicação da metodologia.

Objetivos Específicos:

- Relatar a aplicação da metodologia *The Tracking Project* no Brasil com jovens de periferia;
- Auxiliar processos de financiamento futuros do Instituto Projeto Pegadas Brasil por

meio da apresentação e discussão dos resultados da experiência;

- Iniciar um diálogo interdisciplinar entre a prática da metodologia empreendida e conhecimentos acadêmicos afins;
- Instigar os atores a refletirem acerca das transformações percebidas.

Os capítulos a seguir fazem uma análise teórica sobre a representação desses jovens de sustentabilidade ambiental, e do contexto em que vivem a partir do modelo apresentado pela ONG Pegadas.

CAPÍTULO 1.

ENTRE A TEORIA E A SUA APLICAÇÃO

1. ENTRE A TEORIA E A SUA APLICAÇÃO

O presente capítulo será formado pela visita às obras que embasaram metodologicamente a análise da experiência do Instituto Projeto Pegadas com grupos de jovens. Almeja-se um diálogo que levará em conta, especialmente os conceitos de: **juventude brasileira** – com base em censos demográficos e publicações oficiais a respeito dos jovens no Brasil; **reflexões acerca do futuro** – seus novos paradigmas e os impactos dessa percepção para a vida dos jovens; **meio ambiente** – aspectos concernentes à qualidade de vida da população por meio da saúde e a proposição de um local sadio e equilibrado para se viver; **a construção de sociedades sustentáveis** – a percepção de princípios ecológicos e ecossistêmicos a fim de torná-las possíveis; **intervenção educacional** – formas de aprender e decodificar símbolos e conceitos que facilitem o processo de ensino; **sustentabilidade** – da maneira academicamente repassada e a forma como ela pode ser representada; **empoderamento juvenil** – como buscar a participação dos jovens para a transformação de suas realidades. Para isso, serão utilizados conceitos da Biologia e a complexidade de sistemas vivos (que conferem ao estudo uma visão ecossistêmica); **Educação** (de onde se percebe que intervenções educacionais em determinadas realidades podem adquirir uma intencionalidade, a fim de possibilitar mudanças sociais); **Sociologia e Antropologia** e áreas correlatas (de onde serão extraídos conceitos, seus significados e a forma pela qual foram percebidos em campo e representados pelo grupo). A revisão bibliográfica primou pela escolha desse conjunto teórico que, segundo a visão da pesquisadora, melhor retrata o trabalho de intervenção realizado pela ONG Pegadas.

A primeira parte deste capítulo aborda o campo teórico da pesquisa com a exposição de conceitos fundamentais à investigação. A segunda parte apresenta a técnica de coleta de dados e o seu tratamento acerca da sustentabilidade e das mudanças sociais dentro do contexto da intervenção educacional realizado pela ONG Pegadas dois anos após a conclusão do projeto realizado com os jovens.

Embora o conceito de sustentabilidade possa ser entendido pelo senso comum, tem-se como premissa que ele poderá ser ressignificado em certos contextos, facilitando a composição de um espaço mais propício para práticas sociais sugeridas, como transformadoras da realidade.

Referencial Teórico

De acordo com Layrargues; Deboni, (2006, p. 191-192), os jovens da atualidade não são como os mesmos de anos atrás, não apenas porque nasceram usufruindo das liberdades democráticas conquistadas pelos jovens de ontem, mas também porque a comunicação passou a ser global, simultânea, instantânea, com a popularização da mídia, da Internet e de suas inúmeras facilidades na comunicação. Os jovens da atual geração não são como os da geração anterior, em especial, porque nasceram sob a égide da crise ambiental, em um mundo com sintomas explícitos de desordem global, com declínio da biodiversidade, depleção da camada de ozônio, poluição dos oceanos, poluição radioativa, extinção de espécies, envenenamento de solos e outros elementos que comprometem a saúde do ser humano, desde a mais tenra idade, como os aditivos químicos, conservantes, estabilizantes, e toda ordem de tecnificação e artificialização dos alimentos.

Essa é uma nova geração de hambúrgueres, “baladas”, música e jogos eletrônicos, com uma nova gramática de valores virtuais, descompromissos com o futuro e com aversão ao mundo da política. Na elaboração de políticas públicas é necessário considerar a canalização dessa energia vital da sociedade acumulada nos jovens. Juventude e Meio Ambiente é uma área ainda recente no País, em termos de institucionalização – percebe-se novos rumos e perspectivas, surpreendentemente simples: por estarem livres de vícios e compromissos ideológicos que costumam aprisionar as pessoas em determinada visão de mundo, esta relação pode ser construída pelos jovens que vêm chegando à área.

A era do “pensar global e agir local” está em xeque, uma vez que ela por si só já não consegue atender aos desafios colocados na atualidade. Os jovens têm percebido que é preciso pensar e agir localmente e globalmente. É preciso trabalhar internamente, rever relações estabelecidas com os outros seres humanos e com os demais seres vivos no planeta, atuar em espaços políticos para transformar os rumos do que se denomina “desenvolvimento”. A sustentabilidade não será construída de forma unilateral, com ações pontuais e dispersas. Os jovens têm percebido essas questões e sabem também que têm um desafio enorme pela frente. Percebendo o jovem como sujeito social com potencial de transformar e de inovar, visualiza-se que quanto maior e mais consistente for o seu envolvimento na formulação, implementação e avaliação de políticas públicas, maior a possibilidade de serem progressistas inovadores e sustentáveis. Somente o discurso do “protagonismo juvenil” não tem levado à implementação de ações efetivas sobre o papel dos

jovens no debate socioambiental atual. Pelo contrário, em muitos casos, prende-se a esse jargão, criando-se um distanciamento entre as juventudes e as ações que se intencionam realizar. (LAYRARGUES; DEBONI, 2006, p. 191-192).

Segundo o IBGE (2009), jovens são aquelas pessoas com idades compreendidas entre uma faixa etária específica de 15 a 24 anos, mesmo recorte etário dado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (NASCIMENTO, 2003). Pela contagem populacional realizada em 1996, esse número permanecia em torno de 31 milhões de pessoas¹, aproximadamente 20% da população total do País.

Apesar do crescimento desse segmento etário no Brasil, a partir da década de 1970, houve uma desaceleração no ritmo de crescimento, alterando a pirâmide etária que anteriormente era de forma triangular, com a base mais larga que o ápice. A fecundidade declinante é explicada, sobretudo, devido à introdução dos métodos e crescente uso de anticoncepcionais orais, a partir da década de 1960. Em meados dos anos 1980, com a constatação do estreitamento da base da pirâmide etária oriunda do Censo Demográfico 1991, esse fenômeno se destaca (IBGE, 2009). A desaceleração do ritmo de crescimento, apesar de reduzir o percentual de crianças, aumentou o de jovens, relativamente.

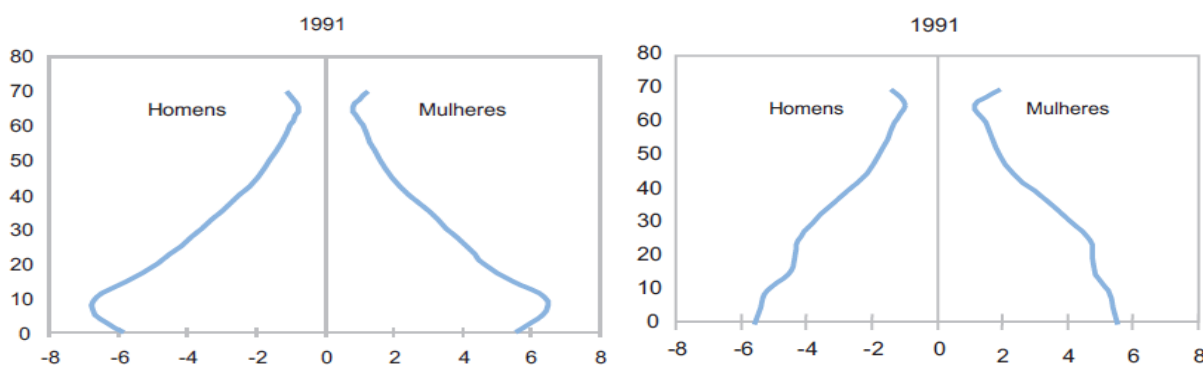


Gráfico 1. Pirâmide etária população branca e negros por sexo no Brasil - 1980/1991
Fontes: IBGE, 1980, 1996.

Não é apenas pelo grande percentual na população total do País que os jovens são importantes, uma vez que a definição de juventude pelo recorte etário é apenas uma das formas de observar essa representação. Esse valor instrumental é inegável, mas por si só não resolve o problema de precisão conceitual. (NASCIMENTO, 2003). Os jovens também

¹ 31. 088.484 em número bruto

constituem relevante segmento social, político e cultural no conjunto da sociedade brasileira (IBGE, 2009). Formam parte da massa crítica presente e, ademais, indicam o “processo de preparação para o desempenho do papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional”. (NASCIMENTO, 2003).

Por que escolher essa faixa etária de investigação? Embora seja um país composto de 1/5 de jovens, com perspectivas de vida promissoras em relação aos demais países na América Latina, com indicações de uma economia que vem se fortalecendo e de possibilidades de ascensão social por meio de qualificação profissional e intelectual, muito do potencial juvenil brasileiro ainda é composto por aqueles que se entregam à droga, à violência ou se perdem em caminhos como o da delinquência.

Como resultado, algumas reações em cadeia são disparadas na sociedade, tais como: repressão ou intolerância. As medidas de contenção, no entanto, devem ser avaliadas com cautela e de acordo com cada contexto específico, no qual os jovens estão inseridos.

No reconhecimento da necessidade de salvaguarda dos valores sociais sobre os quais se funda uma determinada comunidade, a reação social ao desvio e delinquência juvenis tem de ser lida à luz de quadros sociais, jurídicos e culturais mais abrangentes. (CARVALHO, 2004, p. 1).

A Ordem dos Advogados do Brasil (2008) trata os jovens, como "sujeitos de direitos", como “titulares de direitos fundamentais [...] duplamente garantidos em sede constitucional”². Identifica os princípios e as normas que orientam sua proteção de forma expressa no art. 227, *caput* da Constituição Federal do Brasil de 1988 e em outros artigos conexos, como direitos fundamentais originários de tratados referentes à matéria de direitos humanos. Ademais, os jovens têm hoje um amparo legal possibilitado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Estudar as possíveis causas da delinquência em vez de simplesmente buscar bani-la ou reprimi-la pode ser um dos caminhos possíveis para tratar esse desafio social. “A relação entre a probabilidade de desenvolvimento de condutas desviantes e delinquentes por parte de crianças e jovens e a ausência de relações afetivas positivas” segundo Carvalho (2004) é um ponto que deve ser considerado. As influências sociais do grupo, o peso do abandono e da negligência físico/emocional, a ausência de figuras permanentes de referência e suporte

² Edição 68. Disponível em: <www.oab.org.br/revista.asp>.

afetivo aos jovens podem resultar na reprodução de figuras de violência e desvio de comportamento, como sugerido por esse autor.

O expressivo crescimento na taxa de eventos e as manifestações diversas de violência urbana no Brasil nas últimas duas décadas são apontados por Nascimento (2002) e podem aprofundar ainda outras questões sociais envolvidas, e serão aqui apresentadas, apenas como o início de uma discussão que envolve a transformação radical das relações sociais, o comportamento das pessoas e as representações sociais.

É importante citar uma das transformações que vem modificando a forma de atuação da sociedade civil e dos cidadãos: o poder da mídia sobre as pessoas e os padrões de comportamento estabelecidos. Esse poder cria a ilusão de que tudo pode ser comprado, criando uma angústia quase inerente à sociedade atual. Um número crescente de pessoas, vem sendo programada para consumir, independentemente da renda que efetivamente possuem. A mídia na sociedade globalizada está operando massivamente para a criação de um sistema de “(des)informação visual”, por meio do qual a imagem (artificial) transforma a personalidade, molda a sensibilidade “condicionando comportamentos e atitudes materialistas, formando estados de ânimo que alimentam o consumo”. (JARA, 1998). Esta ideologia dominante tem levado as pessoas a um consumo incompatível com a capacidade limitada de recursos oriundos do meio ambiente. Isto tem produzido uma quantidade cada vez maior de excluídos, deixando-os à parte de variados processos que ocorrem na sociedade. (SOUZA, 2003).

Os processos, de dependência e consumo, também influenciam as expectativas de atuação do Estado. Muitas vezes, os cidadãos passivamente esperam do Estado as mesmas respostas dadas pelo mercado. Tencionando, assim, situações de conflito na medida em que o governo não é mais capaz de, por si só, responder às demandas da sociedade civil.

Em projetos ambientais, espera-se, por exemplo, que o jovem seja capaz de questionar o que poderia fazer para mudar essa realidade e adquirir o que Galvani (2002) chama de consciência - ao conhecer e refletir acerca do que ocorre com o meio ambiente que o cerca. Para o autor não é possível pensar a autoformação (tomada de poder da pessoa sobre a sua formação) sem essa interação pessoa/meio ambiente e consciência reflexiva.

Por outro lado, há um ponto relevante no quadro da sociedade civil, que é a noção de futuro. Para Santos (2000), essa noção vindoura está em crise, pois estamos deixando de criar utopias, abdicando do poder dos sonhos. Isso, sem aprofundarmo-nos, ademais, numa percepção de catástrofes ambientais que, se acreditava, viriam a ocorrer apenas em longo prazo e já fazem parte de um discurso agora constante na mídia, com tornados e enchentes surpreendentes.

O futuro é uma construção social, na qual o ser humano, com a sua capacidade de pensar, inovar, criar, passa a ser o centro de uma abstração e ausência, realidade na qual os sujeitos sociais estão presentes fisicamente, conquanto estejam efetivamente em outro tempo/espço. Almejam ser o que não são ou ter o que não possuem. Ocupam aquele espaço, mas com uma mente vazia. A valorização econômica de progresso resultado do nosso processo de ocidentalização, trouxe um mundo onde se pode possuir o que se almeja, cria-se no ser humano uma utopia de que *ter* é mais importante que o sujeito, suas idéias, valores, lutas e ideologias.

Voltando no tempo, é preciso analisar um pouco do papel do Estado, da sociedade civil e do cidadão para a construção desse quadro atual.

Apesar da lógica de mercado, presente a partir do liberalismo originado no século XVIII e das concepções de um Estado mínimo nas análises de construção de ideologias e da efetivação da cidadania, o Estado é parte fundamental da construção das referências de cidadania. É na esfera pública e estatal que se asseguram os direitos, garantias de acesso e sanções cabíveis pelo descumprimento dos direitos já normatizados e institucionalizados. (GOHN, 2005).

No século XIX, por exemplo, a questão da cidadania já se estendia às massas, por meio do direito à Educação. Outrossim, nasce no final do século passado, período no qual emergem novas concepções de análise dos processos de mudança e transformação social, conceitos como: cidadania coletiva, diferenciada, cosmopolita, planetária. Dois desses passíveis de menção são: a cidadania cosmopolita - como nacionalismo dos excluídos numa sociedade civil global, de luta de acesso aos mercados de trabalho; e cidadania planetária - a valoração do ser humano, em grupos que não mais se referenciam por estado-nação específico, mas a vários locais dentro das nações contidas no planeta. (GOHN, 2005).

As políticas neoliberais dos anos 1970 e 1980 reestruturaram a base produtiva e o papel

do Estado. A esfera social diminui enquanto a expansão do mercado se expande, a concepção de cidadãos como “clientes”, a mercantilização de bens e serviços como educação e saúde, tratados dentro de um contexto de lógica mercadológica. (GOHN, 2005).

É nesse cenário complexo que os jovens passam a representar um segmento expressivo, tanto em número quanto em poder real para transformar as suas realidades. São formados de uma vontade de conhecer, desbravar o mundo e estabelecerem-se nele. Bem como, serão possivelmente mais aptos a adotar posturas, ações ou teorias que contestem o modelo atual, caso não seja ele o que queiram seguir, criando assim novos paradigmas. E como representam o início da fase adulta e de suas responsabilidades, as futuras e as novas gerações também tenderão a ser moldadas por eles, quanto a padrões e modismos porvindouros.

O jovem, como ser humano, é formado “de natureza e cultura” (MORIN, 2004) e depende da sua interpretação do contexto vivido para refletir sobre suas próprias práticas. (FREIRE, 1979). Se compreender o sujeito é buscar entender os fios condutores que o fazem interagir com o mundo, o objeto de estudo desses projetos ambientais também deverá ser o meio em que o jovem vive o estudo de seu contexto: como o jovem percebe a sua realidade e a representação que faz dela.

O fazer educativo poderia ser representado por meio dessa gramática de valores ambientais “um repertório de sentidos sociais” (CARVALHO; GRUN, 2005), a matéria-prima de uma prática interpretativa que tenderá a acionar e a construir, dentro de uma autonomia relativa, um meio ambiente enquanto campo complexo das relações entre natureza e sociedade. Sugere-se que esse desenho possibilitará um passo para o entendimento das práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados serão produzidos.

Para Sato e Passos (2002), essa realidade representada poderá ser formada por processos cultural e socialmente construídos. O mundo que nos cerca, antes de constituir-se como um objeto, vem a ser composto, segundo esses autores, por um mundo de percepções: do ser humano que percebe o ambiente e decodifica-o. Em outras palavras, criará no indivíduo a sua interpretação de mundo e, no longo prazo, a sua história de vida, processos cultural e socialmente constituídos. Tenderá a criar as bases identitárias, individuais ou coletivas, daquele ser humano.

Nesse contexto, torna-se necessário entender o conceito de *pertencimento* que pode ser entendido pela ótica de autores como Escorel (1998) e Sá (2005). Para Escorel (1998) *pertencimento* é visto como uma “unidade constituída por um grupo social no qual o indivíduo se percebe como integrante e identifica o lugar como sendo seu”. Vínculos e referências identitárias ocorrerão em oposição a um isolamento. A relação de um grupo consigo, as suas trocas afetivas, simbólicas e materiais constituirão o tecido desse sentimento de se pertencer ao grupo. Esse será o ambiente propício para que sejam percebidas e avaliadas experiências sociais. As unidades de pertencimento assim constituídas poderiam ser representadas pela família, pelo trabalho ou pela cidadania, uma vez que os indivíduos se sintam parte desses espaços sociais. A visão de Sá (2005) requer que se alie a isso o sentimento de se “pertencer” em um viés mais subjetivo, incluído, fazendo e sentindo-se uma parte constituinte dele.

Essa consciência envolverá, além do aspecto racional, outros níveis, como o emocional e cognitivo, uma vez que a consciência que se tem sobre si e o meio é formada por subjetividades e emoções.(Catalão, 2007)³

Tornar-se-á necessário, ademais, contextualizar o jovem na realidade de sua família, grupo de amigos, bairro, comunidade, desprender como o contato com essas instituições sociais criará nele a vontade e as ferramentas necessárias que o possibilitem a assumir lutas e ideologias, por exemplo, para a criação de um ambiente mais saudável ou justo para se viver.

Parte-se do princípio de que a contextualização do mundo em que vive poderá despertar no jovem o espaço propício para o exercício das práticas necessárias à sua consciência. O resgate de sua história, da realidade de seu bairro servirão como ferramentas a facilitar esse trabalho. (MATURAMA, 2000).

Assim como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação [...] implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. (FREIRE, 1979, p. 18).

Freire condiciona, portanto, por meio das experiências, as relações do homem para o desenvolvimento do processo de ação e reflexão. E disso, da ação-reflexão, é que os homens criam a realidade que poderão transformar. (FREIRE, 1979).

³ Comunicação pessoal com Vera Catalão, UnB, em 31/05/2007.

Nesse universo de pensar e agir, na sociedade moderna, ressalta-se a noção do indivíduo como centro da realidade, o que redefine o processo de identificação e pertencimento. Desloca-se o indivíduo de espaços dantes constituídos, como da família para o espaço do trabalho. Surgem daí os atores que podem ser definidos por identidade própria, individuais ou de grupos, organizações, reconhecidos por si próprios e por figuras externas, capazes de modificar o ambiente no qual atuam. (NASCIMENTO, 2001).

O jovem enquanto compreendido como ator social nesse trabalho, não será tratado como um sujeito ecológico (CARVALHO; GRUN, 2005), pois não será focado de forma particular ou individualizada. Será representado por um grupo, aquele ao qual se identifica, cuja linguagem própria o distingue e que é base de sua referência enquanto parte que compõe e representa um todo. Deve ser entendido, portanto, com base em interesses específicos e conflitos particulares.

Nesse sentido, a identidade dos indivíduos, que se formam no grupo, em parte, poderá ser explicada por meio da reprodução do que lhes é repassado pelos demais membros do grupo. Contudo deve-se ressaltar que também são formados individualmente, por meio da reinterpretação que cada indivíduo faz do grupo. As pessoas dentro daquele sistema social funcionam ciclicamente, repassando adiante o que percebem e interpretam.

Por outro lado, ao refletir acerca das práticas sociais, alguns autores defendem a ocorrência de outro tipo de fenômeno. Para que práticas de intervenção educacional possam ocorrer de maneira efetiva e para que ela possa imbuir-se de significado para os indivíduos, autores como Posner (1982) e Dreifus et al. (1990) defendem que, no processo de ensino-aprendizagem, deverá existir uma mudança nos conceitos aprendidos anteriormente. A intenção não é de desconsiderar conceitos já aprendidos cultural e socialmente e nem se poderia sugerir tal pretensão, mas de reformulá-los por meio da criação de um conflito interno, por meio do qual as novas e as antigas concepções sejam confrontadas, construídas e desconstruídas mediante significações que sejam válidas para cada ser humano ou grupo. O resultado esperado dessas estratégias de embate, ora externa, ora interna (cognitiva) é que irá, segundo estes autores, definir a natureza da aprendizagem.

Para instigar uma intervenção educativa eficiente poder-se-ia, por exemplo, fazer perguntas: que tipo de experiência social e ambiental está sendo produzida em cada prática

educativa? Quais percepções sobre as relações individuais e sociais com o ambiente já existem e quais estão sendo construídas? Como percepções e conhecimentos novos e os já existentes se vinculam ao mundo de vida destes grupos, de modo a fazer sentido? Como esses encontros, entre educador e grupos sociais, produzem novas compreensões do mundo e do ambiente para ambos? (CARVALHO; GRUN, 2005).

Com isso, reforça-se a tese de que cada processo educativo deve possuir uma intencionalidade: aonde se quer chegar com aquelas práticas educativas? Evoca o desafio de seu comprometimento perante a superação dos obstáculos a serem encontrados. Provoca e fornece os questionamentos para a criação da situação de um conflito interno nos indivíduos. Acende a vontade que desperta as pessoas a indagarem-se: onde estamos, quais situações e condições de vida, nos deparamos no presente? E para onde queremos ir, quais seriam as condições ideais ou justas socialmente que buscamos? (FREIRE, 1979). Essas são perguntas tipicamente realizadas na adolescência, por exemplo.

O estudo das representações sociais é feito sobre um ser que, dinâmica e continuamente, se questionará a respeito das coisas e que tenderá a pensar e buscar respostas, o ser humano. Trata-se da compreensão que este se articulará continuamente sobre as coisas que o cercam, concretas ou abstratas, presentes ou passadas. Compreensão esta que não se dará apenas pelo contato com o mundo externo, mas pela própria comunicação social (MOSCOVICI, 2003).

Ademais, as representações sociais são conjuntos dinâmicos, fluídos, constituídos de sistemas que terão uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que terão como referência, tanto valores como conceitos, 'ciências coletivas' *sui generis*, destinadas à interpretação e à construção da realidade, da experiência vivida (ARRUDA, 2002; MOSCOVICI, 2003).

Enquanto Moscovici (2003) lembra que as representações sociais são criadas no decurso da comunicação e cooperação, e que uma vez criadas, criam vida própria, Jovchelovitch (1995, p. 68) ressalta que, se as pessoas vivessem isoladas em suas vidas privadas, não teria sido possível dar curso à história, nem à vida política. Isso porque é no espaço público que se dão os encontros da vida pública. (CARVALHO, 2007, p. 57).

É desse processo de pensar que se extrai o segundo pilar mais relevante nessa pesquisa, o *empoderamento*, que envolve a atuação-reflexão. Jovens com esse poder estarão "comprometidos consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos

grupos aos quais pertencem”, que segundo Freire (1979) terão as seguintes características: coragem, decisão, consciência. A partir daí, não se assumirão mais como neutros frente ao mundo. Apresentarão um comprometimento próprio que só existirá no engajamento com a realidade. Outrossim, envolverá o desafio, a superação de obstáculo (especialmente quando este for oriundo de uma consciência de impedimento da atuação para enfrentar aquele desafio).

É que, no jogo interativo do atuar-pensar no mundo, se, num momento da experiência histórica (na qual adquirem consciência...), os obstáculos ao seu autêntico atuar e pensar não são visualizados, em outros eles são percebidos para, finalmente, os homens ganharem com eles a razão. Os homens alcançam a razão dos obstáculos na medida em que sua ação é impedida. É atuando ou não podendo atuar que se lhes aclaram os obstáculos à ação, a qual se dicotomiza em reflexão. (FREIRE, 1979, p. 19).

Da compreensão deste *atuar-refletir* nasce o conceito de superação que se quer dar ênfase nesta pesquisa. Não apenas perceber seu meio, mas tentar transformá-lo, buscando as mudanças necessárias para assim poder conseguir modificá-lo. E para atuar, será preciso se sentir parte, pertencendo a um grupo e ao meio em que se vive.

Em oposição a esse conceito de incluir o jovem na transformação de sua realidade, Nascimento (2003) traz a concepção de exclusão social. Do ponto de vista histórico o conceito identifica alguns personagens na formação brasileira, tais como os índios e os escravos africanos, e sinaliza na modernidade o surgimento de novos personagens como os moradores de morro ou os homossexuais. A juventude também pode fazer parte do processo de exclusão social.

Excluídos porque não tem acesso a bens materiais ou simbólicos modernos ou não tem condições de participar da gestão pública, pelo simples fato de se encontrarem no patamar mínimo de sobrevivência. Além, evidentemente, de serem estigmatizados [...]. A identidade do pobre excluído é construída pela profunda desigualdade inerente ao sistema capitalista. O sistema capitalista moderno, em sua capacidade intrínseca de aumentar a produção e a produtividade de forma sistemática, criou uma mudança e uma variedade extraordinária de respostas às necessidades humanas, aumentando ao mesmo tempo estas mesmas necessidades. Mas, de maneira simultânea, criou um sistema de distribuição extremamente hierárquico, deixando em sua base uma enorme massa de pessoas destituídas de bens. (NASCIMENTO; 2003, p. 124).

Apesar de serem conceitos congêneres, a pobreza e a exclusão podem ser considerados conceitos distintos.

A representação social particular sobre o pobre ou os segmentos sociais

específicos [...] deve ser compreendida para que se tenha uma situação de exclusão social propriamente dita. A pobreza, assim como desigualdade, embora se relacionem com a exclusão social, em nossa sociedade moderna não se confundem [...] A situação de exclusão social, que se caracteriza pela existência de grupos sociais passíveis, no todo ou em parte, de eliminação física, pode-se transformar em regime de exclusão, ou seja, em formalização do reconhecimento destes mesmos grupos sociais. Enquanto tal, ela se alimentaria, necessariamente, de um imaginário que é incompatível com a democracia moderna ou com os ideais democráticos que fundaram a sociedade moderna. (NASCIMENTO, 1998, p. 38-39).

O pensamento de exclusão, que pode abarcar ou não a pobreza material, é reforçado por meio das diferenças entre o crescimento e o desenvolvimento. Crescimento, nos dias de hoje é medido pelo Produto Interno Bruto (PIB), pela instalação de indústrias modernas, de arquipélagos - espaços que são controlados por poucos, da concentração de riqueza nas mãos de uma minoria, de substituição de trabalho por capital, de um modelo concentrador e excludente, que continuará ainda a produzir a heterogeneidade de renda. Já o desenvolvimento ultrapassará a multiplicação de riquezas materiais.

O crescimento será uma condição necessária, mas insuficiente, por si só, para alcançar melhor qualidade de vida para todos. No entanto, desenvolver uma determinada região poderá significar incrementos na qualidade de vida das pessoas que lá residem (SOUZA, 2003).

O desenvolvimento sustentável, segundo essas concepções de desenvolvimento pautado em qualidade de vida, abarca processos de mudanças políticas, sociais, econômicas e institucionais que visam assegurar a satisfação das necessidades básicas da população e a equidade social, tanto no presente quanto no futuro, promovendo oportunidades de bem-estar econômico que sejam compatíveis com as circunstâncias ecológicas de longo prazo (JARA, 1997).

A própria idéia de sustentabilidade, de uso racional dos recursos naturais em benefício de gerações futuras, traz consigo a proposta da "solidariedade" inter-geracional. Então o desenvolvimento sustentável está na dependência de algo abstrato que se materializa em leis, restrições, normatizações e outros instrumentos que só existem pelo fato de não sermos capazes de ser, de certa forma espontânea, solidários. (SOUZA, 2003, p. 14).

A proposta de Souza (2003), da relação entre os conceitos de qualidade de vida e sustentabilidade, pode ser resumida no vocábulo: solidariedade. Na opinião deste autor, este conceito desafronta o exclusivismo, a falta de respeito com o próximo, aspectos dos

quais derivam todas as práticas que interferem na qualidade de vida das pessoas. O exercício da solidariedade, ao contrário, impõe respeito, consenso, dependência recíproca que ajudarão a diminuir a idéia exclusivista do “eu”, as desigualdades e a miséria. Propõe a transformação para outro tipo de sociedade, no fortalecimento de valores pautados no compromisso mútuo para com o outro.

De nada aproveitará o desenvolvimento, seja ele qual for, se as gerações futuras, em grande parte, tiverem de ser excluídas pela marginalização de suas populações e pela falência das condições de vida no planeta Terra (SOUZA, 2003).

Jara (1997), no entanto, adverte quanto ao fortalecimento de uma corrente de pensamento que promove o reducionismo conceitual da sustentabilidade, apenas como princípio de conciliação entre o crescimento econômico e a gestão racional dos recursos naturais. Para a autora, “a visão economicista do mundo não é o mais importante referencial para construir uma sociedade sustentável”. Precisaremos, sim, desenvolver uma nova visão do mundo local englobado, “que se preocupe mais com qualidades que com quantidades, partindo de valores baseados na experiência cultural e humana”, uma vez que se deva reconhecer que “desenvolver economicamente uma localidade, poderá tornar uma realidade social mais amena, sem que haja, obrigatoriamente, um incremento em qualidade de vida.”

Ao contrário, o desenvolvimento será impulsionado pelo emprego, pela redução do abismo entre ricos e pobres, centro e periferia, por condições que permitam a sustentabilidade. Importantes contribuições redefinirão esse conceito (desenvolvimento) em termos da universalização e do exercício efetivo de todos os direitos humanos: políticos, civis e cívicos; econômicos, sociais e culturais; bem como direitos coletivos ao desenvolvimento, ao ambiente (SACHS, 2004).

Surgirá o direito ao trabalho como porta de entrada para o exercício desses direitos humanos, pois o trabalho será entendido como facilitador ao acesso a serviços que deveriam ser substancialmente públicos como a educação, saúde e moradia. (SACHS, 2004).

Por meio de uma inclusão justa, outrossim, a educação será essencial ao desenvolvimento, uma vez que contribuirá para o despertar cultural, a conscientização, a compreensão dos direitos humanos, aumentando a adaptabilidade e o sentido da

autonomia, autoconfiança e a auto-estima. (SACHS, 2004).

O valor da educação também se estenderá ao trabalho como instrumento para a empregabilidade. Será condição necessária, mas não suficiente para acesso a um trabalho decente. Deverá vir junto com um pacote de políticas (SACHS, 2004).

Pode-se incluir no rol de oportunidades citadas por Sachs (2004) o acesso à informação para efetivar o exercício da democracia e dos direitos civis. Não se poderia falar em um regime democrático quando se excluiu o acesso às condições que efetivam o reconhecimento dos direitos que estão sendo perdidos. A consciência desses direitos, além de identificar lacunas que deverão ser preenchidas por outros atores sociais poderão vir a favorecer o processo de emancipação e autonomia dos excluídos economicamente e/ou socialmente da sociedade civil, além de abrir o caminho para uma educação libertadora postulada por Freire (1979), por meio da qual conhecer os desafios a serem enfrentados será o primeiro passo para superar esses obstáculos.

A visão de desenvolvimento local integrado sustentável abarcaria o desenvolvimento (do capital social), os níveis de cooperação e confiança entre as pessoas, o desenvolvimento humano enquanto fator gerador de desenvolvimento (de habilidades, conhecimentos e competências), como uma estratégia de promoção e combate à pobreza não só material, mas de alma (PAULA, 2008).

Para a construção de comunidades humanas sustentáveis (e o alcance da sustentabilidade) sugere-se a adoção de cinco princípios ecológicos básicos. São eles: a cooperação, a interdependência, a reciclagem, a flexibilidade e a diversidade. (CAPRA, 2006).

Esses princípios ecossistêmicos de Capra podem ser compreendidos da seguinte forma:

- A Cooperação – como princípio a envolver parceria entre amigos e membros de uma mesma comunidade, no qual se requer o entendimento da necessidade dos outros, co-evoluindo com eles. Essa compreensão vai ao encontro da solidariedade proposta por Jara (1997) e Souza (2003);
- A Interdependência - como percepção de relações intrínsecas para a

sobrevivência do grupo, da rede que o compõe, dos intercâmbios cíclicos de energia e demais recursos e papéis;

- A Reciclagem – que demanda a compreensão de fluxos cíclicos, bem como a otimização e economia de recursos, re-planejando o ambiente no qual se vive;
- A Flexibilidade - requer o entendimento de complexidade, solicita um equilíbrio dinâmico para gestão das relações dentro da comunidade e capacidade de seus integrantes de adequarem-se às mudanças de contexto: quanto mais variáveis forem mantidas em flutuação, mais dinâmico será o sistema, maior será a sua flexibilidade e maior será a sua capacidade para se adaptar (STONE; BARLOW, 2006);
- A Diversidade - surge como uma das causas da complexidade do sistema e de seu padrão de interconexões. Diversidade significa a existência de muitas abordagens para se resolver um mesmo problema. Uma comunidade com esse molde significa um espaço com elasticidade, capaz de se adaptar a situações mutáveis. No entanto, a diversidade só será uma vantagem estratégica se houver comunidade sustentada por uma teia de relações (STONE; BARLOW, 2006).

A Educação Ambiental surge como uma nova forma de perceber o papel do ser humano no mundo. Na medida em que parte de reflexões mais aprofundadas, ela é bastante subversiva. Na busca de soluções que alterem ou subvertam a ordem vigente, propõe novos modelos de relacionamentos mais harmônicos com a natureza, novos paradigmas e novos valores éticos. Com uma visão holística e sistêmica, adotará posturas de integração e participação, onde cada indivíduo será estimulado a exercitar plenamente a sua cidadania. A Educação Ambiental poderá aparecer como um despertar de uma nova consciência solidária a um todo maior. É com a visão do global e com o desejo de colaborar para um mundo melhor que se pode propor um agir local novo. Daí a importância de integrar conhecimentos, valores, capacidades que possam levar a comportamentos condizentes com este novo pensar. Em um mundo mais ético, todas as espécies têm direito à vida e a relações humanas mais justas (PÁDUA, 1999, p. 7-8).

Poderemos definir Educação Ambiental por diversos conceitos. A abordagem desse estudo refere-se a ela como uma ferramenta de educação não-formal e fundamental para a resolução de problemas de modo amplo, a partir de bases filosóficas holísticas, de

sustentabilidade e de aprimoramento. É um conceito que requer a integração de diversos elementos (fatos, metas, problemas, modelos, soluções, recursos, valores, escolhas, implementação e avaliação) em seus variados contextos. Inclui uma abordagem humanista, de responsabilidade pelo sistema global, tendo atitudes de respeito e reverência para com o meio ambiente. Não é uma disciplina formal, não “substitui ou ultrapassa as disciplinas acadêmicas”, mas precisa e aplica-se a todas elas. Envolve subsídios de distintas áreas e disciplinas com conhecimentos integrados e cujas questões envolvidas se dão sob novas perspectivas, fornecendo novas aplicações. (PÁDUA, 1999, p. 17). Especialmente, tem tempo certo para começar e terminar, diferentemente dos processos de Educação Ambiental informais.

Quando nos referimos a projetos educacionais podem ocorrer três tipos de processos: formais (sistemizados, dentro de salas de aula), não-formais (proposto por ONGs ou ainda pelas instituições de ensino, mas planejados a ocorrer em períodos definidos) e as informais (processo contínuo e permanente). A Educação Ambiental também poderá ocorrer dessas três maneiras.

O ensino de Educação Ambiental não-formal seria conceituado, em atividades ou programas organizados e estruturados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos que não correspondam exatamente à definição de "educação formal", sem uma seqüência gradual, mas ocorrem durante um período contínuo e pré-determinado de tempo.⁴

A Educação Ambiental dentro da perspectiva não-formal estará presente em setores da sociedade, como no terceiro e segundo setor, instrumentalizada em diretrizes de políticas governamentais. A Política Nacional de Educação Ambiental (Lei n. 9795/99) surge como importante ferramenta de auxílio para as ONGs, estados e a iniciativa privada. Concebida como educação não-formal, surge como um estimulador para a proposição de outras políticas públicas, presente também nas salas de aula, permeando disciplinas da educação formal (CASCINO, 1999).

⁴ Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/pesquisa>>. Acesso em: 06/2009.

Por outro lado, a Educação Ambiental pode estar envolvida em um processo de ensino informal. Ou seja, estar contida ao longo da trajetória de vida dos indivíduos e também poderá estar compreendida em um:

Processo de aprendizagem contínuo e incidental que se realiza fora do esquema formal e não-formal de ensino. [...] Tipo de educação que recebe cada indivíduo durante toda sua vida ao adotar atitudes, aceitar valores e adquirir conhecimentos e habilidades da vida diária e das influências do meio que o rodeia, como a família, a vizinhança, o trabalho, os esportes, a biblioteca, os jornais, a rua, o rádio, etc. (CARO, 2003, p. 26).

Das diferentes formas de Educação Ambiental, como saber quais são as que apresentam uma melhor eficiência?

Carvalho e Grun (2005) expõem um complexo desafio presente nesse campo educativo: o pensamento que diz respeito às idéias de causa-efeito, requisito muitas vezes implícito nos processos e metodologias utilizadas no ensino. Para os autores, essas concepções lineares (de causa-efeito) buscam associações muitas vezes restritas a relações dicotômicas de objetivo-resultado. Perdendo, assim, o seu sentido ao longo do tempo, quando essas relações deixam de ser diretas ou quando os resultados, geralmente, resumidos em dados quantitativos, passariam a ser “informais”. Para preencher essa lacuna, o que se sugere, segundo os autores, é a avaliação numa perspectiva hermenêutica de “prática igualmente dialógica e investigativa, igualmente produtora de novos sentidos sobre a ação” (CARVALHO e GRUN, 2005, p. 249), pressuposto que traria como reflexo a ocorrência de um processo educativo e não somente de um projeto isolado e restrito ao tempo de sua ocorrência.

Intervir em contextos sociais distintos, mesmo que intenção seja inicialmente apenas trabalhar a questão ambiental, exigirá do educador ambiental a inserção na realidade do outro, em suas múltiplas dimensões.

Como sugerido por Freire (1979) a escolha das estratégias adequadas às temáticas identificadas demandará a reflexão acerca de situações pertinentes para aquele contexto. Solicitará a elaboração de um projeto único, uma vez que cada realidade em si comporta as suas próprias especificidades, demandas e desafios. Exige do educador criatividade perante os recursos que disporá naquele meio, bem como coragem e iniciativa sobre os desafios a serem transpostos.

Outrossim, requererá do educador a percepção que existem diferentes formas de encarar os desafios e selecionar as formas de avaliar seus impactos. A avaliação desses processos educacionais deverá levar em conta, preferencialmente, aquela que melhor se adéqüe a sua realidade (FREIRE, 1979).

Desafios da juventude na sociedade brasileira atual

Conforme Nascimento (2003, p. 129), os jovens são assaltados por inúmeros problemas, desafios e incertezas, alguns antigos e outros novos: pobreza, desigualdade social; as crescentes dificuldades quanto à inserção no mundo do trabalho; os problemas da escolarização e da qualificação profissional; a expansão da delinqüência e da droga; a precariedade dos espaços de lazer e esporte; a perda de confiança na efetividade do sistema jurídico; além do desinteresse pela vida política e participação pública.

Os dilemas apontados por Nascimento (2003) assentam-se na falta de perspectivas e de projetos por parte dos jovens em relação ao seu futuro. Dessa forma, o desafio da sociedade brasileira seria, sobretudo, segundo este autor, crescer integrando, redistribuindo riquezas, em um novo contexto econômico e social. Dessa forma seria possível recuperar, entre os jovens, a idéia de futuro.

Se, por um lado a história é transformação, vivência com o mundo, o contexto social da qual aquela é formada não envolverá apenas a aquisição de conhecimento, dentro do processo de ensino-aprendizagem formal, mas também envolverá outros aspectos como percepção, pertencimento, relação de alteridade: sentir-se parte de algo, ou de um grupo, ter o outro como referência. Envolverá transformação “em coexistência com o outro”, pois o ser humano precisará da interação meio-mundo para significar-se no mundo, socialmente, uma vez que se constitui como um ser social, que depende do outro para viver em sociedade. O fluxo do viver, o seu caminhar no mundo e a sua pegada ecológica serão mudanças estruturais contínuas (MATURAMA, 2000).

É na juventude que se experimenta a validade desse mundo, é o começo de uma vida social e individual que exigirá postura mais responsável (ou não) perante o mundo e a vida. Nesse quesito, a educação (formal ou não-formal) consistirá em um sistema que poderá lhes fornecer algumas ferramentas para configurar o mundo, de confirmar a sua vivência (MATURAMA, 1998, 2000).

Construir as condições para criar e desenvolver um projeto integrado, que inclua ao invés de excluir, que possibilite aos jovens a realização pessoal com as ferramentas de seu próprio meio e que, principalmente, lhes possibilite uma forma de continuarem sonhando, construindo, validando o seu mundo por meio de experiências positivas é o que deve propor cada projeto de intervenção educacional desenvolvido com e para jovens.

Em especial, projetos que envolvam jovens de regiões consideradas de periferia devem avaliar e procurar entender as implicações que isso representa para o grupo. A música *Capítulo 4, Versículo 3*, da banda brasileira de *rap Racionais*, alerta para uma das possíveis conseqüências de se morar em periferias em nosso País: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial”.

Capítulo 4 Versículo 3

60% dos jovens de periferia
sem antecedentes criminais
já sofreram violência policial
a cada 4 pessoas mortas pela policia 3 são negras
nas universidades brasileiras
apenas 2% dos alunos são negros
a cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo
aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente...

Os Racionais

Periferias podem representar muita coisa e não dizer nada, ou pode pesar muito para aqueles que nela vivem. Periferias podem ser retratadas como locais à parte, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas como subúrbio, à margem de um sistema excludente (CALDEIRA, 1984).

No entanto, a referência que se pode ter de periferia não necessariamente abarcará o contexto geográfico: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura (CALDEIRA, 1984).

Seus moradores serão excluídos socialmente ou discriminados por terem menor renda *per capita* e baixa empregabilidade, conquanto serão incluídos em outros quesitos, como a solidariedade, fator fortemente presente em comunidades de periferia (CHIEIRA, 1996) e princípio pelo qual os membros de uma mesma comunidade auxiliam-se e suprem os seus vizinhos por meio do atendimento às suas necessidades, mesmo quando também sofrem

com essas carências.

As periferias, subúrbios ou favelas, qualquer que seja o nome dado para os locais precariamente assistidos pelo poder público, podem retratar o desprezo com que são tratados pelo Estado (ATHAYDE; MV BILL, 2006) ou podem expor sua invisibilidade perante uma sociedade que tenta os excluir. (JÚNIOR, 2003). Por essas duas formas de olhar, ambos os conceitos estão destinados ao isolamento.

Muitos moradores de periferia foram realocados, geralmente, para longe dos centros urbanos, de onde alguns resistiram, criando novos espaços “provisórios” de residência que acabaram se tornando definitivos e precários, sem as condições básicas para uma vida saudável. Algumas vezes em decorrência dessa temporalidade ilusória e de menor disponibilidade econômica, seus membros acabam por se manterem em espaços sem infraestrutura, distantes dos pólos empregatícios, sobrevivendo dos empregos informais e sub-empregos, alguns do tráfico e da violência.

De acordo com o Secretário de Igualdade Racial, João Francisco dos Santos, em agosto de 2008⁵, as favelas retratam parte da história do Brasil, de sistemas estigmatizados, que repercutem em números a exclusão social e econômica ainda sofrida por grande parcela da população. Retratam um conto que poderia ser diferente.

Metodologia

A delimitação das técnicas dessa pesquisa se deu pela escolha de ferramentas que auxiliaram a interpretação e exposição dos campos semânticos expostos no referencial teórico e que foram vistos em campo: juventude, periferia, pertencimento, exclusão social, intervenção, meio ambiente, sustentabilidade, processo de ensino-aprendizagem, mudança e transformação social. A percepção desses elementos foi unida à análise qualitativa e quantitativa desses aspectos, observados e vivenciados nos trabalhos de campo. Que culminaram com os resultados da experiência ser relatada (Capítulo 4).

A análise do material buscou ultrapassar o olhar imediato, para atingir a compreensão das significações por trás desses conceitos, seus conteúdos e estruturas latentes. A

⁵ Contato pessoal em evento promovido pela CUFA em Ceilândia-DF.

integração dessas descobertas procurou transpor a aparência e almejou a composição de um quadro de referência da totalidade social, como sugere Bardin (1979).

Entendemos o campo, na pesquisa social e qualitativa como o objeto de investigação recortado espacialmente. O entendimento das questões percorridas no universo da pesquisa consistiu no contexto social observado e na trajetória de jovens, após dois anos da conclusão da intervenção educacional realizada com eles, constituídos teoricamente como componentes desse objeto de estudo. Nos trabalhos de campo, os jovens fizeram parte de uma interação social com o pesquisador, de uma relação de intersubjetividade, resultando daí um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta quanto com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos (MINAYO, 1998).

Os trabalhos de campo constituíram a base da metodologia qualitativa empregada. Nela, os objetos de estudo estruturados não foram analisados como em laboratórios, com variáveis pré-determinadas ou fixas, mas tiveram como objetivo serem percebidos na realidade em que se encontravam (MALINOWSKI, 1978). Isso requer do investigador um esforço em adaptar o planejamento das atividades de campo à realidade e disponibilidade de participação dos investigados.

Entendemos por análise do contexto dos jovens nesse estudo, a realidade percebida (observada), decodificada e vivenciada (REY, 2005), do pesquisador inserido no campo de estudo, “de um olhar mais de perto e de dentro” (MAGNANI, 1998). A observação de “um domínio infinito de campos inter-relacionados”, como sugere Rey (2005), realizado por meio da junção desses dois elementos: observação e inserção dentro da realidade do grupo pesquisado, uma vez que a investigação é guiada por um complexo sistema de práticas inseparáveis da realidade estudada.

O conhecimento inferido da realidade, no caso desta pesquisa, foi imbuído de um caráter construtivo-interpretativo dado pela investigação qualitativa, de aspectos “significados” decorridos da investigação do grupo de jovens que participou da experiência pesquisa. A investigadora precisou, nesse sentido, traduzir esses símbolos percebidos e interpretar as suas significações. E para isso, utilizou-se das referências teóricas que dispôs no presente Capítulo (e nos seguintes), que construíram a referência de estudo (REY, 2005).

Há que se ressaltar, no entanto, que essa forma de interpretar os dados constituiu-se em apenas uma forma de observar e representar a realidade percebida. Sendo um ponto de vista dentre muitos outros possíveis. Ao investigar, a pesquisadora fez uso de uma lógica própria, de acordo com as lentes com as quais enxergou aquela realidade. Por isso é que, de acordo com Rey (2005), trata-se de uma visão indireta (conforme os significados interpretados) e de uma das partes.

É impossível pensar em termos acesso ilimitado e direto ao sistema do real, portanto tal acesso é sempre parcial e limitado a partir de nossas próprias práticas. (REY, 2005, p. 59).

A representação do grupo quanto aos aspectos pesquisados em campo, sustentabilidade e empoderamento, ocorreu por meio da seleção de comunidades que participaram do Projeto Rastreamento Vidas, realizado durante os anos de 2005 a 2006 na região de Itaqui-Bacanga, São Luís (MA). Foram investigados 44 jovens em quatro comunidades de Itaqui-Bacanga (IB): Vila Embratel, Gapara, Alegria-Maracanã, e Vila Maranhão. Foram estas comunidades que, dentro do universo das 10 comunidades contempladas no Projeto Rastreamento Vidas, tiveram o número mais significativo de jovens participando da experiência com a ONG, conforme Apêndice A.

Após a experiência dos jovens com a ONG, a pesquisa foi composta pelo seguinte universo:

- Na comunidade 1 (Vila Embratel) - 28 jovens;
- Na comunidade 2 (Gapara, também conhecida como Argola e Tambor) - 7 jovens;
- Na comunidade 3 (Alegria-Maracanã) - 6 jovens;
- Na comunidade 4 (Vila Maranhão) - 3 jovens.

Foi por meio do olhar dos participantes do *Projeto Rastreamento Vidas (PRV)* de educação ambiental que a pesquisadora buscou captar os passos dados por essas pessoas, ou seja, os possíveis *rastros* deixados pela atuação da ONG Pegadas em suas vidas.

A participação dos jovens amostrados ocorreu por meio dos trabalhos de campo realizados em 2008 e 2009 e compreendeu dois períodos de campo: a fase de percepção (no ano de 2008) que consistiu de aplicação de diagnóstico no local pesquisado e na apreensão da percepção dos 44 jovens a respeito da sustentabilidade e empoderamento em

suas comunidades, e a fase de condensamento, no ano de 2009, período em que a pesquisadora consolidou dados que haviam ficado em aberto sobre a sustentabilidade das comunidades e os aspectos sociais relacionados a elas. No último trabalho de campo, em 2009, a pesquisadora conseguiu entrevistar 13 jovens.

As técnicas utilizadas para os trabalhos de campo envolveram, em 2008: a aplicação de questionário (Apêndice B), grupo focal nas quatro comunidades e entrevistas semi-estruturadas (ambos contidos no Apêndice C e no DVD em anexo) e, em 2009, a aplicação de questionário (Apêndice D).

A pesquisa de campo teve início em maio do ano de 2008, com a seleção de indicadores que objetivaram mensurar a expressão e interiorização dos aspectos a serem investigados em relação à sustentabilidade e ao empoderamento⁶ e ocorreram de acordo com as linhas do Banco Mundial (KUSEK; RIST, 2004), MPOG (2008) e IBGE (2008). Os questionários de 2008 contiveram indicadores desses elementos que foram avaliados por peso, conforme o Apêndice B.

A idéia de sustentabilidade questionada aos jovens partiu da análise de indicadores de sustentabilidade do IBGE (2008) e segundo os princípios da construção de sociedades sustentáveis de Capra (2006), ambos quanto à intervenção educacional realizada, e foram também inferidos do Código Nacional de Vigilância Sanitária (BRASIL, 2007) para a realidade vivenciada e observada pela pesquisadora.

Já o empoderamento foi investigado de acordo com o contrato realizado pelo ONG Pegadas com a instituição financiadora (Anexo B), com preceitos de liderança abarcados pela metodologia *The Tracking Project* (STOKES, 2009) e dos processos de ação-reflexão e superação de obstáculos proposto por Freire (1979). Dessa junção foram construídos os indicadores de comportamentos e ações de empoderamento analisados nos jovens após o Projeto Rastreado Vidas (PRV).

⁶ Nessa pesquisa, considerou-se por indicadores a expressão e a interiorização de alguns aspectos no cotidiano dos jovens, no transcurso de tempo entre o início da experiência pesquisada e a sua análise. Entendemos que os indicadores utilizados, representaram a forma como esses pontos se expressaram no dia-a-dia e na forma de pensar do grupo investigado quanto ao que foi pesquisado. (MPOG, 2008).

Todos os trabalhos de campo realizados no ano de 2008 foram filmados em dois DVDs para registro e receberam a autorização por escrito dos jovens⁷ para serem utilizados na pesquisa, de acordo com modelo exposto no Anexo C. Foram ao todo 45 dias de estudo em campo, compreendidos entre os meses de julho e agosto de 2008, que incluíram a aplicação de questionários e grupos focais nas comunidades pesquisadas e que culminaram com a seleção de sete jovens entrevistados. Os DVDs anexados, também contêm as entrevistas com as organizações que participaram da experiência e com as secretarias municipais que apoiaram a pesquisadora com informações que subsidiaram o diagnóstico

O período de campo em 2008, também compreendeu o acompanhamento dos jovens em suas comunidades de sociabilização, aquela na qual identificavam-se, residiam ou possuíam o maior número de amigos ou afins. Uma introdução na realidade dos jovens significou estar presente em seus eventos, em seu dia-a-dia, no cotidiano de suas famílias e demais instituições sociais, percebendo posturas, falas e como o jovem expôs seus discursos. O objetivo dessa técnica foi analisar o jovem inserido no grupo ao qual pertence ou possuía esse sentimento de pertencimento, além de fugir de um olhar distanciado e superficial da realidade pesquisada. Recorreu-se, por isso, a Freire (1979), Magnani (1998) e Malinoski (1978).

Em 2009, após o que foi percebido e diagnosticado no ano anterior, a pesquisadora retornou ao campo em decorrência da necessidade de abordar questões sociais que haviam sido repassadas vagamente pelos jovens à pesquisadora em 2008. Recorreu-se, então, novamente aos questionários devido ao tempo disposto, três dias em campo (Apêndice D).

No trabalho de campo realizado em fevereiro de 2009, foram especialmente observados os impactos que a residência em locais de periferia significava ao grupo. Deu-se preferência à formulação de perguntas que pudessem fornecer noção mais ampla da realidade daqueles jovens, em especial ao que concerne ao seu empoderamento e a sua situação social após a conclusão do projeto. Os três dias necessários a coleta de informações foram seguidos pela interlocução com jovens, até três meses depois, em junho de 2009, para a conclusão do processo de investigação.

⁷ E demais pessoas entrevistadas.

CAPÍTULO 2.

ITAQUI-BACANGA - SÃO LUÍS (MA): O CAMPO DA PESQUISA

2. ITAQUI-BACANGA-SÃO LUÍS (MA): O CAMPO DA PESQUISA

Embora o Brasil tenha sido colocado pela primeira vez entre o grupo de nações com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), uma análise posterior⁸ do Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 (PNUD, 2007-2008) indica que este índice ainda deveria ser revisto e atualizado pelo governo junto aos órgãos internacionais.

Apesar da “melhora do IDH brasileiro, constante – desde 1975”, o discurso do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) no qual “todos os componentes que formam o índice vêm apresentando melhora” – merece uma análise com cautela quando analisamos as reais dimensões dentro dos estados brasileiros, como por exemplo, o Maranhão.

O Estado do Maranhão é composto por 217 municípios, compreende uma área física (331.983.293 Km²) onde está distribuída uma população de 6.118.995 habitantes. (IBGE, 2007).

De todos os municípios que compõem o Estado, cinco são importantes de serem destacados, justamente por serem estes os locais que concentram 53,8 % da economia regional. São Luís se encontra em 1º lugar, seguido de Imperatriz, Balsas, Açailândia e Caxias. Apenas a capital, São Luís, concentra 36% do PIB do Estado, o que representa R\$9.340,94 bilhões. Um percentual significativo se comparado às outras cidades, que correspondem, respectivamente a 6,89% 5,28%, 2,68% e 2,08% (IBGE, 2005).

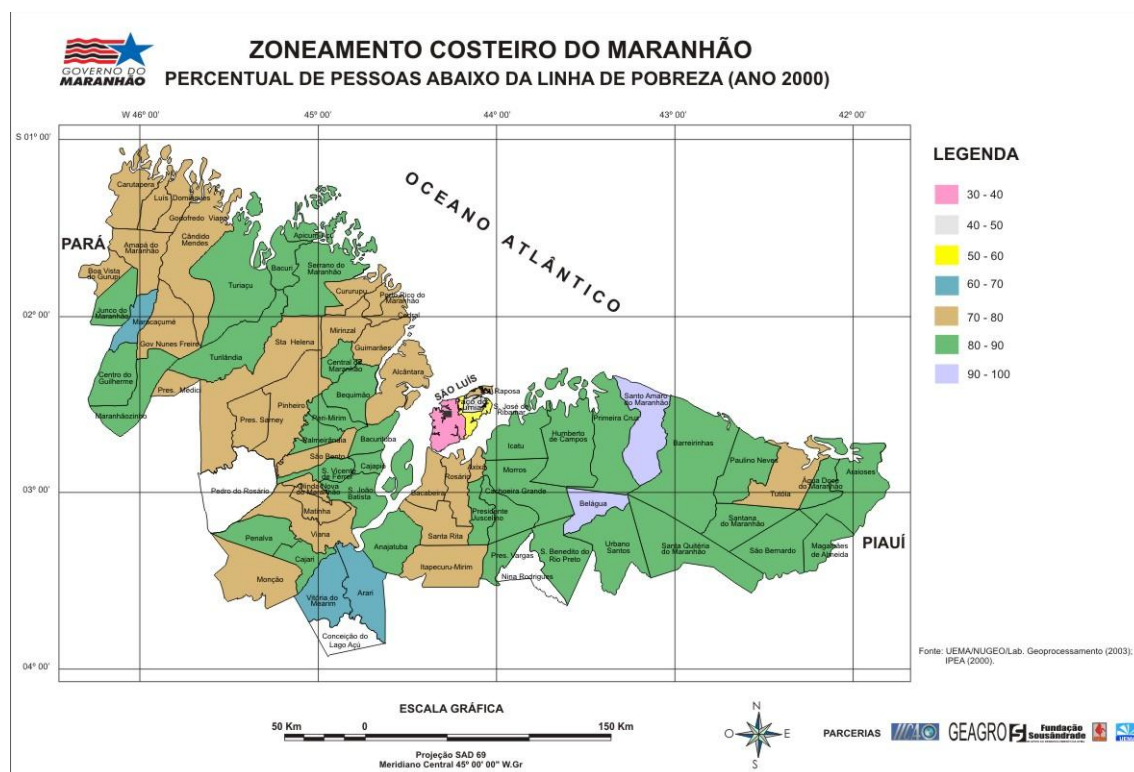
A principal atividade econômica da cidade da capital do Estado, São Luís, é o comércio de derivados de petróleo. Imperatriz a principal atividade é o comércio por atacado de caminhões novos e usados; o comércio de soja em Balsas; a indústria de transformação de ferro gusa em Açailândia); e em Caxias, a principal atividade econômica a repercutir no PIB estadual é a administração pública, defesa e seguridade social, em outras palavras, a prestação de serviços de natureza gratuita à coletividade em Caxias.⁹Analisando outros índices, como o Índice de Desenvolvimento Humano divulgado pelo PNUD - (2000/2005), o

Estado do Maranhão possui um dos piores IDH do País, perdendo em 2005, somente para o Estado de Alagoas.

⁸ Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2007/12/03/revisao_de_numeros_pode_elevar_ainda_mais_o_idh_do_brasil_em_2008_1103636.html

⁹ Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=552581&page=27>

A pobreza que assola a parte costeira do Estado pode ser observada a seguir:



Mapa 1. Percentual de pessoas abaixo da linha da pobreza (ano 2000).
 Fonte: Universidade Federal do Maranhão, 2003.

O Maranhão, o terceiro menor IDH do País, constitui-se de distintas partes que o compõe, ambiental, cultural e socialmente.

O Maranhão é um estado do meio norte brasileiro, um preciosismo para nomear a região geograficamente multifacetada que é ponto de inserção entre o nordeste e a Amazônia [...]. Pleno de riquezas naturais, tem farta agricultura e pecuária, uma rica culinária e diversa e uma cultura popular exuberante.

Em seus tempos de apogeu literário, São Luís, tornou-se conhecida como a “Atenas brasileira”. Mais recentemente pela reputação de cidade amante do *reggae*, ganhou a alcunha de “Jamaica brasileira”. Não me espantará que num futuro próximo o Maranhão venha a ser chamado de “Uganda brasileira” ou “Haiti brasileiro”. A semelhança com o quadro de absoluta miséria social a que célebres ditadores levaram-no, além do apaixonado apego ao poder [...]. (BALEIRO, 2009).

O rápido e desordenado crescimento pelo qual o Estado passou continua a provocar a retirada de muitas pessoas da zona rural para as cidades maranhenses. Este pode ser considerado um dos motivos para os desafios socioeconômicos e ambientais encontrados no Estado.

As últimas décadas brasileiras foram marcadas pela expulsão de mais de 30 milhões

de pessoas do campo para as cidades brasileiras devido ao modelo implantado de modernização da agricultura. E o Maranhão não foge desse padrão. (MOLINA, 2003).

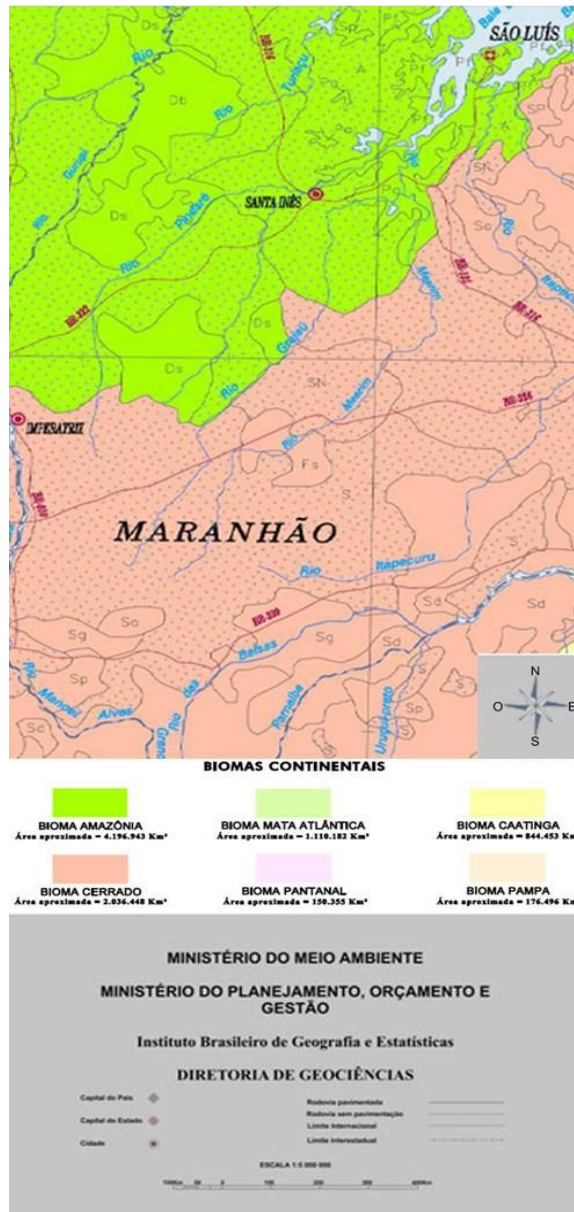
Diversas cidades no Maranhão passam por isso. Altera-se a vegetação local, mesclam-se desordenadamente áreas verdes naturais com áreas administrativas e industriais (VALE, 2008). Como consequência, o Estado se empobrece como um todo. Funde-se a perda da biodiversidade com a histórica luta pelo desenvolvimento da região. (MUNIZ et al., 1994, fotografia 1).



Fotografia 1. Biodiversidade e desenvolvimento em São Luís-MA
Autor: Flávia Mochel.

Quanto à questão ambiental, o Estado do Maranhão está interconectado geograficamente por diversos biomas, em especial: Caatinga, Amazônia e Cerrado (Mapa 2). Por conter estas três ecorregiões e sofrer a influência direta desses domínios, segundo Moura (2008)¹⁰, o Estado possui uma rica mega diversidade biológica e espécies com alta capacidade de adaptação.

¹⁰ Jornal Pequeno. Opinião. Manejo das Rebrotas dos bacurizais nativos nos biomas maranhenses: uma alternativa para garantir a sobrevivência desta espécie, recuperar áreas degradadas, desmatadas e evitar queimas na roças. (MOURA, 2008).



Mapa 2. Biomas do Maranhão

Fonte: IBGE, 2004.

Das três ecorregiões reconhecidas, o Cerrado é o bioma mais representativo (VELOSO et al., 1991 apud VALE, 2008) e contém cerca de 65% do território estadual. Tendo sido alvo de preocupação em pesquisas que alertam para a acelerada degradação percebida, fruto da produção de carvão vegetal, cultivos de eucalipto, soja e desmatamentos acelerados da mata nativa que levam consigo a riqueza nutricional de espécies nativas (MOURA, 2008).

Também, no Estado do Maranhão, estão presentes dois dos 25 centros de endemismo do bioma amazonense. Esse endemismo representa áreas florestais diferenciadas, onde a biodiversidade é particularmente alta, com espécies regionais únicas (VALE, 2008; SILVA et

al., 2005).

Considerando o bioma Amazônia, duas fitofisionomias estão presentes no Estado (VALE, 2008): as “Florestas de Babaçu do Maranhão”, observadas no extremo noroeste da capital e na porção centro-norte do Maranhão, e “Mangues do Maranhão” (Fotografias 2 e 3) a ecorregião que ocupa, principalmente, a faixa litorânea atlântica no centro-oeste do Estado (CAPOBIANCO et al., 2001). O Maranhão é descrito como um estado dentre três brasileiros compreendidos na maior extensão de manguezais do mundo.



Fotografia 2. Casas de Palafitas em região de manguezal, Município de São Luís.



Fotografia 3. Casas de Palafitas em Raposa-MA, Município de São Luís.

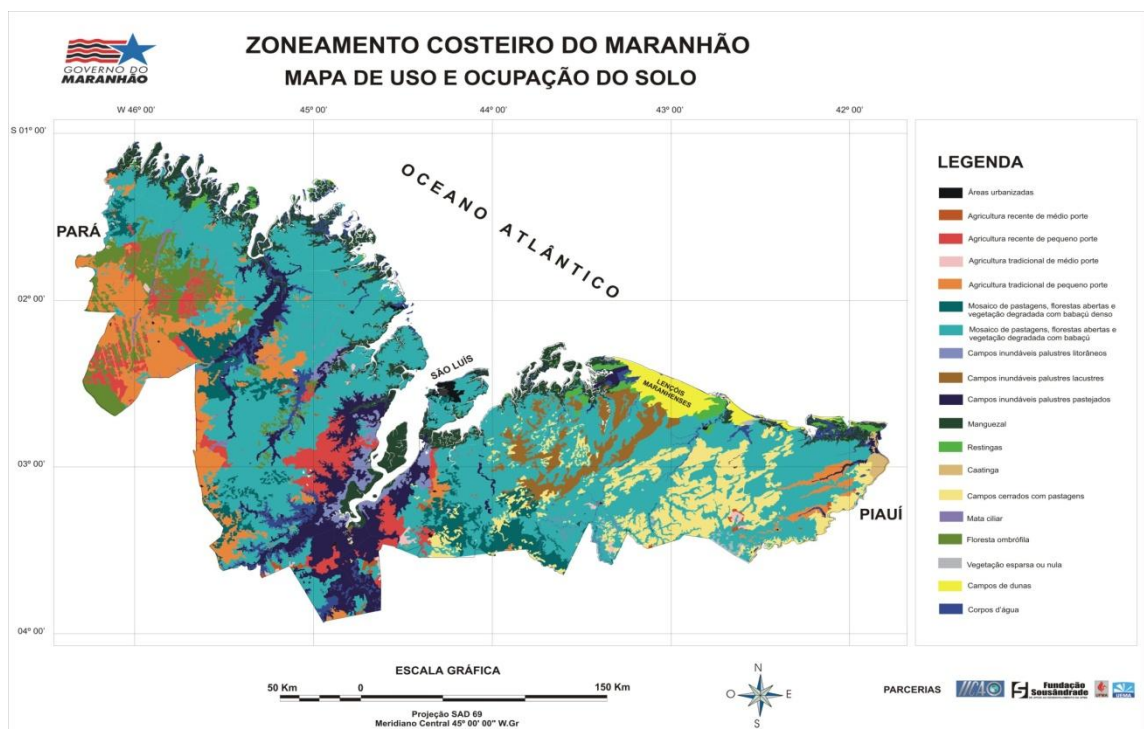


Fotografia 4. Vista da água doce dos Lençóis-maranhenses



Fotografia 5. Vista dos Lençóis-maranhenses

Se considerada a biodiversidade como fonte de bens essenciais e serviços ambientais, tornam-se claras as “ações antrópicas associadas às degradações ambientais, expansão as fronteiras agrícolas, a não-valorização de riquezas naturais” no Estado relatadas por Moura, (2008) e observadas na figura a seguir (Mapa 3). A redução da biodiversidade impactaria a extinção de espécies em âmbito local/regional, o futuro da agricultura no Estado, afetando condições de segurança alimentar e nutricional do Estado e do País - em relação ao atendimento à demanda crescente por alimentos de sua população.



Mapa 3. Zoneamento Costeiro do Maranhão.

Fonte: Universidade Federal do Maranhão, 2003

Em outras palavras, em longo prazo, sem diversidade haverá, menos capacidade de adaptação e resposta às intempéries do ambiente. Indivíduos mal alimentados e mais

potencialmente propícios a doenças.

As doenças também podem ser observadas a partir das relações que envolvem recursos hídricos e desenvolvimento sustentável. A água integra um indicador de desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2005) e é componente essencial à vida e a qualidade de vida local, quando contaminada, reduz as opções de lazer, alimentação e dessedentação. Estudos apontam para uma má gestão e qualidade da água no Maranhão, tanto em razão da distribuição precária desse recurso nos bairros de seus municípios quanto em decorrência da presença de patógenos em gêneros alimentícios comuns (como polpas de frutas, camarão seco e água engarrafada) que ultrapassam os padrões químicos permitidos. Questões que envolvem a água podem ser mais bem estudadas em Brasil (2007) e nos trabalhos de Silva et al. (2008) e Soares et.al (2002).

Considerando a capital, São Luís, duas fitofisionomias do bioma Amazônia estão presentes¹¹: as “Florestas de Babaçu do Maranhão”, observadas no extremo noroeste da Ilha e “Mangues do Maranhão”. São Luís também apresenta território abrangendo a ecorregião “Restingas do Nordeste Brasileiro”, que ocupa principalmente a sua faixa litorânea (CAPOBIANCO et al., 2001).

A população estimada de São Luís, de acordo com o IBGE em 2009, gira em torno de 957.515 pessoas e em relação aos outros municípios, apresenta uma economia bastante relevante para o Estado. Conforme já destacado apenas São Luís concentra 36% do PIB do Estado, o que representa R\$ 9.340,94 bilhões, 1º lugar na economia do Maranhão. A sua principal atividade econômica versa sobre o Comércio de Derivados de Petróleo (IBGE, 2005), sendo o Porto de Itaqui-Bacanga um dos pontos de escoamento de produção dos minérios retirados de outros estados do bioma Amazônia, pelo Programa Grande Carajás. (PINTO, 1982).

Itaqui-Bacanga e os jovens do projeto

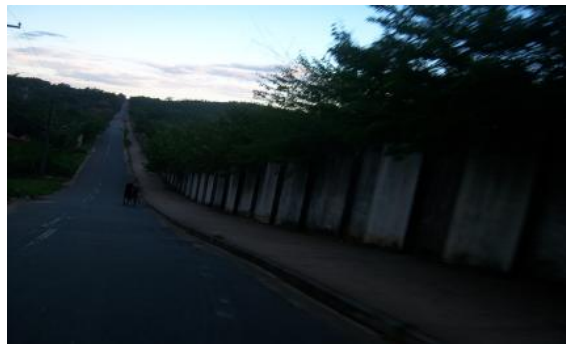
O local de estudo foi a região na periferia de São Luís, compreendida entre a ponte do Bacanga e o Porto de Itaqui, denominada de Itaqui-Bacanga (IB). Apesar de existir fisicamente, a região não consta nas estatísticas oficiais. IB, assim como outros municípios do Estado do Maranhão, ainda não possui legislação específica que delimite seus bairros e distritos. Como não há lei que delimite os espaços nele contidos, coube, portanto ao IBGE, o delimitar por setores censitários, o que acabou por inviabilizar a apresentação dos dados populacionais de IB nessa pesquisa.

¹¹ VALE, 2008.

Itaqui - Bacanga (IB) é uma região composta por 27 comunidades de periferia, rurais e urbanas à margem da capital do Estado, São Luís. As comunidades que compõe IB estão compreendidas abaixo de uma linha imaginária que se estende da ponte da represa Bacanga ao Porto de Itaqui (Mapa 5). Esta pesquisa analisou quatro das comunidades de IB: Vila Embratel, Vila Maranhão, Gapara (antiga comunidade de Argola e Tambor) e Alegria-Maracanã. Os dados acerca de IB não são muitos, no geral resumem-se aos contidos em relatórios de programas de saúde da secretaria municipal (sobre as condições de saúde e violência na região); apontamentos realizados por estudos da Universidade Federal do Maranhão (MARANHÃO, 1998; UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 1978), com a qual IB faz fronteira; estudos ambientais disponibilizados pela secretaria de meio ambiente do estado (VALE, 2008) e o Relatório Zoneamento Costeiro do Maranhão, de onde foram extraídas as figuras que compõem este estudo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2003).

Fotografia 6. Fotografia aérea de três comunidades que compõem Itaqui Bacanga.
Fonte: Google Earth

Pode-se perceber a realidade daquele espaço de três formas: pelos números oficiais divulgados, como ele se apresenta visualmente (Fotografias 7, 8 e 9, por exemplo) e pela representação coletiva que dele fazem.



Fotografias 7, 8 e 9. Comunidades que compõem Itaqui-Bacanga.
Fonte: Primeira foto (jovens de IB) e demais (própria autora).

Itaqui-Bacanga é descrita por seus habitantes, órgãos oficiais e pelas pessoas da região como uma área de periferia de São Luís, apesar de não estar compreendida numa área distante ao centro, (cerca de três quilômetros). Apenas 3,57% da população possuem rede de esgoto. Cerca de 35% dos habitantes de IB não são contemplados pela coleta de lixo, representando o percentual de dejetos secos e orgânicos que são deixados a céu aberto ou queimados, uma prática corriqueira local segundo relatos de seus moradores (COSTA FILHO, 2008).

Quanto ao índice de abastecimento de água, para 68% da população é possível dizer que a gestão pública municipal ainda fornece alguma condição sanitária. No entanto, 31% abastecem-se da água de poços artesianos (São Luís, Secretaria Municipal de Saúde,

2008), ou estocam água pluvial sem as tratar devidamente. As práticas adotadas na região constituem a porta de entrada para diversas doenças relacionadas à água, como relatados por uma gama de estudos que avaliaram as condições higiênico-sanitárias do município, em especial os de Silva et. al. (2008) e Soares, Bernardes e Netto (2002).



Fotografias 10 e 11. Comunidade Itaqui-Bacanga
Fonte: própria autora



Fotografia 12. Destinação e segregação do lixo em IB.
Fonte: jovens de IB.

Ademais, se percebe jovens com problemas de saúde cuja carência de nutrientes traz outros prejuízos além da subnutrição. Repercute como um efeito cascata, facilmente perceptível nos jovens de IB. Casos de jovens com colesterol ruim alto, hipertensão, enxaquecas são constantes. O acesso à alimentação, como direito humano está longe de ser alcançado em IB.

A insegurança alimentar do mundo moderno, em decorrência do êxodo rural, a perda de algumas tradições alimentares, ressaltadas por Kornijezuk (2008) também podem ser observados nesse espaço. Os jovens de IB nem sempre dão preferência à alimentação regionalizada. Há uma mistura de comida regional com gêneros alimentícios modernos e industrializados, que demonstrou ser parte do comportamento social atual. A ingestão de alimentos industriais, como massas prontas, gorduras insaturadas, açúcar, conservantes, corantes, bebidas gaseificadas é característica marcante na região.

Um dado que se destaca na região é o número de óbitos de adolescentes em decorrência da violência, um parâmetro bem acima dos demais municípios do Estado. Enquanto em outros distritos a média de óbitos gira em torno dos 3% em adolescentes, IB se sobressai com um número aproximado de 10% (9,67% com mais precisão) (COSTA FILHO, 2008).

No entanto, a violência não é uma constante nessas favelas, ela existe em locais e épocas específicas e determinadas, seja em decorrência dos pontos de venda de entorpecentes em locais já determinados ou em decorrência de greves da polícia civil ou ainda, em função de repreensões da polícia civil. Ela é, muitas vezes, reprimida em épocas particulares, como na véspera das eleições municipais e estaduais, período no qual se espera que a ordem prevaleça.

Muito do que é divulgado sobre a violência na região de IB é rechaçado pelos membros de sua comunidade. De acordo com um dos poucos dados oficiais sobre a região e divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde de São Luís, em cada 10 casos de mortes em adolescentes, um ocorre em decorrência da violência (os 10% divulgados acima).

Ademais, se percebe jovens com problemas de saúde cuja carência de nutrientes traz outros prejuízos além da subnutrição. Repercute como um efeito cascata, facilmente perceptível nos jovens de IB. Casos de jovens com colesterol ruim alto, hipertensão, enxaquecas são constantes. O acesso à alimentação, como direito humano está longe de ser alcançado em IB.

A insegurança alimentar do mundo moderno, em decorrência do êxodo rural, a perda de algumas tradições alimentares, ressaltadas por Kornijezuk (2008) também podem ser observados nesse espaço. Os jovens de IB nem sempre dão preferência à alimentação regionalizada. Há uma mistura de comida regional com gêneros alimentícios modernos e industrializados, que demonstrou ser parte do comportamento social atual. A ingestão de alimentos industriais, como massas prontas, gorduras insaturadas, açúcar, conservantes, corantes, bebidas gaseificadas é característica marcante no espaço dos jovens de IB.

Um dado que se destaca na região é o número de óbitos em adolescentes em decorrência da violência, um parâmetro bem acima dos demais municípios do Estado. Enquanto em outros distritos a média de óbitos gira em torno dos 3% em adolescentes, IB se sobressai com um número aproximado de 10% (9,67% com mais precisão) (COSTA FILHO, 2008).

No entanto, a violência não é uma constante nessas favelas, ela existe em locais e épocas específicas e determinadas, seja em decorrência dos pontos de venda de entorpecentes em locais já determinados ou em decorrência de greves da polícia civil ou ainda, em função de repreensões da polícia civil. Ela é, muitas vezes, reprimida em épocas particulares, como na véspera das eleições municipais e estaduais, período no qual se espera que a ordem prevaleça.

Muito do que é divulgado sobre a violência na região de IB é rechaçado pelos membros de sua comunidade. De acordo com um dos poucos dados oficiais sobre a região e divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde de São Luís, em cada 10 casos de mortes em adolescentes, um ocorre em decorrência da violência (os 10% divulgados acima). Entretanto, os jovens reclamam acerca da legitimidade dos dados que são tornados públicos. Questionam a respeito dos critérios estabelecidos oficialmente para a proposição desse índice, como e em que condições os óbitos são aferidos.

É por alguns desses motivos relatados que se sugere que a violência chega a constituir-se mais como uma ameaça propriamente dita do que uma violência em si. O ambiente externo é quem mais a percebe. No interior das comunidades que formam a periferia, já não a percebem tanto. A morte ou o cárcere que podem resultar do envolvimento de seus adolescentes com a criminalidade, segundo eles, é apenas uma das conseqüências de um sistema que por si só já lhes é injusto. Daí, a decorrência do crime e do envolvimento dos jovens com o crime. A violência é apenas um dos caminhos que alguns preferem seguir. Dizer que são todos que escolhem este caminho é equivocado. Referir-se a IB como um lugar de bandidos, seria como dizer que Brasília é um local apenas de políticos, ou seja, seria uma generalidade que indica uma visão distorcida da realidade. Ademais, elas são pessoas que contribuem para girar a economia, pagando tributos - com deduções para a segurança pública, da qual têm direito - como todos os demais contribuintes do País.

Portanto, sempre haverá dois pontos de vista para uma mesma situação e várias lentes para avaliá-las, sejam essas de aumento ou microscópicas, é importante que se tenha a consciência do tipo de olhar construído. Poderemos nos ater a um olhar de longe e de fora, baseando-nos nos números divulgados (MINAYO, 1998) ou dar preferência a um olhar mais de perto e de dentro da situação, percebendo as suas nuances (MAGNANI, 2000; MALINOWSKI, 1978). Ao se discorrer a respeito daqueles jovens e de sua realidade, um aspecto parece ser constante: como em qualquer outro grupo da mesma faixa etária: para eles o que está fora espelha a vida que não possuem, mas almejam. E que, infelizmente, muitas vezes é a voz da ameaça ao poder, a ameaça à violência, o *bem* mais

precioso que alguns jovens possuem para serem percebidos (ATHAYDE; BILL, 2006; JÚNIOR, 2003; MARANHÃO, 1998).

Das comunidades pesquisadas

As comunidades investigadas neste estudo são divididas em rurais e urbanas. Cada local investigado carrega em si traços de uma vida voltada a costumes e crenças do interior, das áreas rurais ou de pequenos municípios de onde vieram. Das quatro comunidades, duas foram frutos de processos de invasão de terras e guardam os vestígios das regiões de onde vieram. Seus jovens ainda reproduzem hábitos e comportamentos semelhantes aos do interior do Estado.

São hospitaleiros e fazem laços de amizades fortes em suas comunidades, de onde se vinculam, e delas não querem se desvencilhar, sendo a solidariedade para com as pessoas locais um aspecto relevante observado. Um observador externo enfrenta olhares desconfiados e passa por testes, até que seja aceito pelos grupos que compõem essas comunidades. Mas, quando se insere nelas é bem acolhido e sente-se parte dela. Quando os jovens gentilmente convidam alguém a ficar e fazer parte de seu cotidiano, desfaz-se uma possível cortina de afastamento.

Até à época dessa dissertação, não obtivemos acesso a documentos ou informações oficiais que caracterizassem a história e as condições de vida dos moradores de todas as comunidades pesquisadas, exceto a Vila Embratel. A pedido da pesquisadora, o IBGE informou da inexistência de dados específicos sobre as comunidades que compõem IB. Informou que a pesquisadora poderia recorrer aos dados municipais existentes em sites do Estado. No entanto, estes dados não estavam disponíveis ao público na época em que a dissertação foi escrita, durante julho de 2008 e julho de 2009, por peculiaridades do próprio sistema de organização de dados do IBGE¹².

Foi, portanto, por meio do auxílio de jovens do PRV e especialmente de órgãos municipais que se teve acesso às informações acerca dessas comunidades. Dois documentos sobre a Vila Embratel e muitas fotos sobre como os jovens percebiam a sua região foram disponibilizados por estes, bem como a indicação dos caminhos que nos levaram a descobrir trabalhos acerca da qualidade da água no município. A Secretaria Municipal de Saúde de São Luís forneceu-nos o maior número de dados, embora sejam em sua maior parte a respeito de doenças e principais desafios na área da saúde da área (IB).

¹² Contato pessoal da autora em junho de 2009.

A Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Maranhão (SEMA) auxiliou a investigação cedendo estudos de impacto ambiental em formato digital de empreendimentos que abarcavam direta ou indiretamente essas comunidades em sua área de influência. A Secretaria de Juventude e Esporte apoiou e incentivou o trabalho, em especial ex-integrante de seu quadro de servidores, conquanto não foi possível dispor de dados especificamente acerca da juventude e do meio ambiente na região. Relatos de moradores e lembranças de antigos moradores também compõem o acervo de informações construído para esse estudo (gravado em DVD próprio pela pesquisadora, Grupo Focal Gapara e Alegria-Maracanã) . Observações da pesquisadora sobre aquela realidade complementam o que é apresentado.

Mudança de lugar

Quanto às condições de moradia dos jovens, em geral, nas quatro comunidades observadas, as casas são de alvenaria. A maior parte delas não tem reboco por fora e por dentro e quando o tem são pintadas de branco ou cores fortes como verde e azul. Por dentro, a maior parte delas não tem forro. Os gostos musicais ouvidos no interior das casas variam do forró, *reggae* (cuja transmissão pode ser captada da Jamaica por frequências AM), o *rap* e ainda músicas evangélicas. Em cada casa geralmente vivem mais de quatro pessoas, o que inclui a família nuclear e agregados: companheiros, enteados e parentes.

A comida é farta em carboidratos e peixes locais, que são vendidos nas feiras locais em menor preço que no centro. Destaca-se grande consumo de biscoito água e sal (em lugar do pão-francês, consumido em menor quantidade), o arroz (xerém), a farinha d'água e farinha de mandioca (de textura mais fina que a primeira), que nunca faltam no prato dos ludovicenses. O quilo de peixe pode ser encontrado a partir de R\$ 3,00 na feira¹³, o que facilita o seu consumo em detrimento da carne bovina ou de galinha caipira, mais encontrada no interior do Estado. Ainda assim, nas zonas rurais, é possível sentir o cheiro do frango sendo assado, a partir de 10h da manhã, nos locais que eles chamam “vitruve de cachorro”, a girar a carne em espetos separados apenas por um vidro, único meio de segregar os cachorros que ficam à espreita.

Percebe-se a boa culinária maranhense pela riqueza de sabor e a simplicidade no preparo dos pratos. Esses em geral são pouco incrementados, mas levam condimentos, verduras e carnes frescas e vindas das feiras locais ou do quintal (como o frango caipira). É costume encontrar o trio: tomate, cebola e cheiro verde sendo vendido a R\$ 1,00 nas feiras. No entanto, pouco se consome de hortaliças e demais legumes que não o pimentão e o

¹³ Preços consultados em julho de 2008.

chuchu, a batata (considerada como tal por eles). As frutas, em geral resumem-se à melancia, banana, mamão e maçã, que podem ser encontradas na maior parte do ano nas feiras e supermercados das comunidades. Outras são adquiridas apenas no centro. Frutos da época, como o açaí, típico da região, podem ser encontrados em outras comunidades, especialmente na Alegria-Maracanã cuja colheita do fruto ocorre em meados do ano, coincidindo com a maior oferta desse produto. Por terem um preço um pouco mais elevado, em detrimento da quantidade consumida, as frutas e folhas integram menos o cardápio diário.

A opção de lazer dos jovens resume-se aos eventos e encontros da comunidade ou festejos tradicionais. As comunidades são, em geral, muito unidas e participativas nessas datas, destacando-se festejos que reúnem sazonalmente os residentes em seus locais de origem ou em bairros da cidade. A dança do boi (bumba-meu-boi), cacuriá e o tambor de crioula são típicas no período de São João, bem como o são a festa da Jussara e da Mandioca (essas últimas nas comunidades rurais). A dança do boi é esperada o ano todo e reúne milhares de pessoas nas ruas. Orgulham-se de perpetuarem essa tradição e se preparam com a alma e o fervor, reunindo esforços para os ensaios e a feitura das roupas. O cacuriá é uma dança sensual, realizada pelas mulheres, que, de saias longas, rodopiam em círculo e cantam repertórios locais. Já o tambor de crioula é dançado pelas mulheres e homens, porém a maior parte dos homens fica responsável pelo preparo dos atabaques, no fogo que produz o som mais agudo e alto, e pelo ritmo puxado regado à cachaça. A festa da Jussara ocorre na comunidade de Alegria-Maracanã e a da Mandioca no Gapara, ambas com produção de comidas típicas e muita música. A época de Carnaval, também é comemorada na cidade e, em especial na Vila Embratel é realizada por um grupo de jovens chamado Grupo Kadê (sendo patrocinados por comerciantes locais e auxiliados em segurança pela prefeitura e a polícia civil).

Fora estas datas, as comunidades, em geral, são calmas e freqüentadas apenas por seus próprios moradores. Possuem o convívio social facilitado pela presença de praças, lanchonetes ou quiosques nas ruas que fornecem sanduíches e bebidas a preço menor que o do centro, ou aquém das datas festivas, nos quais os valores duplicam. Destacando-se o guaraná composto de frutas (como banana, maçã, abacate); guaraná, leite em pó, amendoim, acompanhados por calda de chocolate ou caramelo, bebida espessa e saborosa que os jovens muito gostam. Os dias de sábado são marcados por feiras mais cheias e há um maior número de pessoas circulando pelas ruas, bem como o som é mais intenso e alto, nas casas e quiosques de CDs.

Os jovens e demais residentes também freqüentam bares e festas noturnas, como em qualquer outro lugar. Organizam e promovem os eventos. Destaca-se o grupo família Africa Dance, composto por integrantes e ex-residentes da Vila Embratel, cujo intuito é levar educação e entretenimento a demais jovens por meio da dança e passos de rap. Também se envolvem com outras atividades de teatro, coletivos jovens e religiosos como voluntários, o que lhes preenche o tempo.

Pelos recursos tecnológicos que dispõem, é possível dizer que os jovens estão incluídos virtualmente à rede mundial de comunicação, a internet. A maior parte deles não possui computador em casa, mas acessa a rede nas casas de amigos, no trabalho ou paga por isso (nas casas de *Lan House* disponíveis no centro ou em uma das comunidades). Na Vila Embratel, apesar de dispor de aproximadamente cinco *Lan Houses*, com apenas alguns computadores antigos ou obsoletos (para o padrão das grandes cidades), a partir de R\$ 0,50 centavos a hora é possível se comunicar com o mundo. Destaca-se o Orkut como o recurso mais utilizado pelos jovens, por seu acesso gratuito e de alta sociabilização. Canal que facilitou muito a comunicação da pesquisadora com os jovens nesse estudo. Apenas alguns jovens recorrem aos endereços eletrônicos (emails) para se comunicar, possivelmente por requerer maior condição de escrever o português correto, uma vez constatado que grande parte dos jovens não concluiu seus estudos ou o fez precariamente.



Fotografia 13. Comunicação virtual na Vila Embratel.
Fonte: Foto cedida pelos jovens de IB.

Dos outros meios de comunicação, o celular móvel se destaca. Em especial as operadoras *Oi* e *Amazônia*, por disporem de planos pré-pagos que oferecem bônus em ligações locais aos jovens. Na época da pesquisa¹⁴, a cada R\$ 10,00 inseridos na linha telefônica, 600 minutos eram depositados. O que também acabou por facilitar a comunicação da pesquisadora com os jovens durante o trabalho de campo.

¹⁴

Em meados de 2008.

Em todas as comunidades mencionadas há um aspecto muito forte: a fé e a esperança em dias melhores. Questões que podem ser percebidas pela existência de uma gama de religiões e cultos em locais no interior desses espaços. A umbanda, o catolicismo apostólico romano, o cristianismo evangélico são algumas das igrejas presentes.



Fotografias 14, 15 e 16. As religiões presentes em Itaqui Bacanga.

Fonte: pelos jovens de IB quando requisitados pela pesquisadora a retratarem seus cultos religiosos.

A presença da esperança em dias melhores foi percebida logo no primeiro momento do trabalho de campo, na aplicação dos questionários. Os jovens ficaram extremamente angustiados e indecisos frente a uma das perguntas feitas nessa entrevista: o que os impulsionava a concretização das realizações em suas vidas (Anexo 3, questão 3). Os itens para a resposta consistiam, resumidamente, nos seguintes: força de vontade, Deus, sorte. Interrogada por diversos jovens, a pesquisadora teve que explicar que uma resposta não excluía a outra, mas que os jovens respondessem de acordo com o que era mais relevante naquele contexto questionado, informação que os acalmou.

A umbanda naqueles locais (Fotografias 17, 18 e 19) é muito presente e influencia os jovens de diversas formas. Desde “mal olhado” a “feitiço”, os jovens acreditam e respeitam a religião e os seus participantes, temendo as conseqüências do desrespeito à crença. Quanto ao ritual que envolve danças, batuques e ervas com poderes de cura e proteção espiritual, trazido por descendentes africanos há séculos atrás, há de se ressaltar a importância do conhecimento etnobotânico de muitas espécies vegetais locais por parte dos

jovens de IB.



Fotografias 17, 18 e 19. Rituais de umbanda.

Fonte: fotos cedidas pelos jovens de IB quando requisitados pela pesquisadora a retratarem seus cultos religiosos.

A religião católica também é presente. No entanto, é menos comentada ou adquire menos adeptos fervorosos do que o cristianismo evangélico ou a própria umbanda. Pode-se perceber igrejas, mas a interferência dos padres na vida dos jovens é menos presente.

Também é um fator relevante na região de IB o comércio informal por meio de “bicos”, caracterizados pela prestação de pequenos serviços sem carteira assinada.

Do grupo de jovens pesquisado no ano de 2209 em IB apenas menos da metade possui emprego formal, com carteira assinada. Alguns já haviam sido presos e parte relatou o envolvimento da família com drogas ilícitas, sendo que quase a metade dos jovens relataram terem, eles próprios, se envolvido com drogas ilícitas. Outro ponto diz respeito aos cursos de capacitação profissional: jovens deixam de se capacitarem profissionalmente ou intelectualmente por não terem condições de arcar com o custo mensal cobrado pelas instituições de ensino que oferecem esses cursos no município, ou por não terem condições ou anseios de residirem em outros locais para que possam estudar ou trabalhar.

Vila Embratel

A Vila Embratel é a comunidade base do projeto, sobre a qual, aliás, se dispõe de um maior número de informações em relação às outras três comunidades pesquisadas. É onde residiam aproximadamente 49% dos participantes do PRV¹⁵ à época da intervenção. É a comunidade, dentre as estudadas, mais bem posicionada em relação ao centro, pois situa-se a apenas três quilômetros do centro da cidade, após a barragem do Rio Bacanga e à margem esquerda da BR-135. Pela Avenida dos Portugueses, que liga o Centro de São Luís ao Porto de Itaqui, à direita passa-se pela Vila Embratel. A constituição dessa comunidade deveu-se a um remanejamento populacional feito pelo Estado (pela interseção da Universidade Federal do Maranhão - UFMA ao final da década de 1970).

Um pouco do histórico dessa comunidade será apresentado a fim de melhor se compreender o seu contexto.

Em 1967, por doação da Sociedade Maranhense de Cultura Superior (SOMACS), foi transferida uma área de aproximadamente 250 hectares para a Fundação Universidade do Maranhão. Paralelamente à construção das instalações da Universidade, instituída pela Lei no. 5.152 em 1966, alguns espaços (35 hectares) foram ocupados por 1.569 edificações, inicialmente 1.300 famílias e que após uma década já somavam 2.000 no sítio denominado "Sá Viana". Como fora considerada, na época, uma ameaça à expansão do *campus* universitário, em 1977, a Universidade do Maranhão, atual UFMA, deu início a um processo de remanejamento de 889 famílias para outra área também de sua propriedade, em local vizinho ao Sá Viana. O nome do novo local recebeu o nome de Vila Embratel, eleito pelos moradores remanejados em decorrência da torre de transmissão lá existente. Segundo documento da época, o projeto de remanejamento deveria começar apenas após a implantação de equipamentos urbanos básicos. No entanto, com a chegada das chuvas de inverno daquele ano e alagamento de grande parte da área, a pedido dos futuros moradores, a transferência foi realizada sem aquele requisito urbano. A princípio, segundo moradores da Vila Embratel, essa área seria abandonada quando fossem construídas as casas em novas áreas equipadas, o que acabou não acontecendo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 1978).

¹⁵ Dado coletado no relatório do projeto analisado. Relatório parcial e final do PRV, elaborados pelo Instituto Projeto Pegadas Brasil em 2005 e 2006.

Oriundos da vila rural e de outros bairros periféricos, a nova população de moradores foi estimada em 9.498 habitantes, divididos em 64 quadras. Já se encontravam planejadas as áreas destinadas a lotes, ruas, praças, bem como às áreas verdes (1/3 do planejado), segurança, escolas, delegacia e mercados. Estudos da secretaria de Planejamento da UFMA apontavam que na época da instalação, o novo local disponibilizado não contava com os serviços de fossas, água e energia elétrica, embora fossem previstos no projeto inicial. O “Novo Sá Viana” como foi chamado inicialmente a Vila Embratel, utilizava-se de água de três poços do tipo “cacimbão” feitos pela Universidade enquanto aguardavam a instalação de poço artesiano.

Em 1984, quase uma década após o remanejamento, estudos do Departamento de Extensão da UFMA caracterizavam aquela comunidade pela pobreza urbana, sendo constatados: baixo nível de escolaridade (escolas em sua maior parte comunitárias, e mantidas por recursos e esforços da própria comunidade); elevado índice de desemprego e subemprego; renda familiar, eventualmente superior a pouco mais de um salário mínimo; precária assistência médico-sanitária; condições precárias de saneamento básico, eletrificação e urbanização (embora 80% apresentassem, à época da pesquisa, unidades residenciais com energia elétrica e o asfaltamento das ruas estivesse quase completo, ainda assim, as condições da avenida principal eram precárias e era a única via que dispunha de transporte público (fotografias 20, 21 e 22).

Os moradores percorriam, segundo aquele documento, e ainda percorrem longos percursos a pé até a chegada em suas residências. Das casas, 70% constituíam-se de alvenaria, enquanto 30% eram de taipa e das coberturas, 20% ainda eram de palha. O barro utilizado no revestimento das habitações houvera sido retirado da área da própria Vila, os caibros e a palha utilizados, segundo documentos da época, vieram provenientes de manguezais e áreas vizinhas à Vila.



Fotografias 20, 21 e 22. Infra-estrutura em IB. A avenida principal, os buracos e o esgoto a céu aberto nas ruas, respectivamente.

Fonte: fotos cedidas pelos jovens de IB quando requisitados pela pesquisadora a retratarem condições de sua infra-estrutura.

O projeto inicial de remanejamento previa a realocação das famílias, indenização de lotes para os moradores do Sá Viana e demolição das casas. No entanto, hoje o Sá Viana é um bairro à parte da Vila Embratel, possuindo uma população estimada de mais de 12.000 pessoas. Da invasão inicial da área da UFMA, algumas famílias conseguiram se estabelecer na Vila Embratel, por meio da doação de lotes e promessas de infra-estruturas adequadas. Atualmente, as duas áreas contíguas possuem contingente populoso. Na Vila existe a prestação de serviços essenciais, embora limitado. Destaca-se a Delegacia, Juizado Especial Cível, Clubes e Igrejas Católicas e Evangélicas, entidades organizativas e uma ampla prestação de serviços privados constituída de pequenos comércios, quitandas, supermercados, lan houses, lanchonetes, panificadoras, locadoras de vídeo, marcenarias. Os moradores contam com telefones públicos, pequenas praças e uma linha de ônibus própria (MARANHÃO, 1998).

Alegria-Maracanã

A adaptação das pessoas nas cidades, os costumes que deixaram, a cultura que trouxeram refletiram na rotina dessa comunidade rural, reorganizando o seu espaço.

Incluíram novas realidades baseadas nas crenças e nos conhecimentos trazidos.

A influência dos quilombos e dos povos indígenas locais e longínquos trouxe para a metrópole (São Luís) os costumes do campo e construíram redutos nos quais ainda é possível perceber o legado deixado por seus descendentes. A riqueza de detalhes, cantos, danças, rituais parecem ter resistido ao tempo, pois são lembrados por jovens em Alegria-Maracanã

Alegria-Maracanã é um desses locais onde o conhecimento do campo resistiu ao da cidade, criando o seu próprio espaço de perpetuação e resistência. Surgiu de escravos que recorreram a quilombos no interior do Estado do Maranhão para fugir de seus senhores.

Maracanã é o nome de uma ave local, cujo canto era imitado pelos quilombolas durante as trilhas pelas matas. A alegria de seu canto e sua plumagem vistosa inspirou o nome desse lugar marcado hoje, em pleno século XXI por festejos como a folia de reis, festa da Jussara, eventos conhecidos e frequentados por quem mora na capital ludovicense. Para chegar à comunidade de Alegria-Maracanã, partindo-se do centro de São Luís leva-se uma hora de deslocamento por estrada de asfalto e terra¹⁶. Ao chegar pode-se observar enormes jussaras, de um verde intenso e abundância de água e trilhas por meio da mata.

Os jovens de Alegria-Maracanã carregam em sua bagagem cultural a herança de anos de resistência marcados pela fé e o respeito à natureza. O local é bem preservado, as casas têm espaços amplos e há trilhas ecológicas na região onde os jovens desenvolvem atividades ecológicas para os turistas. Destaca-se a umbanda como forte religião presente.

Das dificuldades locais apontadas pelos jovens que lá residem, há a distância em relação ao centro que os leva a desistirem de sonhos de frequentar e terminar os estudos ou trabalhar no centro. Quando vão para a grande dedicam menos tempo para as suas famílias, em decorrência do tempo diário gasto no trajeto de deslocamento, quando não se mudam para o centro, saindo da periferia, guardadora de suas origens.

Vila Maranhão

A Vila Maranhão é marcada por mais infra-estrutura - um número maior de construções, vias asfálticas, a presença maior de escolas e igrejas, que a Alegria-Maracanã.

¹⁶ Trajeto para quem parte do centro da cidade, atravessa a ponte do Bacanga e entra por Vila Embratel, perorrendo o Gapara, paralelo ao muro que separa essa população da reserva ambiental particular da Vale (antiga Vale do Rio Doce).

No entanto, observa-se uma proporção menor de área verde, embora também seja considerada zona rural, como a Alegria-Maracanã.

Gapara

Já o Gapara vive na transição campo-cidade. É próximo da Vila Embratel, de 10 a 15 minutos de trajeto em condições de pavimentação precária do asfalto. Surgiu de uma invasão à propriedade particular por pessoas oriundas de outras cidades e zonas rurais, há cerca de 20 anos atrás. No entanto, é vizinha à Companhia Vale (antiga Vale do Rio Doce) o que faz com que haja alguns conflitos pelo usufruto da riqueza natural da região limitada hoje por um muro de quilômetros de extensão. Também possui uma importante festa em meados de julho que atrai muitas pessoas de comunidades vizinhas ao local, a festa da Macaxeira. Evento no qual é possível beber, comer e dançar celebrando a colheita desse tubérculo por agricultores da região.

CAPÍTULO 3.

A EXPERIÊNCIA DA ONG PROJETO PEGADAS BRASIL EM SÃO LUÍS: DESCREVENDO AS SUAS ORIGENS

3. A EXPERIÊNCIA DA ONG PROJETO PEGADAS BRASIL EM SÃO LUÍS: DESCREVENDO AS SUAS ORIGENS

O que se convencionou chamar de *experiência* nesta Dissertação refere-se à intervenção de Educação Ambiental da ONG Pegadas em São Luís, no período de dois anos compreendido após o Projeto Rastreado Vidas (PRV). A experiência está contida desde os primeiros encontros dessa organização com os jovens em 2004; passando pela execução do projeto PRV, seu monitoramento e avaliação (que guiaram a ONG e adaptaram a metodologia do *The Tracking Project* para aquela realidade específica); seguida do período compreendido após o projeto - a ida de alguns jovens do PRV à Brasília; até a realização da pesquisa.

No ano de 2003, o Instituto Plan Internacional, filial de São Luís, vem a conhecer o trabalho desenvolvido pelo Instituto Projeto Pegadas Brasil (ONG Pegadas) com sede em Brasília. Ao pessoal da Plan é apresentado o vídeo institucional Pegadas¹⁷ voltado a sensibilizar jovens para questões ambientais, despertadas pelo convívio com a natureza. A partir desse momento, entendem que a metodologia oferecida pelo Pegadas poderia inovar e contribuir para enriquecer o curso de capacitação de lideranças oferecido¹⁸, fornecendo um viés ambiental diferenciador para aquele tipo de treinamento. (CARVALHO, 2008).

No ano seguinte, em 2004, parte dos jovens que havia conhecido o trabalho realizado pelo Pegadas demandaram da Plan outro curso com aquela metodologia. Em resposta a essa iniciativa dos jovens, a Plan requisita que a equipe do Pegadas¹⁹, viajasse a São Luís e oferecesse um curso a outro grupo de jovens em Barreirinhas, a quatro horas da capital ludovicense. Foi a primeira oportunidade que muitos daqueles jovens tiveram para ampliar

¹⁷ Na época, a organização não governamental (ONG) Instituto Projeto Pegadas era qualificada como OSCIP

¹⁸ Projeto Juventude, Ação e Atitude. O objetivo principal desse projeto, oferecido pela Plan no ano de 2003, em São Luís, foi proporcionar a determinados representantes de grupos comunitários de Itaqui-Bacanga a oportunidade de serem capacitados para a liderança. Não só as lideranças locais foram chamadas a participar desse treinamento, como também outras pessoas de dentro da comunidade com o perfil daqueles que poderiam também contribuir para a multiplicação do que seria aprendido, atendendo as expectativas da Plan.

¹⁹ Composta à época por Henrique Auvray, Renata Neves Guedes, Edison Luís Neves e Bento Viana.

suas percepções sociais familiares e comunitárias. Durante quatro dias seguidos, eles participam em grupo de um convívio mais de perto com a natureza: com dunas e lagoas de água doce que compõem o ecossistema local, desconhecido para a maior parte do grupo (Relato dos Jovens, 2008). Realizaram caminhadas e jogos noturnos, receberam ensinamentos de sobrevivência na selva, ouviram histórias de culturas aborígenes e foram instigados a refletir acerca da natureza, a partir de uma prática coletiva, de convívio em grupo.

Outra oportunidade surgiu no ano de 2005, quando o Pegadas é convidado a desenvolver não apenas um curso, mas um projeto de Educação Ambiental com jovens no Maranhão. A idéia veio de uma solicitação do grupo juvenil que havia participado do curso em 2004 e que procuraram a Plan, requisitando que a instituição financiasse o projeto com base naquela metodologia vivenciada. Em Brasília, o Pegadas entende o convite como uma oportunidade de adequar-se a uma nova realidade do Instituto: a busca por novas parcerias e o desenvolvimento de cursos interligados que passariam a constituir-se em projeto. Anseios que, unidos, corroboram para a criação do primeiro projeto baseado na metodologia da ONG The Tracking Project²⁰ no Brasil, o Projeto Rastreado Vidas (PRV).

Inicialmente, o PRV traria para o universo daqueles jovens apenas a questão ambiental, uma vez que já existiam outras iniciativas com políticas públicas na região. O foco seria capacitar na área ambiental lideranças e demais pessoas que pudessem contribuir para repassar aquele tipo de conhecimento em suas comunidades (CARVALHO, 2008).

Em março de 2005, o Instituto Projeto Pegadas é convidado oficialmente pelo Instituto Plan Internacional a desenvolver esse projeto na capital do Estado do Maranhão, São Luís, especificamente em Itaqui-Bacanga, (IB) região periférica da cidade.

Essas duas instituições assinam contrato por meio do qual, ambas as partes passam a assumir como objetivo: “a capacitação e fortalecimento de uma rede de jovens das comunidades da área de Itaqui-Bacanga para o desenvolvimento e potencialização das habilidades e competências dos grupos juvenis”.

²⁰ Outrossim, é a primeira iniciativa dessas instituições, que se embasam pela mesma metodologia, em trabalhar com jovens em situação de risco social no país.

O Projeto Rastreado Vidas (PRV) vem a constituir-se iniciativa pioneira para ambas as organizações. Para a primeira, a Plan, em decorrência da inserção da área ambiental em seus programas estratégicos e para a segunda, por trazer àquela metodologia uma nova forma de adaptação a seu currículo, além do pioneirismo em trabalhar a metodologia com jovens em situação de risco social, público-alvo não habitual do Pegadas.

O PRV atuaria em um campo novo de atuação da ONG Pegadas, não focado para grupos religiosos, escoteiros ou públicos específicos de classe média. A organização firmaria também o compromisso de capacitar e fortalecer jovens para o exercício da liderança em periferias do nordeste.

Ademais, o projeto de Educação Ambiental realizado pela ONG Pegadas, significaria uma nova forma de implementar a metodologia da ONG The Tracking Project no Brasil. Em forma de projeto (e não mais de cursos pontuais, como de rotina ao Pegadas), a iniciativa do passaria a ser assistida, monitorada e avaliada pela ONG Pegadas ao longo de um ano²¹.

A implantação daquele projeto, PRV, ocorreu ao longo de 21 meses, não dos 12 meses previstos. Compreendeu um aporte de recursos humanos e financeiros das instituições e uma parceria para a execução dos trabalhos, o que abrangeu o financiamento e a supervisão da experiência por parte da Plan e a execução da intervenção educacional por parte do Pegadas. De março de 2005 a dezembro de 2006 (após a assinatura até a conclusão do projeto), a equipe do Pegadas²² visitou a capital do estado por nove vezes; ministrou três módulos em campo e organizou e realizou um seminário de meio ambiente e políticas públicas com o apoio daqueles jovens (Apêndice A, folha 2).

Do primeiro ano de visita do Pegadas à São Luís até a conclusão do PRV, a metodologia trabalhada alcançou diretamente 10 comunidades de IB, 67 jovens e suas famílias e 150 pessoas que participaram do Seminário realizado pelos jovens e as organizações. Dos 67 jovens que participaram de algum curso ministrado naquela região, 47 foram lideranças e potenciais comunitários²³, cuja missão era repassar o conhecimento

²¹ Período inicialmente proposto pelo financiador e colaborador Plan pelo contrato firmado.

²² Composta de seu vice-presidente, Edison Luís, e 3 monitores (Henrique Auvray, Renata Neves Guedes e Andréia Andrigueto) responsáveis por elaborar, executar as atividades e avaliar os módulos.

²³ Número de jovens que participaram e concluíram a capacitação pela metodologia TTP/Pegadas Brasil no Maranhão durante o PRV.

apreendido para as suas organizações e comunidades. Soube-se ao menos de outros três pequenos eventos que os jovens organizaram com demais membros de sua comunidade. Para realizar tais atividades, chamadas de repasses, foi sugestionado em uma daquelas comunidades (Alegria-Maracanã), uma espécie de um novo “braço” da organização Pegadas no Maranhão²⁴ que ensinaria a outros jovens sobre meio ambiente em contato na natureza.

Ao todo, em decorrência do PRV, 226 pessoas de IB foram diretamente afetadas²⁵, quatro instituições locais, três instituições de outros estados, duas internacionais e uma multinacional abarcadas nessa experiência.

O Instituto Plan Internacional

Para compreender melhor como sucedeu essa experiência, contar-se-á um pouco mais da história das instituições que possibilitaram que esse projeto ocorresse. O PRV modificou não só a linha de atuação da Ong Pegadas, como caminhou para inserir novas perspectivas da atuação da ONG com jovens.

O PRV nasce de um dos programas estratégicos de educação e saúde da organização da segunda instituição, a Plan. Para entender a linha de atuação dessa organização não-governamental, contar-se-á um pouco de sua origem e como ela surge na Espanha, logo após o período de pós-guerra, que compreende o fim da guerra civil espanhola (1936 a 1939) e o início da 2ª Guerra Mundial, em 1945. Ela é fruto do trabalho de dois padres que começam a auxiliar crianças e jovens que haviam ficado órfãos em decorrência desses acontecimentos. Antes do PRV, essa ONG espanhola nunca havia focado na parte ambiental no Brasil. Mantida atualmente com o apoio de 15 países desenvolvidos que amparam financeiramente outros 45 em desenvolvimento pelo mundo, a sua linha de atuação sempre havia sido a de assistir as comunidades, acompanhar a ambiente familiar e o quadro nutricional de crianças. Para os jovens, a instituição oferecia cursos de profissionalização, liderança, apoio comunitário, bem como suporte às famílias desses jovens com a compra de remédios e a construção de infra-estrutura comunitária que

²⁴ Grupo criado em 2006 na comunidade Alegria-Maracanã.

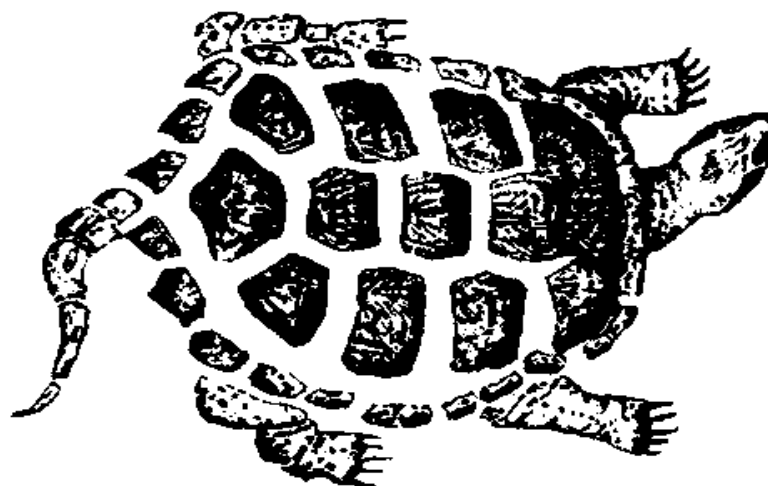
²⁵ Não contabilizadas as pessoas que receberam os repasses realizados pelos jovens em suas comunidades.

se fizesse necessária. Foi por meio do apoio da Plan que Itaquí-Bacanga (IB) ganhou o espaço “Adolescentro”, um local administrado em conjunto com a Universidade Federal local, a UFMA, que fornece gratuitamente a comunidade e a seus jovens cursos de artesanato e informática. Disponibiliza também o local para eventos e ensaios de grupos de dança de rua.

Pela linha de atuação desenvolvida pela Plan até o ano de 2005/2006, os beneficiários de seus recursos eram acompanhados pela instituição por meio de visitas frequentes de monitores comunitários, os promotores, e de jovens que auxiliavam aqueles voluntariamente. Cada uma das comunidades de IB assistidas pela Plan recebia por meio desses agentes o apoio e o retorno de investimento realizado por famílias estrangeiras, que se comunicavam com suas “crianças adotivas” por meio de cartas e mensagens repassadas pela organização.

Por outro lado, para compreender como a metodologia do PRV trabalhou para fortalecer o potencial de liderança por meio de uma proposta ambiental, torna-se necessário apresentar o currículo idealizado por John Stokes, da ONG The Tracking Project (TTP), que é a base da intervenção educacional realizada pela ONG Pegadas, no Brasil. Contar-se-á um pouco da história desse educador e músico que deu origem a todo trabalho realizado no Brasil.

A metodologia The Tracking Project (TTP) - origens



Desenho 1. A tartaruga, símbolo da metodologia do The Tracking Project.
Fonte: THE TRACKING Project, 2000

A metodologia utilizada em São Luís é fruto da adaptação de 31 anos da trajetória de vida de Stokes para o currículo criado. São 13 anos de trabalho enquanto educador e músico em escolas aborígenes na Austrália e outros 18 anos de difusão desse aprendizado em locais como Havaí, Filipinas, Suécia, Estados Unidos e Brasil. A experiência de ministrar cursos nesses países contribuiu para agregar à arte do *tracking* (o rastreamento de pegadas dos *bushmans*, aborígenes australianos) outros valores ao currículo. Foram acrescentados histórias, rituais, cerimônias e práticas trazidas de tribos indígenas norte-americanas de seis nações, que são conhecidas pela denominação *Iroquois*; a arte de auto-defesa proporcionada por bastões (arnis filipinos), além de posturas e técnicas respiratórias de ioga e ginástica natural que imitam os animais na natureza. (THE TRACKING PROJECT, 2000).

Pelo contato com essas culturas, Stokes foi sensibilizado para a conservação de aspectos culturais que estavam sendo perdidos e que necessitavam ser preservados e repassados para demais pessoas, etnias de regiões desconectadas com a natureza, ou “despertencidas²⁶” de suas raízes genealógicas ou das origens de seu lugar. De acordo com registros de sua biografia, esse foi um dos motivos principais que fizeram com que John adotasse um novo estilo de vida e fundasse a ONG The Tracking Project em 1981. (THE TRACKING PROJECT, 2000).

Algumas das pessoas cujos ensinamentos auxiliaram John na elaboração de sua metodologia estão descritas a seguir. (Fotografia 23)

²⁶ Despertencimento é uma visão individualista do ser humano “desenraizado e desligado de seu contexto” é o antônimo do termo *Pertencimento* utilizado por Sá (2005) para descrever o sentimento de pertencer-se a um determinado lugar, identificar-se com ele.



Fotografia 23. A linhagem de mestres de Stokes que o auxiliaram a compor a metodologia do The Tracking Project.

Fonte: *THE TRACKING Project*, 2000.

Jake Swamp

Um dos tradicionais *Ganienkehaga (Mohawk)*, índios moicanos do Akwesasne, Nova Iorque, parte do Clã Lobo (*Mohawk*). Ele foi ativista de causas nativas durante anos, incluindo o “*Wounded Knee, Ganienkeh Land Reclamation, the Longest Walk service, the Bureau of Indian Affairs occupation, the Fourth Russell Tribunal in the Netherlands*” e como delegado da *United Nations* na Suíça. Fez parte do Grande Conselho da Confederação dos Iroquois (o povo das Seis Nações) e acumulou diversos cargos comunitários em *Akwesasne*.

As seis nações citadas referem-se a tribos hoje compreendidas entre a região de Nova Iorque ao Canadá, o povo dos Iroquois ou Haudenosaunee. Sua forma de organização e valores criaram a Casa Longa, posteriormente inspiradora da Confederação dos Estados Unidos da América. São eles: os Seneca, Mohawk, Oneida, Cayuga, Onondaga e Tuscarora. As palavras de agradecimento proferidas por esse povo são formas de saudar, agradecer e reverenciar a Natureza e o seu poder, o Criador e os espíritos que protegem a Terra e impulsionam a força que faz movimentar os ciclos da água, do fogo, da vida. E são, as palavras de agradecimento, o pilar da metodologia de Stokes (1993).

Essas palavras sagradas Iroquois têm raízes que datam de mais de mil anos. São pronunciadas ainda hoje na abertura e no fechamento de cerimônias de reuniões

governamentais realizadas por essas seis nações e em todos os cursos do TTP e do Pegadas. A saudação é “baseada na crença de que uma comunicação espiritual de gratidão e o reconhecimento de todas as coisas vivas devem ser feitos para alinhar as mentes e os corações das pessoas com a Natureza. Isso forma o princípio norteador da cultura” (STOKES , 1993).

Foi essa liderança indígena norte-americana que inspirou John Stokes a dividir e a difundir as “Palavras de Agradecimento” pelo mundo. Em forma de livreto, a sabedoria contida nas palavras sagradas desse povo foi sintetizada de forma simples e didática em 19 folhas, que foi, há pouco tempo, reconhecida como parte da História norte-americana quando houve a inclusão de parte dessas palavras no passaporte norte-americano.



Fotografia 24. Versões das Palavras de Agradecimento em oito línguas distintas.
Fonte: THE TRACKING Project, 2000.

Apesar de ser um compêndio, esmiúça o significado de uma cerimônia, que segundo Stokes (2007), levava mais de cinco dias para ser contada.

A obra contém atualmente seis versões. Foi traduzida de sua língua original Mohawk para o inglês, alemão, sueco, japonês e português. E ainda se planeja publicá-los em filipino e havaiano. Um dos propósitos da divulgação do conhecimento milenar e sagrado repassado dos Mohawk, índios moicanos, é expressa nas palavras de Swamp no livreto “para que num futuro próximo, quando elas (as crianças) saírem e se encontrarem, percebam que todos vêm do mesmo princípio” (STOKES , 1993).

As palavras de agradecimento são a “porta de entrada” para o processo de sensibilização realizado por Stokes . Antes de cada atividade diurna nos cursos, é formado um círculo onde todos os participantes entrelaçam as mãos. No centro desse círculo, Stokes e sua equipe montam um tripé de madeira que vai dar origem ao primeiro fogo a ser feito. Ele, então, chama ao centro duas ou quatro pessoas que irão auxiliá-lo a acendê-lo. É da união de forças e ritmo das mãos que o fogo surge. Após esse ser feito, Stokes inicia as “Palavras de Agradecimento” de uma forma mais resumida daquela que aprendeu, mas que desperta a atenção dos participantes pela riqueza e detalhamento das formas de vida aquáticas, terrestres e voadoras que são lembradas. Outrossim, a terra, a água, o fogo e o vento são reverenciados, bem como os espíritos que protegem esses elementos.

Wandjuk Marika

Wandjuk Marika é tido como um dos grandes nomes da representação da cultura aborígene australiana. Durante a sua vida foi artista, poeta, cantor e considerado líder religioso. Morreu em 1987.

Michael Angelo (Nanajji)

Michael foi um estudante do colégio comunitário aborígene de Halls Creek, região oeste da Austrália. Começou a trabalhar com John em 1977. Nos dois anos posteriores, ele compartilhou muitos ensinamentos, repassando a John canções e danças aborígenes tradicionais, bem como o ensinou a tocar o yirdaki (didjeridu), instrumento musical muito utilizado nas práticas de Stokes.

O didjeridu é um instrumento musical feito a partir de uma tora oca de madeira. Para que pudesse aprender a tocá-lo, Stokes foi ensinado a mergulhá-lo num recipiente com água, assoprá-lo e puxar o ar, sem que a água entrasse em seu interior. O seu ritmo e

entonações adequadas requerem a concentração do músico, e um tipo de respiração específica para que se possa tocá-lo durante minutos sem parar.

São em cerimônias à noite que Stokes o utiliza. A vibração que o didjeridu produz é capaz de levantar o ânimo dos participantes, cansados após um dia puxado de atividades e histórias sobre o rastreamento.

Uncle Jimmy James

O legendário rastreador Pitjantjatjara Jimmy James, o tio Jimmy, como carinhosamente é lembrado por Stokes em seus cursos, foi mestre de Stokes. John acompanhou-o durante alguns rastreamentos, quando ele saía à captura de fugitivos aborígenes na Austrália. Jimmy James ensinou John a forma de perceber uma pegada, a sua profundidade, a influência da luz na leitura dos passos, os contornos modificados no decorrer do tempo ou por intempéries do clima. Apesar de várias lições apreendidas, tio Jimmy nunca proferiu uma só palavra a John sobre rastreamento. Tudo o que este conseguiu aprender foi fruto da observação e do silêncio, técnicas utilizadas por um bom rastreador para que não seja percebido durante sua “caçada”, por outros animais ou pessoas. (STOKES, 2005).

Um bom rastreador, segundo Stokes aprendeu com tio Jimmy, não pode ser percebido durante a sua trilha. Esse complexo processo deve envolver não só a percepção da fuga ou passagem do animal por determinado local, mas também o rastro deixado (pegadas não necessariamente em boas formas de visualização, pêlos, fezes, sangue de ferimentos em decorrência da luta com outros predadores ou por espinhos no trajeto) até a identificação da presa e o seu encontro visual do animal, o que pode levar horas ou dias. Esse procedimento requer planejamento e preparação física, mental e espiritual do rastreador. Por exemplo, o caçador não pode ser visto ou ouvido por outros animais na trilha, o que demanda que ele esteja “alongado”²⁷ (para não machucar os tendões e para que suas articulações não rujam e sejam percebidos pela “presa” ou outros animais que possam afugentá-lo). Como também deve o rastreador saber técnicas que lhe possibilitem sobreviver na floresta, como: fazer abrigos para se proteger do sol, chuva ou do sereno;

²⁷ E por isso a existência de atividades que repassem técnicas de alongamento como Pilates, Ioga, ginástica natural nos cursos do TTP

deve conhecer as plantas locais para saber aquelas que podem lhe servir de alimento durante o trajeto ou que possam auxiliá-lo no tratamento de ferimentos, picada de insetos ou aquelas venenosas que podem significar um perigo ou possam ser úteis na colocação em flechas para afugentar inimigos.

O bom rastreador também deve, segundo essa metodologia:

- Saber noções de navegação (para guiar-se pelas estrelas) ou ter um bom conhecimento das fases da lua e a sua influência para a regulação dos ciclos da água;
- Conhecer as madeiras locais e saber distinguir aquelas que são boas para a fabricação de abrigo, para a feitura do fogo para cozer alimentos ou iluminar a e proteger seu local de repouso, afugentando predadores e insetos;
- Deve ser discreto, ausentando-se da utilização de alimentos ou essências aromáticas que possam chamar a atenção na trilha e ser silencioso (para não ser percebido por outros animais na trilha);
- Ser humilde e persistente – para ter paciência de aprender e superar-se, sempre, até que consiga alcançar o seu objetivo;
- Estar atento o tempo todo para o que ocorre a sua volta - para que, ao rastrear, não acabe se tornando presa fácil para outros animais e para que consiga aproveitar ao máximo dos recursos que dispõe a sua volta ou no caminho.

Era um costume dos antigos aborígenes australianos e norte-americanos (que também utilizam - se do rastreamento durante as caçadas e na identificação de demais pessoas nas aldeias), quando terminado o rastreamento, muitas vezes exaustos, aproveitar tudo aquilo que a presa oferecesse e que pudesse ser útil ao seu retorno. Do veado campeiro, por exemplo, retirava-se o couro e os tendões para a feitura de uma sacola para carregar a carne que poderia, por exemplo, ser rasgada em pedaços e postas ao sol para que, ao secar, ficasse mais leve. Parte do couro também poderia ser utilizada para aquecer-

se. O sangue, colhido na hora, poderia ser bebido, o que significava uma rica substância nutricional para o reestabelecimento das forças debilitadas (STOKES , 2005).

Ao retornarem às suas aldeias, muitos rastreadores eram recebidos com festejos que poderiam durar horas ou dias. Eram cerimônias que envolviam (e em algumas culturas ainda envolvem) a dança e o reverenciamento ao Criador e aos espíritos da Natureza e do animal abatido que o fizeram ser bem-sucedido, trazendo fartura e bonança para o seu povo, que agradeceriam pelo retorno bem-sucedido daquele que fora enviado, assim podendo dedicar-se a outras atividades, nos os dias subseqüentes. Esse religar espiritual e festivo possibilitado pelo rastreamento pode ser visto em um vídeo gravado e repassado aos jovens no PRV. Ele resgata uma visão de misticismo e a espiritualidade trazida pelo confronto dos olhares do caçador e do animal, momentos antes de ser caçado. Os aborígenes que rastreiam acreditam que é possível sentir os batimentos do coração da presa após conectar-se espiritualmente com ela durante o rastreamento.

Sentir e entrar em sintonia com o rastreamento pode ser considerado, segundo Stokes (2007) como uma arte, não só porque resgata diversos conhecimentos que estão sendo deixados em decorrência do processo de aculturação sofrido por algumas etnias aborígenes, como concerne a uma sabedoria tradicional integradora na qual o ser humano percebe a presa e a respeita, a reverencia, agradece pelo combate travado que lhe permite adquirir alimento. O rastreamento da forma como é repassado não concerne a uma cultura de exaustão de recursos naturais ou à caça por si só, mas na percepção de um número de relações entre o rastreador, a caça e o local. A caça sem limites, a ausência da percepção das relações cosmológicas existentes naquele local é que, sim, podem provocar extinções e desequilíbrios locais, bem como pode significar a perda de aspectos culturais e intrínsecos mantenedores da própria preservação da espécie humana que caça.

A capacidade de suporte ao meio em que ocorre a caçada é percebida pelas relações estabelecidas de respeito ao uso equilibrado dos recursos naturais, segundo necessidades de sobrevivência (o que geralmente dispensa o acúmulo de bens desnecessários que tornam o corpo mais cansado do peso). Envolve também a preocupação com uma forma de vida mais simples e em harmonia com a natureza, do que ela nos oferece para sobreviver.

Jimmy Jammes morreu em 1991, sem, contudo deixar uma tradição ser levada com ele. Esse exímio rastreador teve a sua história retratada na obra: “*Lost and Found: The life of Jimmy James Black Tracker*” de Robert Holmes. E tem a sua memória preservada e compartilhada por Stokes e sua equipe da difusão de seus ensinamentos. As pessoas que conheceram o “tracker²⁸” tio Jimmy costumavam dizer que “tio Jimmy podia rastrear um peixe dentro d’água”. (THE TRACKING Project, 2000).

Parley Kanaka'ole

Parley Jansson Kanaka'ole foi um líder espiritual havaiano e defensor e ativista dessa cultura. Durante a sua vida foi poeta, músico, professor, curandeiro. Morreu em 1993, deixando a John um legado composto por uma cultura de respeito e reverenciamento à Natureza. (THE TRACKING Project, 2000).

Pode-se perceber a influência havaiana na metodologia TTP pela presença de histórias contadas, danças e cerimônias repassadas nos cursos de Stokes. Quanto às músicas havaianas, existe, por exemplo, o *Ealaê*, como aquela que desperta o sol a sair do horizonte antes do amanhecer, cantada em alguns cursos. Há também histórias e nomes que retratam um conhecimento ancestral revelador de uma forte ligação com a Natureza. Um desses casos surgiu da observação dos fenômenos naturais celestes que trouxe um nome específico para cada uma das quatro fases da lua e do ciclo lunar. É um conhecimento havaiano repassado por John que a lua influencia na reprodução e na forma dos bebês concebidos em cada noite (presente também na cultura do Brasil, no interior do nordeste). Bebês concebidos na primeira noite de lua-cheia terão rostos bem mais arredondados que crianças da lua minguante, crescente ou nova. Da primeira à última noite de cada fase haverá um nome distinto atribuído para a lua. Quanto à dança, a esposa e as filhas de John resgatam, em alguns cursos, gentilmente e com muita feminilidade, o valor dessa cultura por meio da *Ula*, dança típica havaiana. (STOKES, 2005; THE TRACKING Project, 2000).

²⁸ Palavra na versão em inglês cuja significação é “rastreador”.

A forma de Stokes de chamar seus alunos a cada manhã após o café também é trazida da cultura havaiana. Uma grande concha do mar que produz um som grave e forte convoca os participantes para o início das atividades.

Há um pensamento havaiano interessante revelado por Stokes em seus cursos. Trata-se da flexibilidade que devemos ter perante os desafios da vida. Essa mensagem pode ser percebida por meio da “posição do bambu”, repassada por John durante os cursos. É um exercício no qual se pratica como devemos deixar passar as coisas ruins, com leveza e estabilidade, retornando ao nosso eixo central de equilíbrio, como o bambu o faz após a passagem de vento forte. Pode ser usado para pessoas ou pensamentos que nos prejudicam, para que eles não nos afetem, mas nos façam ser flexíveis, conquanto estáveis. E também o “Imua”, palavra ancestral que segundo o dicionário havaiano significa “seguir com o espírito”. Ela inclui uma significação que reflete uma atitude corajosa de comprometimento perante o enfrentamento de um desafio. (STOKES , 2007b).

Toshiko Takaezu

John Stokes conheceu Toshiko em 1971 e começou a estudar trabalhos manuais de cerâmica com ela. Ela o auxiliou a ver a conexão entre formas artísticas e a Natureza. Stokes e Takaezu continuam a se encontrar anualmente no Havaí onde contribuem para eventos comunitários. (THE TRACKING Project , 2000).

Jose Rey Toledo

Viveu no Pueblo de Jemez, nas montanhas do Novo México. Foi músico, educador e artista. Inspirou Stokes a descrever a metodologia em forma do casco de uma tartaruga.

Os anciões indígenas estavam conscientes de que o conhecimento tradicional precisava ser preservado de uma maneira que iria fazê-lo ser útil no mundo moderno. Muitos daqueles anciões foram categóricos quanto a maneira como aquele conhecimento deveria ser usado. Outros estavam felizes apenas por saber que aquela sabedoria iria sobreviver ao tempo. Um desejo em comum consistia em fazer com que aquele conhecimento fosse trazido a seu povo de volta pelas pessoas mais novas para que “nossas crianças não sejam as últimas a aprender sobre a sua própria cultura”. (THE TRACKING Project, 2000).

Nota-se que o conhecimento difundido por Stokes vem de um trabalho de resgate de culturas tradicionais e do respeito a uma visão do homem integrado na natureza, na qual o ser humano consegue expressar integralmente por meio da arte, da música e de suas habilidades e competências que são estimuladas ao longo dos quatro dias, média de cada curso. A metodologia resgata e compartilha com povos atuais os rituais e cerimônias antigos de cura espiritual e física por meio do poder de movimentos da ioga, dos sonhos, fogo e exercícios.

A metodologia auxiliou, por exemplo, a realização e divulgação de eventos culturais e projetos de desenvolvimento no Japão e Brasil. Em nosso país se destaca o “Círculo dos Saberes”, encontro anual de etnias indígenas a fim de resgatar cerimônias e rituais que estavam sendo perdidos por povos como os Cura-Bakairi, no estado do MT.

Antes de ser um trabalho de meio ambiente, Stokes atribui ao currículo o mérito de ser uma intervenção educacional. Ele próprio não se auto-intitula educador ambiental, mas sim educador. (STOKES , 2007a). Stokes é americano, filho de pais turcos, reside com a família (a esposa, nova-iorquina de origem havaiana, Nancy e os filhos Cainoa, Jade e India) em Corrales, Novo México. De lá planeja a implantação de seus cursos ao longo do mundo. Ele recebe o apoio financeiro da Aurora Foundation, instituição que acredita na metodologia e mantém os custos fixos do TTP, colaborando ainda com viagens e recursos de logística nos locais que John visita. E foi lá, em seu país de residência, em 1998, que Stokes conheceu Bento Viana, um brasileiro que viria a trazer para o Brasil a idéia de Stokes .

A Metodologia da Intervenção Educacional (As 13 Placas)

Ao lecionar na Austrália e pelo contato com anciões nativos, Stokes pôde conhecer o rastreamento tradicional, habilidade utilizada pelos aborígenes antigos durante caçadas e resgate de fugitivos. As técnicas de estudo de pegadas são o primeiro passo para compreender o rastreamento como habilidade de caça e sobrevivência. Com ela pode-se localizar animais, pessoas, bem como ser utilizada por demais profissionais numa busca por conhecer-se interiormente por meio dos vestígios deixados por nossas palavras, pensamentos, reações e atitudes.

O currículo da metodologia The Tracking Project é repassado aos alunos por meio de cursos *outdoor*, ou seja, em contato direto com a natureza. Os participantes acampam na floresta e apreendem observando os animais, suas pegadas, suas formas de se alongarem, seus cantos ou grunhidos, seus vestígios. Monitores auxiliam o professor nas trilhas e durante as práticas que envolvem ensinar a fazer fogo da maneira tradicional indígena (utilizando-se de pedaços de madeira), ioga, ginástica natural, arnis(uma técnica de defesa filipina) e atividades noturnas. A equipe composta pelos monitores e o professor, também incentivam os participantes dos cursos a refletirem acerca de cuidados e posturas pessoais e de grupo que farão com que o grupo sobreviva na “selva”.

Lembramos que diferentes culturas inspiraram John em sua metodologia. É importante destacar que embora haja muitos aspectos que poderiam ser usados como ferramentas de ensino nessas culturas, Stokes agregou ao seu currículo aqueles ensinamentos que observou, na prática, serem os instrumentos mais eficazes, de efeitos mais positivos para a vida e saúde de seus aprendizes. A linhagem tradicional que influencia e compõe a metodologia criada por Stokes percorre gerações de genealogias. Os seus professores vêm de diferentes bagagens culturais e representam tamanhas formas de arte diversas. O que John fez foi apresentá-las em forma de um mosaico, constituído pela junção de várias partes. Cada uma dessas pessoas trouxe um pedaço, uma “pegada clara”, de algum importante conceito que Stokes gostaria de apresentar e compartilhar.

Também é importante destacar que algumas histórias contadas por John nos cursos baseados na metodologia The Tracking Project são sagradas. São fruto da autorização das famílias dos personagens acima listados ou casos específicos concedidos a John para que presenciasse rituais coletivos sagrados. Outras são autorizadas a grupos restritos

Grande parte de tudo o que é repassado pela metodologia é apresentada oralmente, daí provendo a dificuldade em descrever o que consiste o currículo, bem como o desafio em relatar a teoria abarcada e relacionar as atividades desenvolvidas nos cursos com o conhecimento resgatado dessas diversas culturas.

Uma parte didática e já escrita da metodologia trabalhada pode ser apresentada e repassada por meio das *Palavras de Agradecimento*. Constitui-se em um conhecimento que

representa valores sagrados, que morreriam com aqueles povos se não fossem transmitidas.

Pode-se perceber a forma inovadora de Stokes ao unir distintos aspectos de culturas que veio a conhecer, em sua trajetória como educador. Ao “juntar as peças novamente”, traz para sistematizar a sua metodologia, a forma de um animal que representa esse mosaico.

Com a representação de um casco de uma tartaruga, formado por 13 peças que podem ser observadas na figura abaixo, esse educador aborda todos os pontos nos quais a metodologia trabalha.

Por meio da idéia inicial de Jose Rey Toledo, John transforma a representação metafórica desses elementos no pilar de sua metodologia. Os 13 componentes passam a constituir-se no seu novo currículo. Cada placa de seu casco possui um significado que é trabalhado com os grupos de cada curso ou programa. Além de teórico, cada placa desafia os iniciantes para a prática. Não é só saber o que contêm cada placa, é esperado que cada participante possa, ao final de cada curso, saber executar o que diz cada placa.



Desenho 2. Os 13 elementos que formam o casco da tartaruga da metodologia TTP.
Fonte: THE TRACKING Project, 2000

Não se pode descrever em poucas palavras o currículo que compõe os ensinamentos de John e seus mestres. Contudo, expor as placas que deram início à sistematização desses ensinamentos é um início possível. Isso é exemplificado nas 13 placas a seguir:

1. Palavras de Agradecimento;
2. Rastreamento Tradicional e Habilidades de Sobrevivência;
3. Consciência da Natureza;
4. Desenvolvimento Pessoal/Auto-Estima;
5. Pacificação;
6. Consciência Cultural;
7. As Artes da Vida;
8. Educação Comunitária;
9. Comunidade Internacional;
10. Renovação;
11. Cerimônia;
12. Liderança;
13. Placa vazia, sem preenchimento.

Juntas, essas peças norteiam todo o trabalho de Stokes e seus multiplicadores (STOKES, 2007a; THE TRACKING Project, 2000) e são tidas como essenciais para a eficiência dos trabalhos desenvolvidos. Em cada curso elas são mencionadas e em distintos momentos dos cursos são contadas histórias acerca dos ensinamentos abarcados por cada um de seus eixos-temáticos. (STOKES, 2005).

É, por exemplo, na placa de *Consciência da Natureza* que se inicia o processo de reflexão e sensibilização dos alunos por meio de caminhadas em trilhas na natureza, histórias de animais personificados (homens que viram tubarões e coelhos com atitudes humanas), plantas que sentem as intenções humanas.

Por meio da *Placa Pacificação* os participantes são levados a refletirem acerca das atitudes que levam os líderes a serem respeitados, os mestres a serem ouvidos, o sentimento de perdão que, segundo Stokes (2005), faz apaziguar os corações ressentidos e gera a paz. A capacidade de manter um grupo unido ou uma causa “acessa” é levada por meio dessa placa que inspira a história e o plantio da “Árvore da Paz”, cerimônia que acontece com o povo indígena Iroquois, bem como é também percorrida pela Placa Liderança.

A “história do Pacificador” (uma das mais sagradas histórias do currículo) serve como base e exemplo à pacificação e aos seus desafios inter-étnicos. Tanto a diversidade de valores quanto as distintas razões e emoções que levam os indivíduos a se utilizarem da violência como forma de reagirem, desrespeitando outros seres humanos e suas diferenças

culturais. Da maneira como foi repassada a John ela leva alguns dias para ser contada. Para os participantes e iniciantes dessa cerimônia sagrada, ela pode durar cerca de uma tarde.

A dizimação de culturas e as histórias de sofrimento de alguns povos são lembradas por meio da Placa Consciência cultural e comunidade internacional. Também é exposto por meio dessas placas o poder que as redes de comunicação apresentam para estabelecimento de contatos futuros com a equipe de professores/ monitores/ participantes/ parceiros.

A música e as expressões artísticas (dança, poesia, teatro) são transmitidas por meio da placa As Artes da Vida, trabalhada com maior ênfase à noite, em círculo ao redor do fogo. É dada aos jovens a oportunidade de expressar-se ao grupo individualmente ou coletivamente, como ocorre nos grupos de escotismo. Momento em que também se trabalha conjuntamente a Placa de Auto-estima e Desenvolvimento pessoal, incentivando as pessoas a apresentarem-se, demonstrando espontaneamente suas habilidades em público.

Já na *Placa Renovação* são expostas práticas e exercícios corporais com o intuito de “reciclar” pensamentos e atitudes, transformando-os em algo produtivo e sustentável. A permacultura (descrita no Capítulo 1) aqui serve de ferramenta de apoio às lições expostas nessa placa, bem como posições da ioga enriquecem esse processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, apresentando sem exaurir o seu conteúdo por completo, foram expostas resumidamente algumas das placas que compõe o currículo TTP/Pegadas que foram trabalhadas na experiência com o grupo de jovens no Maranhão.

É importante ressaltar que até o ano de 2007 apenas 11 das 13 placas haviam sido preenchidas no currículo, sendo uma sempre vazia, a 13ª e última placa. Segundo Stokes, esse não-preenchimento serve para que se permita o surgimento de novos conhecimentos e para que esses possam fazer parte do currículo. O que vai ao encontro do que é apresentado por Capra (2006) e seus seguidores ao argüirem que não deve existir apenas meio de se fazer sustentabilidade, um currículo próprio, rígido, fechado, mas que cada especificidade e demanda do grupo, do local ou do projeto devem ser observadas a fim de se guiar uma experiência ecossistêmica e sustentável.

A 12ª placa desse currículo, a liderança, vem a ser a última constituída. Foi idealizada no ano de 2007 no Havaí e vem se fortalecendo através de iniciativas como esta (da pesquisa) e de uma indígena chamada Isabel Taukane (Aldeia Cura-Bakairi, MT) e, com o auxílio das instituições TTP e Pegadas Brasil ela foi exposta e trabalhada com jovens em situação de risco social. (STOKES , 2008).

John Stokes considera que a sua metodologia, ainda que desperte a consciência de meio ambiente nos grupos que atinge, seja principalmente um trabalho de educação, como poderá ser observado pelos resultados que serão expostos nessa pesquisa. Ele prefere simplesmente acreditar na integração de saberes. Completa que juntas essas 13 placas são a prática de que os grupos precisam para serem bons líderes e defensores da natureza. Acredita que cursos outdoor, nos quais crianças e jovens sejam levados a aprender na natureza, sejam bem mais eficientes que dentro de salas de aula, em ambientes fechados e teóricos.

A ONG Pegadas

Convidado a participar de um curso de Mentores da Metodologia TTP com educadores e lideranças comunitárias no ano de 1996 nos EUA, o jovem fotógrafo de natureza Bento Viana, então com 23 anos, não só conhece, mas se deslumbra com a possibilidade de agregar ao rastreamento de John pegadas brasileiras. Naquele ano, a proposta de criar um “braço” daquela organização no Brasil foi aceita por Stokes e assim surgiu o Instituto Projeto Pegadas Brasil, com sede em Brasília, em 1998.

A metodologia TTP adaptada para o trabalho no Brasil agrega à metodologia de Stokes o conhecimento das culturas indígenas nativas do nosso país. Traz para o currículo brasileiro as pegadas de animais dos biomas brasileiros e agrega cerimônias, rituais e modos de vida próprios de nossa região. (BECKER, 1991).

A cultura dos índios brasileiros veio a enriquecer e a compor o currículo. No Brasil, existem 225 etnias, 180 línguas, 615 terras indígenas - compreendidos em 22% da Amazônia Legal e o que representa em área ocupada 12,5% do território nacional. Segundo o presidente da Funai em exercício no ano de 2008, Márcio Meira, “o Brasil é o maior país em termos de diversidade cultural e lingüística. Muitos países vizinhos possuem uma maior população, mas em termos de etnodiversidade, o Brasil é significativo”. O respeito à sua cultura, seus rituais, crenças e cerimônias, assim como a demarcação de suas terras, tudo isso faz com que haja maiores chances de perpetuação da história de seu povos indígenas,

bem como tende a propiciar maior índice de conservação de recursos naturais em suas áreas. (MEIRA, 2008). Aspectos esses que fazem do Brasil importante ambiente *in locu* para práticas de sensibilização e intervenção educacional. (STOKES, 2005).

Os primeiros anos dessa instituição, de 1999 a 2003, são marcados pela bonança e consolidação do trabalho de Stokes na América do Sul. Muitas foram as pessoas que colaboraram para que o trabalho no Brasil se solidificasse e criasse a forma com a qual é vista hoje²⁹.

A ONG Pegadas recebe o apoio e também a influência em seu currículo brasileiro de grupos de escoteiros, religiosos (Grupo Espírita Beneficente União do Vegetal), órgãos ambientais como Ministério de Meio Ambiente, de instituições como WWF, AVINA, IIEB. Financeiramente é gerido por recursos da *Aurora Foundation*, mesma instituição que assiste o TTP. São realizadas viagens ao Pantanal, Fortaleza, Alta Floresta, São Paulo. Em Brasília faz cursos para colégios como Marista e eventos com a parceria de organizações não lucrativas como as Ongs Interagir e Atitude. A metodologia alcança um número de 3000 mil pessoas no Brasil no ano de 2004. (STOKES, 2005).

Por meio do repasse de seus conhecimentos, o Pegadas prospera até o ano de 2004, quando o principal financiador, a *Aurora Foundation*, decide parar de arcar com os custos fixos da organização brasileira. Um dos motivos que levam o presidente da organização a cortar os investimentos realizados no Brasil³⁰ se deve à falta de retorno de resultados quantitativos e sistematizados que pudessem justificar o aporte de recursos à ONG Pegadas. Apesar de acreditar na metodologia, somente a realização dos cursos no Brasil não mais lhe bastava daquele momento em diante, pois não havia uma forma de avaliar esses cursos.

Nesse mesmo ano, a ONG Pegadas requisita o apoio da AVINA, que auxilia aquela organização a repensar sua sustentabilidade institucional por meio do aporte de recursos de outros financiadores. O Pegadas se inscreve e é aceito para participar do primeiro Programa de Trainee em Conservação Ambiental e Desenvolvimento Institucional da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. Nesse momento, a ONG Pegadas recebe o desafio

²⁹ Nomes que auxiliaram a instituição brasileira com proposição de idéias, cursos, eventos e trabalhos operacionais, a citar: Paola Silverio, Cristiana Aspesi, Márcia Pontier, Márcio Cavalcanti, Edison Saraiva, Graziela Ricardi, Mariana Azevedo.

³⁰ Contato pessoal da autora em 2008.

daquela fundação de escrever um projeto que auxiliasse o Pegadas a desenvolver-se. Com o auxílio do vice-presidente da organização, é que nasceu a idéia de concretizar o convite feito pela Plan e elaborar o PRV, dentro dos moldes de avaliação e monitoramento educacional abordado pela Fundação o Boticário de Proteção à Natureza .

O que há em comum entre as metodologias utilizadas pela ONG TTP e o Pegadas Brasil, além das 13 placas, é o princípio de que todas as culturas e manifestações espirituais, embora se apresentem por meio de diferentes nomes e estilos, possuem o mesmo objetivo de se reconectar à força do Criador, em muitos casos religando o ser humano à Natureza por meio de cerimônias e rituais ancestrais esquecidos. Embora hoje muitos jovens não tenham tido contato anterior com esse tipo de conhecimento, ao se depararem com eles, sensibilizam-se e passam a respeitar a cultura de outros povos. Esse tipo de conhecimento repassado pela metodologia faz parte de algo que provavelmente, se não fosse pelo empenho de Stokes e do Pegadas os jovens nunca teriam a oportunidade de conhecer. Conhecimentos novos e sagrados, ao mesmo tempo em que são estimulantes, passam a instigar nos jovens uma nova postura diante da vida e de si próprios. Auxilia os jovens a agregar ao cotidiano de suas vidas outros valores que passam a ressignificá-los, a “pertencê-los” ao mundo em que vivem, lembrando as gerações que vieram antes deles³¹. O ritmo acelerado do homem moderno muito se deve à falta dessas conexões, entre o sagrado e o cotidiano. As cerimônias coletivas passam a apresentar um tipo de conhecimento focado em bons pensamentos para os seres humanos e para o planeta ao lembrar que todos fazem parte de um só pensamento.

³¹ Para os Iroquois não se concebe a conservação dos recursos naturais de um povo à geração seguinte, mas sim para as próximas 7 gerações (Texto Árvore da Paz, Mentores, 2005). A sustentabilidade das gerações futuras, postulada na CF/88 e na Agenda 21, por meio desse olhar, representa mais do que uma meta abstrata, mas apresenta-se bem mais precisa e desafiadora.

O pensamento de se pertencer a um todo maior que o seu cotidiano vai ao encontro do que diz Frijot Capra quando explica as leis do universo na obra *O ponto de mutação e o Tao da Física*. Todos os seres vivos são formados da mesma matéria e energia e das leis universais da natureza. É, portanto, por meio do entendimento dessas relações ecossistêmicas que o jovem pode se sentir parte do universo e passar a respeitá-lo.

CAPÍTULO 4.

COMO A SUSTENTABILIDADE FOI REPRESENTADA E OS ASPECTOS SOCIAIS PERCEBIDOS

4. COMO A SUSTENTABILIDADE FOI REPRESENTADA E OS ASPECTOS SOCIAIS PERCEBIDOS

Os resultados que serão apresentados a seguir partiram inicialmente da exposição dos motivos que levaram a pesquisadora a investigar acerca de uma experiência com uma metodologia de intervenção educacional com jovens de periferia em São Luís (MA). O segundo passo foi compor a teia metodológica que embasou teórica e tecnicamente a experiência. Em especial, foram expostos conceitos que permeiam a discussão acerca de sustentabilidade ambiental, exclusão social, empoderamento, o olhar do observador, aspectos considerados necessários para a inserção do investigador no contexto social apresentado no Capítulo 2. No terceiro capítulo se apresentou o projeto PRV e os principais pilares metodológicos utilizados pelas organizações The Tracking Project e Pegadas. O Capítulo 4 consiste na apresentação dos resultados das técnicas empreendidas na investigação, na representação acerca da sustentabilidade ambiental e outros aspectos sociais investigados no grupo após dois anos da conclusão da experiência.

As técnicas de coleta de informações para essa pesquisa foram: questionários, grupos focais, entrevistas semi-estruturadas e o acompanhamento dos jovens em suas comunidades a fim de se avaliar a realidade daquele grupo após a experiência relatada. A maior parte desses momentos, exceto a aplicação dos questionários em 2009, foram registrados em filmagens, que após editadas compuseram: 1DVD duplo o resumo do questionário de 2008, uma breve exposição do que consistiu os grupos focais e as entrevistas realizadas, bem como envolveu a participação e colaboração de instituições que estavam envolvidas com o projeto pesquisado, o PRV, ou com o local pesquisado, Itaqui-Bacanga.

Para auxiliar o tratamento das informações recorreu-se à Sociologia, à Psicologia, e à Antropologia. Da primeira, deu-se especial atenção a Moscovici (2003), quanto à representação das posições do grupo de jovens, ao invés de analisá-los individualmente; a Bardin (2004), quanto à análise de conteúdo de seus discursos em relação à sustentabilidade - e a criação de categorias que representem o olhar dos jovens acerca do conceito de sustentabilidade. Magnani (2000) e Malinovsky (1978) foram importantes para o posicionamento da pesquisadora em campo durante a implementação das técnicas de coleta e, em especial, no momento de tratamento dos dados acerca do conceito de

sustentabilidade apresentado. Optou-se ao invés de um olhar frio e distanciado por um olhar mais de “perto e de dentro” de uma realidade “crua” do nicho estudado.

O olhar acerca de empoderamento se mostrou relevante uma vez que ele era objetivo do contrato realizado entre as organizações Plan e Pegadas, financiador e executor do PRV, respectivamente. Ademais, os jovens que participaram do PRV se tratavam de jovens considerados lideranças comunitárias pelo financiador do projeto. No entanto, a liderança nem sempre estava presente no discurso desses jovens. As primeiras avaliações realizadas durante o PRV apontavam apenas 17% dos jovens participantes de fato se consideravam lideranças, como será visto a seguir.

Por se tratar de uma realidade particular, para o tratamento dos aspectos sociais da experiência recorreu-se por vezes à Central Única de Favelas, do DF e do Estado do Maranhão, de Carvalho (2004), Nascimento (2003) e Araújo (1998), para compreender a linguagem de jovens residentes de periferia. A indicação do referencial teórico de Athaide e MV Bill (2006) e Chieira (1996) pela CUFA-DF, bem como a participação em eventos comunitários nesses estados com essa organização, se mostraram importantes, uma vez que guiaram, junto com os demais autores, a pesquisadora para alguns dos aspectos “significados” na pesquisa, de um olhar construtivo-interpretativo da realidade observada e vivenciada em campo, nas periferias de São Luís. A decodificação dos símbolos percebidos, representados, com a interpretação de suas significações, construiu, junto com esses autores e aquela organização não-governamental, atuante especificamente com jovens de periferia, a principal referência utilizada.

Ademais, ressaltamos que a ênfase dada aos aspectos sociais presentes nas periferias compreendeu-se como uma forma de auxiliar as representações sociais de sustentabilidade, periferia, violência e o empoderamento que foram analisados. As representações desses elementos foram analisadas como conjuntos dinâmicos e fluídos, pertencidos no tempo, espaço e condições investigadas. Como tal, constituíram um sistema com lógica própria e implicaram em valores como conceitos coletivamente construídos, como já discutido por Moscovici (2003) e Arruda (2002).

Tentou-se, dessa forma, focar nessa delimitação espaço-temporal (em suas especificidades próprias) e ao mesmo tempo observar a situação dos jovens por meio de ângulos que pudessem fornecer uma visão mais ampla sobre as questões sociais, ambientais e econômicas envolvidas. Embora esse tenha sido o propósito, o que será a seguir exposto não pretendeu exaurir os temas propostos e nem reduzir ou simplificar a

experiência realizada somente às questões estudadas. A experiência em si abarcou muitos outros pontos que não foram objetos dessa pesquisa e que poderiam ser analisados em outros estudos e por outras técnicas de pesquisa.

Outro ponto a ser mencionado é que se optou por não seguir uma linha de causa-efeito quanto aos resultados da experiência. Não foi objetivo deste estudo inferir se o que foi percebido teve uma ligação direta com o projeto de intervenção em si, mas, ao expor o que foi observado após essa iniciativa, objetivou-se apresentar parte da realidade vivenciada pelos jovens, como Rey (2005) sugere. Por ser embasado por trabalhos de campo, com variáveis fluídas e flexíveis, a delimitação desse tipo de ligação casuística não poderia ser compatível com essa pesquisa e seus propósitos. Por isso é que se preferiu a análise qualitativa dos dados, como sugerido por Minayo (1998).

Também vale lembrar que a faixa etária investigada, jovens entre 15 a 24 anos na época do projeto, não estavam em situações delimitadas e fixas, mas flexíveis; mudando de comunidade, de comportamentos e atitudes; participando de outros projetos, recebendo outros tipos de estímulos informais depois do PRV, fatores que poderiam tornar tendenciosa a relação da influência do processo não-formal de ensino (o PRV) com os aspectos limitados pesquisados. Por isso, acabou sendo priorizada a análise do contexto dos jovens, o que de fato havia modificado em suas vidas, em aspectos gerais, de acordo com induções do próprio grupo quanto à experiência e não somente por relações de causa-efeito deduzidas pela pesquisadora.

O ponto inicial observado para dar início à pesquisa foi a relação dos jovens com os aspectos almejados pela organização financiadora (a Plan), em especial o empoderamento comunitário (anexo B).

A ONG Pegadas, ao investigar os jovens participantes do PRV na época de diagnóstico, antes da execução do PRV apresentou o seguinte quadro:

Jovens que se consideravam lideranças antes do PRV

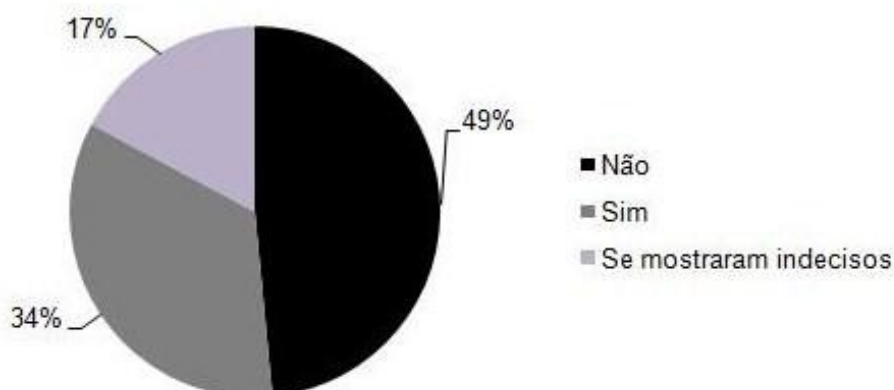


Gráfico 2. Resultados. Perfil do grupo pesquisado antes do PRV.

Fonte: Adaptação das informações extraídas do Relatório parcial da Ong Pegadas apresentado em 2005.

A investigação inicial do contexto a ser pesquisado demonstrou que, do diagnóstico realizado pela ONG executora antes da intervenção, apesar da instituição financiadora abordar os jovens como lideranças comunitárias, poucos de fato se consideravam como tal.

Portanto, qual seria de fato a intenção da ONG Pegadas no projeto ao expor isso em seu relatório, senão trabalhar para modificar este quadro? Poderia o PRV abordar apenas aspectos ambientais, desconsiderando outros aspectos de sua metodologia que poderiam auxiliar na transformação daquela relação desigual entre os apontamentos do financiador (que consideravam aqueles jovens lideranças comunitárias) e o que na realidade os jovens pensavam sobre si mesmos? Poderia de fato a metodologia que seria abordada apresentar aos jovens uma nova forma de olhar para a liderança em suas comunidades?

Para investigar essa questão, recorreu-se primeiramente ao contrato firmado entre as instituições Pegadas e Plan. (Anexo B). Um dos objetivos expressos desse documento consistiu: na capacitação e o empoderamento desses jovens “tendo em vista seu papel de atuação junto às demais organizações de suas comunidades”; outro o de “apoiar processos participativos de construção e gerenciamento de planos de desenvolvimento para a preservação do meio ambiente nas comunidades”; “incentivar a construção de uma rede que possa reivindicar de forma articulada e organizada os direitos desses jovens”, bem como seu “empoderamento para a participação de espaços de controle ambiental e de políticas públicas” e “apoiar a rede [...] formada no seio do movimento social e composta por jovens

da comunidade”; por último, o objetivo de “identificar as problemáticas ambientais que afetam as comunidades e juntos (organizações e jovens), construir soluções práticas e viáveis que venham a sanar esses problemas”. (Anexo A).

Até o momento de conclusão do projeto, alguns desses objetivos já haviam sido atingidos com a realização do “I Seminário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Área de Itaqui-Bacanga: em busca de Políticas Públicas de responsabilidade sócio-ambiental”, uma iniciativa organizada e executada pelas organizações e os jovens para 150 moradores das comunidades de IB. Nesse evento, os jovens responsáveis por indicar os temas a serem abordados e instituições que dele fariam parte, também auxiliaram as organizações nas atividades (oficinas e palestras) desenvolvidas. No entanto, no apoio dessa rede de jovens (exposto no contrato) havia ficado uma lacuna, uma vez que havia jovens de diferentes comunidades, interesses distintos e que não se consideravam uma rede, muitos dos quais nem se consideravam lideranças (como já exposto). Na parte ambiental, para o apoio a planos de desenvolvimento para a preservação do meio ambiente nas comunidades, foi apresentado aos jovens a permacultura dentro de uma visão ecossistêmica (descrita no Capítulo 1), mas nenhum projeto em si havia sido elaborado pelos jovens e apresentado às organizações ao final do PRV. Exceto um: da comunidade de Alegria-Maracanã, que não abordava apenas a permacultura em si, mas a criação de uma ONG, criada nos moldes da ONG Pegadas para atuar em São Luís e especialmente naquela comunidade.

Após o estudo do contrato e do caminho trilhado pela ONG Pegadas em São Luís para atender aos objetivos do PRV, buscou-se inferir como a metodologia empregada pela ONG Pegadas (TTP/Pegadas) poderia auxiliar no atendimento das questões colocadas no contrato. Recorreu-se, portanto, às organizações que empregavam a metodologia (ONGS The Tracking Project e Pegadas) a fim de guiar a pesquisadora para a maneira como as 13 placas poderiam tornar possível o empoderamento pretendido. A construção de indicadores junto a John Stokes (da ONG The Tracking Project) foi o passo dado para dar seguimento a investigação. Logo após foram utilizados os trabalhos de campo para mensurar a percepção dos jovens em respeito de aspectos repassados pela metodologia, como a sustentabilidade e a liderança (nessa pesquisa também conhecida por empoderamento).

Foi objetivo da ONG Pegadas reforçar a questão de empoderamento dos jovens no projeto, incentivando-os, dentro de limitações específicas (geográficas, financeiras) a propor e a desenvolver projetos e ações para a melhoria de suas vidas e de suas comunidades.

Para tanto, utilizou-se como ferramenta metodológica de seu currículo a placa liderança, como aquela que poderia melhor servir ao propósito: empoderar ou estimular o protagonismo dos jovens. Embora liderança, empoderamento e protagonismo sejam conceitos distintos, na pesquisa foram considerados como conceitos que atendiam aos mesmos objetivos do contrato firmado. O empoderamento foi escolhido como conceito a abarcar os outros três, sem ferir ou prejudicar nenhum.

Para o **tratamento das informações** coletadas nos trabalhos de campo, ressaltamos a utilização de duas técnicas principais:

1. Análise de conteúdo por meio da qual foram criadas seis categorias semânticas que representaram a percepção dos jovens em relação à sustentabilidade (e que deram origem à criação do gráfico 4);
2. Análise qualitativa e quantitativa acerca das questões sociais e de empoderamento pesquisadas (construção das 11 tabelas de resultado, expostas nesse capítulo e discutidas no Capítulo 5);

A seleção dos jovens que participariam da representação realizada nessa pesquisa ocorreu, primeiramente, por meio da visualização daqueles que se encontravam nos extremos da Curva de Gauss (Gráfico 3), resultado da análise do primeiro trabalho de campo, o questionário aplicado (antes das info).

Para entender a curva, o extremo à esquerda foi classificado como “menos aptos”: refere-se àqueles jovens nos quais a metodologia de intervenção realizada parecia não ter surtido efeito após dois anos do fim do PRV. Aqueles que apresentaram bom desempenho em relação aos indicadores construídos para variáveis de sustentabilidade e empoderamento analisados foram nomeados os “mais aptos”.

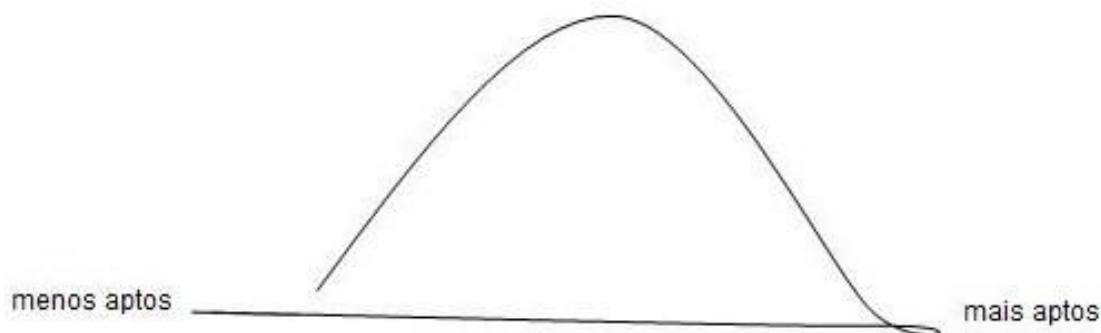


Gráfico 3. Desempenho dos jovens quanto a aspectos de sustentabilidade e liderança. Primeiro trabalho de campo, segundo a análise da pontuação dos questionários aplicados.
Fonte: Pesquisa própria

Essa percepção foi dada, nesse momento inicial - de aplicação dos questionários - a partir da expressão dos indicadores na prática relatada pelos jovens, pela atribuição de notas que versavam entre 0 e 6 pontos (considerados no rol dos menos aptos) e de 17,5 a 22 (mais aptos), com exceção de uma comunidade³²: Gapara, que embora tenha obtido uma nota máxima muito aquém da nota máxima obtida pela Vila Embratel, versando em torno de 17, obteve uma média 14% (1,1397058) maior que a Vila Embratel. Enquanto a maior nota dessa última comunidade foi de 21 pontos, Gapara ficou com 17.

Em relação às outras comunidades: a Alegria-Maracanã alcançou uma média 35% (1,35) maior que a Vila Embratel e 18% (1,18) maior que o Gapara.

Participantes que obtiveram notas medianas, mas que na hora do acompanhamento se destacaram de alguma forma, também foram considerados. Embora parte desses jovens não se considerassem lideranças, eles estavam envolvidos com projetos sociais, ambientais ou de alguma forma modificaram as suas posturas em relação às suas vidas, planejando e realizando projetos de vida mais realistas³³.

³² Notas do questionário: mínimo=2 e máximo= 24, média 13 e desvio considerado= 3 para a composição das notas medianas. Foram considerados como nota alta pontuação \geq a 20; média alta- de 19 a 16; média- de 16 a 10; média baixa de 10 a 7; baixa- pontuação abaixo de 7 (29% do rendimento se comparado à nota máxima obtida pelo grupo que respondeu ao questionário).

³³ Foram alguns desses registrados em entrevistas extras nessa pesquisa em 1 DVD próprio.

Em outras palavras, esses indicadores (inicialmente quantitativos) apenas reforçaram a necessidade de se continuar a investigação baseada em dados qualitativos e relativos à cada comunidade, uma vez que, pelas médias obtidas supôs-se tratar de realidades distintas que mereceriam enfoques específicos em cada localidade e que, ademais, a análise quantitativa deixava “escapar” aspectos que precisariam ser considerados em outras partes da pesquisa.

Desse modo, as entrevistas realizadas após a aplicação do questionário em 2008 tiveram o propósito de focar em aspectos qualitativos e não apenas na expressão dos indicadores criados.

Após a aplicação dos questionários, o segundo passo do trabalho de campo realizado em 2008 consistiu na realização dos grupos focais nas quatro comunidades pesquisadas. Nesse momento foram observados os discursos de atores que obtiveram a maior ou menor pontuação total nas questões do questionário dentro de sua comunidade, a fim de contrastar opiniões a respeito da sustentabilidade em suas comunidades³⁴.

Para aprofundar as questões investigadas em 2008, a última etapa do trabalho de campo realizado naquele ano compreendeu a seleção de jovens que pudessem representar o olhar de sustentabilidade do grupo total pesquisado. O critério de seleção dos jovens a compor essa amostra ocorreu por meio da junção dos seguintes pontos considerados:

- Jovens que obtiveram notas entre os extremos de pontuação;
- Jovens que se destacaram nos grupos focais;
- Acompanhamento do jovem em campo para validar em grupo as respostas dadas no questionário e no grupo focal;
- Disponibilidade em ser entrevistado no período pesquisado.

De acordo com os resultados das entrevistas realizadas com os jovens selecionados em 2008, a representação de sustentabilidade pode ser resumida numa série de apontamentos que refletem as respostas dadas pelo grupo. Para isso, foram observados conceitos-chaves que mais estiveram presentes em seu discurso. Escritas, falas individuais

³⁴ Alguns jovens que se destacaram nos grupos focais foram filmados em DVDS a parte, não anexos a pesquisa.

ou isoladas não foram analisadas, mas sim as suas representações (MOSCOVICI, 2003), que, de acordo com Reigota (2002), compõe crenças e pensamentos comuns ao grupo. Esses elementos, por aparecerem com mais frequência na fala do grupo, foram considerados relevantes de investigação.

A partir desses dados, brutos, possibilitados por essa representação, foram criadas pela pesquisadora seis categorias acerca do conceito de sustentabilidade apresentado. De acordo com eles, a noção de sustentabilidade pode ser exposta por meio de noções que envolvem tipos diferentes de olhar para uma mesma questão que foi colocada: “Para você, o que é sustentabilidade?”. A partir das respostas do grupo e posterior análise de palavras-chaves dos discursos, então, aliadas à interpretação da pesquisadora, essas representações abarcaram as categorias: assistencialista, ecossistêmico, ambiental, solidário, finalístico e empoderamento.

Entende-se por princípio assistencialista a alteridade, o *outro*, em um sentido de apoio de ajuda externa - para isso foram frequentemente referenciadas expressões que contiveram a necessidade de outra pessoa que os apoiasse, como: pais que os sustentassem ou o Estado (facilitando oportunidades de acesso e manutenção de uma dada condição almejada).

Pela abordagem ecossistêmica, aquela relativa aos conceitos expostos por Capra (2006)³⁵ e Mollison (1991), ressaltados no Capítulo 1, a percepção de sustentabilidade está elencada em projetos de vida economicamente sustentáveis e ambientalmente corretos. Percebe-se a natureza e o homem como componentes de uma rede cujos elementos que a compõe estão interligados por seis princípios básicos: interdependência, biodiversidade, cooperação, reciclagem, flexibilidade e diversidade. Esses princípios, utilizados para construir comunidades sustentáveis, no geral, referiram-se a uma “nova mentalidade”, uma nova forma de se olhar para o planeta e seus recursos.

O viés ambiental foi colocado por meio de um campo semântico que envolveu um olhar fragmentado do meio ambiente, apenas citando ou descrevendo recursos naturais, sem relacionar o conjunto das interações existentes. Essa categoria refere-se a um olhar mais tradicional das ciências que envolvem a vida, sem aprofundar nas demais implicações

³⁵ Para maior aprofundamento das questões ecossistêmicas abordadas, sugere-se olhar, também, as obras de Capra: “a Teia da vida” e o “ Tao da Física”, bem como as publicações de Ilya Prigogine. Este último autor refere-se acerca de complexidade – da existência de sistemas, conjunto, estabilidade que podem embasar os princípios expostos por aquele autor.

sociais e econômicas que existem, por exemplo, quando os jovens representaram os conceitos-chaves da categoria Ecosistêmica exposta.

A solidariedade de Souza (2003) e a descrita nas periferias abordadas por Chieira (1996), expostas no Capítulo 1, foram encontradas e percebidas no discurso quando se inferiu auxílio ao próximo. Não por meio do recebimento desse apoio (como o assistencialista, categoria criada para descrever uma atitude bem mais conformista, de recebimento), mas no sentido de doação, de auxiliar quem é mais carente. Aludiram a um olhar de ajuda ao próximo, a gerações futuras, de companheirismo.

A que se representa por noção finalística foi assim definida pelos jovens como a apropriação dos recursos naturais para alcançar objetivos pré-definidos, a fim de se desenvolver atividades econômicas (ou que dessem lucro), como o artesanato com folhas de palmeiras locais, como a Jussara e a utilização de frutos para as festas e a culinária local.

Em destaque, como a mais relevante das representações expostas, foi a noção de sustentabilidade arraigada com o empoderamento, um conceito extraído do educador Paulo Freire. (VALOURA, 2006). Segundo essa autora, na língua inglesa, *empowerment*, significa “dar poder a alguém”, no sentido de realizar uma tarefa sem precisar que outras pessoas auxiliem, ou que dêem poderes legais para quem a executa. Já no sentido resgatado de Freire ela adquire outro sentido, uma lógica própria. Segundo a autora, “para o educador, a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levem a evoluir e se fortalecer”. Pela percepção desta pesquisa a sustentabilidade empoderada, representada nos dados analisados, viria de algo voltado para dentro, para atender expectativas e superar desafios e expectativas internas, da capacidade inerente ao ser humano de transpor os desafios para alcance do “sustentável”, do auto-sustento por parte dos seres humanos/sociedade/comunidade/família/do jovem. Essa opinião diverge do pensamento exposto por Schiavo e Moreira (2005) em Valoura (2006), pois empoderamento, no sentido da lógica de Freire, não significa o mesmo que na concepção inglesa. Ela “implica conquista, avanço e superação daquele que empodera (sujeito ativo do processo) e não uma simples doação ou transferência, por benevolência, de informações”. Nas palavras desses autores:

Implica, essencialmente, a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis, deve somar-se a mudança de atitude que

impulsiona a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido de objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa ou receptiva (SCHIAVO; MOREIRA, 2005 apud VALOURA, 2006, p. 2)

A abordagem ecossistêmica e a assistencialista representaram, cada uma, 10% dos discursos. A solidariedade esteve presente em 15% das representações e o ambiental e finalístico em 20%, cada um. Ganhou destaque a representação de sustentabilidade por um olhar de empoderamento (25%), no que é de responsabilidade do jovem/comunidade/família e da sociedade para fazer a sustentabilidade acontecer.

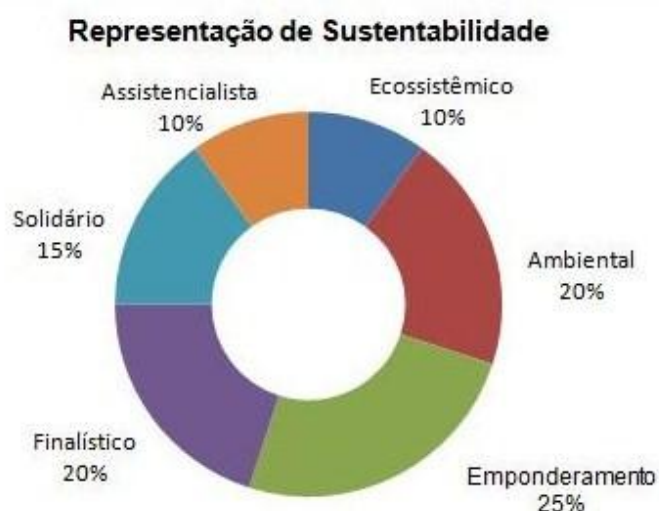


Gráfico 4. A representação de categorias de sustentabilidade por campo semântico baseados nas respostas do grupo pesquisado. - Representação num universo de 100%

Fonte: Pesquisa própria

Valendo-se do princípio mutuamente exclusivista de Bardin (2004), pode-se pensar em redefinir algumas dessas categorias, agrupando-as. Poder-se-ia sugerir unificar as categorias ambiental e ecossistêmica, por exemplo, ou as envolvidas com princípios assistencialistas ou solidários, capazes, a grosso modo, de serem consideradas uma mesma coisa. No entanto, a compreensão do campo de significados contidos em cada uma dessas categorias foi embasada, como exposto no Capítulo 1, no processo de observação em campo e posteriormente, na interpretação desses componentes: discurso, campo e referencial teórico.

O segundo trabalho de campo, em fevereiro de 2009, foi realizado com os jovens a fim de investigar aspectos sociais que poderiam ter influenciado as categorias representadas na análise do primeiro trabalho de campo. A pesquisadora percorreu residências, contactou jovens por telefone, resultando na participação de 13 jovens ao longo de uma tarde de entrevistas. O preenchimento pela pesquisadora das três tabelas que foram expostas no Capítulo 1 deu origem às 11 outras tabelas de resultado que são apresentadas neste Capítulo 4.

A representação de liderança pelo grupo dos 13 jovens após a conclusão do PRV resultou no Gráfico 4, exposto a seguir. Observou-se, pela análise do gráfico, um aumento sutil dos jovens que se consideravam lideranças naquele momento, dois anos após a conclusão do PRV. Percebeu-se que a proporção de jovens que haviam ficado indecisos desapareceu.

Jovens que se consideraram lideranças depois de 2 anos de conclusão do PRV

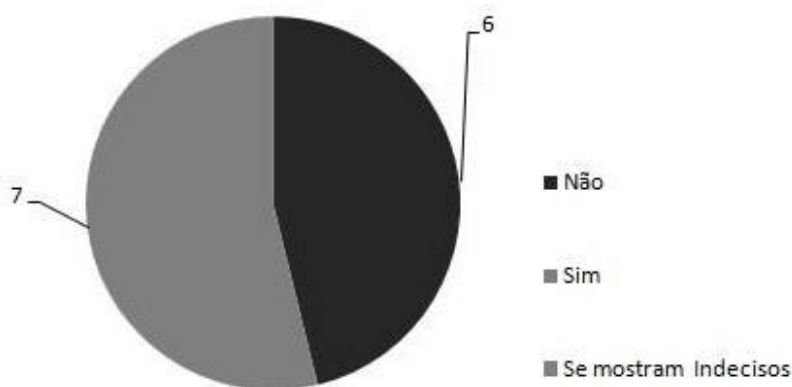


Gráfico 5. A relação dos jovens com a liderança após o PRV.

Fonte: Pesquisa própria

Procurou-se também investigar, na segunda visita de campo, os motivos que levaram, jovens a residirem fora de suas comunidades/cidade/estado. Foi observado um significativo número de jovens que não puderam participar do campo 1 e que, naquele momento, não poderiam participar do campo 2.

Tabela 1. Acompanhamento dos jovens em campo após o PRV em 2008. Indicadores socioeconômicos.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Total de jovens rastreados	Mudaram de residência		Não mudaram de residência	
Gapara	7	1	14%	6	86%
Vila Embratel	28	6	21%	22	79%
Alegria-Maracanã	6	2	33%	4	67%
Vila Maranhão	3	0	0%	3	0%

Fonte: pesquisa própria

Da análise dos dados da Tabela 1 foi proposta a construção da Tabela 2 expressando os motivos pelos quais os jovens haviam mudado o seu local de pertencimento. Do valor encontrado, 1/5 ou 20% do grupo pesquisado recorreu a outros locais como residência a procura de empregos, para constituir família ou outros motivos (não expostos).

Tabela 2. Acompanhamento dos jovens em campo após o PRV em 2008. Motivos que levaram os jovens a mudar de residência. Indicadores socioeconômicos.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Depois do PRV houve mudança de residência e ela ocorreu pelos seguintes motivos		
	Afetivo	Emprego	Outros
Gapara	0	1	0
Vila Embratel	2	3	1
Alegria-Maracanã	0	1	1
Vila Maranhão	0	0	1
Total	4	11	7

Fonte: pesquisa própria

Dos motivos questionados em fevereiro de 2009, nenhum dos jovens rastreados parecem ter mudado em decorrência de assuntos familiares (para tratar de doenças, por exemplo), para realizar cursos de capacitação ou em busca de se desenvolver nos estudos em outros locais.

Observou-se também, naquele momento, entre o campo 1 e 2, a existência de jovens que conviviam com problemas (sociais e econômicos) que pareciam significar outros caminhos a serem investigados, uma vez que poderiam sugerir traços de resistência ou que reforçavam os passos por eles seguidos. Eram histórias de amigos ou membros de sua comunidade que viviam da renda do tráfico, conhecidos e respeitados dentro de suas comunidades, bem como de outros jovens que viviam de trabalhos informais e daqueles que conseguiram assinar carteira, conquistando o trabalho formal, almejado pela grande maioria. O “estar trabalhando” para os jovens, ao mesmo tempo que significava um orgulho, muitas vezes foi sentido como um peso, pois muitas vezes, na visão dos jovens, tornava-os reféns

de padrões, baixos salários ou esquemas rígidos, sem lhes dar a oportunidade de flexibilização para a realização de cursos ou ao lazer dos finais de semana. Desse ponto, partiu o questionamento acerca das condições que poderiam inferir a opção por um ou outro caminho, entre a formalidade e a informalidade. Quais seriam as condições favoráveis para que o jovem pudesse optar por um ou outro caminho? Será que haveria diferença entre as opções antes e depois da experiência? Os resultados são expostos a seguir.

A investigação acerca do envolvimento dos jovens em projetos, por exemplo, percorreu o raciocínio que envolve as deduções a respeito dos caminhos seguidos. Ao envolverem-se nesses projetos, muitos jovens consideram-se úteis às suas comunidades, ganhando auto-estima, mas nem sempre recebiam remuneração que justificasse a permanência do jovem durante um tempo prolongado. Quantitativamente, apresenta-se a queda da participação de jovens em projetos, após o fim do PRV em 2009. Jovens que se envolviam antes pararam de se envolver com projetos após o PRV.

Foram pesquisadas três áreas específicas em relação ao envolvimento dos jovens em projetos após a experiência, em 2009: a área ambiental, social e as demais (outras). Das áreas que os jovens se envolveram com projetos, observou-se um empate de jovens que se dedicaram a áreas sociais e outras (três jovens em cada uma dessas áreas), contra quatro que passaram a se dedicar à área ambiental.

Tabela 3. Indicadores de empoderamento – nível de envolvimento dos jovens em projeto antes do PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Envolvimento com projetos			
	Antes do PRV			
	Elaboração	Planejamento	Execução	Coordenação
Gapara	0	0	1	0
Vila Embratel	6	6	8	5
Alegria- Maracanã	0	0	0	0
Total	6	6	9	5

Fonte: pesquisa própria

Tabela 4. Indicadores de empoderamento – nível de envolvimento dos jovens em projeto após o PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Envolvimento com projetos			
	Depois do PRV			
	Elaboração	Planejamento	Execução	Coordenação
Gapara	0	0	2	1
Vila Embratel	6	6	5	5
Alegria- Maracanã	0	0	0	0
Total	6	6	7	6

Fonte: pesquisa própria

Apesar da queda no número de jovens que estavam executando projetos antes do PRV, contra o índice exposto depois, houve uma observação interessante: o envolvimento maior dos jovens na coordenação de projetos após o PRV. Essa coordenação abarcou o envolvimento de jovens em áreas antes contempladas por eles, como o meio ambiente.

Isso pode indicar a emergência desses jovens quanto à sua capacitação profissional nas áreas ambiental e correlatas. Um exemplo desse tipo de empoderamento refere-se ao projeto apresentado à pesquisadora como um dos resultados práticos do que foi aprendido pela experiência (Anexo D) - o projeto chamado “Grafiteiros Ecológicos”, elaborado por jovens participantes do PRV e que já vem sendo implementado nas comunidades. Consiste em um projeto de educação que se opõe à pichação e mostra o caminho da conscientização ecológica nos muros de periferia. Outros exemplos que são passíveis de menção foram:

- Um dos jovens elaborou, coordena e executa sozinho, todos os sábados, um projeto de Educação Ambiental com jovens de uma comunidade que, segundo suas palavras, era “mais carentes que a sua”. Inicialmente esse jovem não se considerava e continuava não se considerando um líder comunitário, foi uma das menores notas do questionário realizado em sua comunidade, embora apresentasse comportamentos e atitudes empoderadas;
- Um jovem que se dedicou às técnicas de permacultura em Vila Embratel, hoje, ministra aulas e cursos para uma associação ambiental local e presta serviços para uma das maiores empresas que atuam no local;
- Um dos jovens foi eleito conselheiro tutelar em sua comunidade com o apoio dos outros jovens que participaram do PRV. Na época pesquisada, ele conseguia, com o seu salário, arcar com os custos de seus estudos em faculdade particular e almejava, com o fim do curso, abrir negócio próprio, constituindo uma empresa com base nas questões de saúde que havia sido despertado pelo PRV e que continuava sendo estimulado a investir;
- Jovem da comunidade de Alegria-Maracanã que havia proposto às organizações envolvidas o apoio à criação de uma Ong, embora não tivesse realizado esse anseio, pôde com o auxílio das saídas de campo do PRV, sentir-se apto a mudar de comunidade, uma vez que não conseguiu emprego naquele local. Hoje faz curso superior em Comunicação e trabalha no centro de São Luís;

- Jovem que se dedicou à fotografia durante o PRV, hoje trabalha com carteira assinada numa empresa no centro de São Luís e se sustenta com a renda dessa atividade ou potencial despertado;

Outro dado qualitativo observado pelo acompanhamento em campo e investigado posteriormente refere-se a jovens que estavam se preocupando muito mais com questões ligadas à família do que antes do projeto. A fim de significar essa percepção, os jovens foram indagados a respeito de sua situação afetiva, o que gerou a tabela a seguir.

Tabela 5. Indicadores Sociais acerca da constituição familiar e expectativas correlatas após o PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização) Comunidade	Família					
	Filhos			Companheiros		
	Possui	A caminho	Os sustenta	Mora junto	É casado	Pretende casar
Gapara	0	0	0	0	0	2
Vila Embratel	2	2	2	2	0	8
Alegria- Maracanã	1	0	1	0	0	1
Total	3	2	3	2	0	11

Fonte: pesquisa própria

Desses dados, observa-se que parte do grupo já possui filhos e que a maior parte deles pretende se casar (mesmo que seja daqui a alguns anos). Nenhum dos jovens é casado, mas alguns “moram juntos” (dividem a mesma residência).

Outros resultados a serem destacados referem-se à participação dos jovens em cursos de capacitação após a experiência: pouca participação em cursos na área ambiental; seguido de um pouco mais de envolvimento em cursos na área social. Observou-se que os jovens dedicaram-se mais a outros cursos, como de informática, radiografia, artesanato, etc. Ao todo, mais da metade do grupo pesquisado realizou os cursos focados em empregos que poderiam conseguir a partir daquela capacitação (Tabela 6, Tabelas de Resultado). Do universo, pouco menos da metade possuía carteira assinada. (Tabela 6, tabelas de resultado). Entretanto, nenhum dos jovens possuía, naquela época pesquisada, o emprego sonhado.

Tabela 6. Indicadores de empoderamento (participação do jovem em cursos de capacitação após o PRV e as mudanças percebidas quanto às expectativas em relação a seus estudos)

Comunidade (grupo de sociabilização)	Participação em Curso de Capacitação				Expectativa do jovem em relação à conclusão de curso superior		
	Ambiental	Social	Outros	Visando Emprego	Sim	Não	Com inserção em melhores condições de vida
Gapara	0	0	0	0	2	0	2
Vila Embratel	2	5	6	6	8	1	8
Alegria- Maracanã	0	0	2	1	2	0	2
Total	2	5	8	7	12	1	12

Fonte: pesquisa própria

Tabela 7. Indicadores Socioeconômicos (emprego) e expectativas quanto à área de atuação profissional após o PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Emprego		Na área			
	Formal	Informal	Ambiental	Social	Outros	De seus sonhos
Gapara	2	0	0	0	2	0
Vila Embratel	2	2	1	2	2	0
Alegria- Maracanã	2	1	0	0	1	0
Total	6	3	1	2	5	0

Fonte: pesquisa própria

Observa-se na Tabela 7, outrossim, uma parcela significativa de jovens que almejam concluir um curso superior (quase o universo total pesquisado), aspecto relevante que não havia sido observado antes da realização do PRV. Ressalta-se que todos os jovens que pretendiam concluir um curso superior afirmaram fazê-lo em decorrência da possibilidade de melhoria das condições de vida advindas dos estudos. Nenhum jovem questionado em 2009 estava empregado no trabalho que de fato sonhava para si.

Outro ponto observado na análise refere-se à percepção dos jovens em se considerarem ou não residentes em locais de periferia e os impactos que isso provocava em suas vidas. Apesar do título “periferia” a essas regiões, pouco mais da metade dos jovens consideram a sua comunidade como sendo periferia (Tabela 8, Tabelas de Resultado). A outra parte pesquisada não percebe ou não se assume morando nesses locais.

Tabela 8. Indicadores sociais quanto à representação dos aspectos de periferia, violência e os impactos percebidos em cada comunidade pelos jovens em 2009.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Percepção do jovem sobre a sua comunidade		E que impacto isso traz para você					
			Em relação a ser conhecida como					
	Violenta	Periferia de São Luís	Periferia			Comunidade Violenta		
			Positivo	Negativo	Indiferente	Positivo	Negativo	Indiferente
Gapara	1	2	0	1	0	0	2	0
Vila Embratel	7	4	0	4	0	2	3	0
Alegria- Maracanã	0	1	0	0	0	1	1	1
Total	8	7	0	5	0	3	6	1

Fonte: pesquisa própria

Os resultados mais relevantes encontrados nessa pesquisa dizem respeito aos dados sobre a expectativa por parte dos jovens quanto aos estudos, ao desenvolvimento e aplicação dos jovens em projetos e à análise dos aspectos que se referem às transformações sociais encontradas, em 2009. Um deles, já citado, refere-se ao empoderamento dos jovens em relação à proposição de projetos que, embora em percentagem pequena, parecem refletir um ganho qualitativo em suas vidas e que aos poucos os auxiliam no planejamento e execução de estratégias para alcançar condições melhores de educação e emprego. Outros aspectos relevantes mensurados referem-se a mudanças comportamentais que serão apresentadas a seguir.

A redução do consumo de drogas pelos jovens é uma dos resultados que parecem refletir transformações sociais percebidas em 2009 (Tabela 9). Observou-se um decréscimo total dos jovens que consumiam drogas ilícitas; das lícitas, apenas o cigarro chegou a 0, o álcool ainda era consumido por proporção igual de jovens.

Infere-se, nessa pesquisa, que o álcool, parece não ter modificado o seu índice, como itens drogas lícitas, ilícitas e prisão. Dos itens pesquisados na Tabela 9, apenas o álcool não apresentou alteração, continuou com um número igual de jovens consumindo bebidas alcoólicas antes e após o projeto (um jovem que parou de beber em uma das comunidades pesquisadas em 2009 foi substituído por outro que começou a beber em uma comunidade distinta).

O álcool possivelmente em razão de ser socialmente mais aceito do que as demais drogas e não ser sinônimo de transgressão e desvio social, como as drogas ilícitas, é um modelo que parece ser aceito e compartilhado no lar (como expõe a Tabela 10). Apenas um dos jovens do universo dos 13 pesquisados em 2009 relatou conseqüências mais sérias em família em decorrência do uso ou abuso de bebidas alcoólicas.

Ressalta-se, contudo que dos jovens que continuaram bebendo, todos afirmaram que reduziram drasticamente o seu consumo a eventos esporádicos e em doses consideravelmente menores.

Também se observou que dos jovens que haviam sido presos, após o projeto, nenhum caso a mais de prisão foi constatado.

Tabela 9. Indicadores Sociais e envolvimento do jovem e da sua família com drogas lícitas, ilícitas, presídios e morte na família em decorrência desses aspectos após o PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Envolvimento da família				
	Drogas	Álcool	Cigarro	Prisão	Morte
Gapara	0	2	1	0	0
Vila Embratel	3	8	5	2	0
Alegria- Maracanã	2	0	0	0	1
Total	5	10	6	2	1

Fonte: pesquisa própria

Tabela 10. Indicadores Sociais e envolvimento do jovem com drogas lícitas, ilícitas, presídios e morte na família em decorrência desses aspectos após o PRV.

Comunidade (grupo de sociabilização)	Envolvimento Próprio							
	Antes				Depois			
	Drogas	Álcool	Cigarro	Prisão	Drogas	Álcool	Cigarro	Prisão
Gapara	1	1	0	0	0	0	0	0
Vila Embratel	6	7	4	2	0	8	0	0
Alegria- Maracanã	0	2	0	0	0	2	0	0
Total	7	10	4	2	0	10	0	0

Fonte: pesquisa própria

Ademais, para inferir relações entre periferia, jovens e sustentabilidade, a pesquisadora recorreu, além do discurso dos jovens, a estudos da água, lixo e esgoto de IB. Esses elementos resumem aproximadamente, junto com o IDH do Estado e o PIB de São

Luís, praticamente as únicas informações que foram obtidas nos órgãos oficiais do estado e repercutem na qualidade de vida da região estudada.

É relevante ressaltar, nesse sentido, alguns pontos estabelecidos no Código Nacional Sanitário, recentemente tornado lei. Como princípios fundamentais do serviço público de saneamento básico federal em seu art. 2º (BRASIL, 2007) estabelece que o atendimento ao abastecimento de água, esgoto sanitário, limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos quando ocorre de forma inadequada vem a prejudicar a qualidade do solo e da saúde da população, uma vez que a água é vetor de transmissão de doenças e elemento essencial de consumo humano. Quando poluída, tratada insuficientemente e em contato direto com o solo contamina locais de abastecimento.

Dos indicadores de qualidade ambiental pesquisados para melhor embasar a análise e tratamento de dados, deu-se preferência à água, uma vez que se inferiu que ela poderia refletir a atenção do poder público quanto às questões de ordem higiênico-sanitárias que envolvem os recursos hídricos, o tratamento da rede de esgotos e o lixo. Especialmente, em ambientes salinos e salobros, como a Ilha de São Luís, a presença da bactéria *Enterococcus* serviu como um dos indicadores de qualidade da água, por ser um coliforme fecal resistente a esses ambientes. (SILVA et al, 2008; SOARES et al, 2002). A ocorrência desse patógeno acima dos padrões permitidos pôde inferir como a água estava sendo tratada e parece indicar a má gestão do componente hídrico naquela localidade.

A qualidade da água no Município de São Luís foi uma preocupação ao longo de todo o projeto. Surgiu no momento inicial da pesquisa, ainda em 2004, quando os jovens relataram a respeito desse desafio na região e estendeu-se às visitas nas comunidades e informações recolhidas nos órgãos municipais (aqueles que se mostraram abertos a colaborar). Muitos jovens apresentaram problemas de saúde em decorrência da precariedade no acesso a esse bem e precisaram ausentar-se em variados momentos do PRV e da pesquisa em razão de estarem doentes.

O conhecimento desse elemento em âmbito local/regional veio a repercutir tanto na saúde e qualidade de vida daqueles jovens pesquisados quanto impactou a experiência em si. Em caráter de experimentação em sua investigação, a pesquisadora observou em si os reflexos dessa má-gestão e qualidade do recurso hídrico quando, na época, residiu em uma das comunidades estudadas. Adoeceu em dois momentos distintos da pesquisa. O primeiro, mais grave, a levou a uma infecção bacteriana que quase alcançou sua corrente sanguínea, tendo que ser tratada durante seis meses após o trabalho de campo. Cautela

que, observada por médicos em Brasília, serviu-lhe de advertência para investigar e auxiliar os jovens na busca por mais informações acerca da situação ambiental atual da área onde residem.

Não apenas duas das principais praias de São Luís (as mais visitadas por turistas) estão poluídas e impróprias para banho, como a água de uma das comunidades estudadas é não-potável (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 1984). A presença de *Enterococcus* além do patamar aceitável nas águas dos municípios (SILVA et al, 2008; SOARES et al, 2002), bem como a distribuição precária de água observada, em dias alternados e esparsos, nos bairros do centro e nas periferias, indicam que a gestão da água consiste num grande desafio municipal a ser enfrentado. Observou-se, outrossim, que também é um desafio encontrado nos municípios de interior do Estado.

De tudo o que foi exposto, último ponto a ser apresentado como resultado dessa pesquisa refere-se à constatação de duas demandas em IB:

- A demanda por cursos de profissionalização locais em meio ambiente que permitam que os jovens iniciem e terminem cursos nessa área, uma vez que os jovens manifestaram interesse, mas não conseguiram concluir capacitação nesse campo devido aos custos cobrados;
- A demanda por mais informações sobre as comunidades de IB e São Luís, visto a dificuldade da pesquisadora, mesmo que respaldada por uma instituição de renome, como a Universidade de Brasília, teve em obter acesso às informações, que legalmente deveriam ser públicas e disponibilizadas para toda a população;

Como resposta a essas demandas, duas foram as proposições feitas: uma partiu da pesquisadora e outra do grupo de jovens. A primeira foi a proposição de um projeto pela pesquisadora e equipe de Brasília³⁶, o projeto Lanterna Verde. Consiste em fornecer aos jovens de IB as mesmas condições de leitura encontrada em outras regiões do país, especialmente em Brasília, onde grande parte dos órgãos oficiais está representados. A doação de uma literatura atual e especializada em meio ambiente e políticas públicas (gestão ambiental, permacultura e afins) foi “abraçada” pelos jovens e hoje tal propósito já vem sendo implementado na região, ainda sem financiamentos externos. Ademais, a fim de auxiliar os jovens a proporem projetos e adquirirem recursos para pesquisas em suas

³⁶ Um ex- integrante da Ong executora do PRV e um consultor do Sebrae de Brasília.

comunidades resultou na idéia difundida por eles, e que vem sendo amadurecida, de se criar um espaço que permita a realização de eventos e exposição de dados sobre IB. Os jovens propuseram a criação de site na rede de comunicação virtual para tornarem o acesso a informações de sua região um processo mais democrático.

CAPÍTULO 5.

DISCUSSÃO

5. DISCUSSÃO

“Ciência não é descrição, é análise acerca do que parece óbvio.”

(MINAYO, 1998)

Discutir os resultados que foram encontrados com a experiência com o grupo de jovens com base na metodologia em questão compõe a parte final dos resultados deste estudo. Apresentar-se-á a análise acerca da representação sobre empoderamento, sustentabilidade, violência, periferia e os resultados do currículo TTP/Pegadas Brasil em São Luís, além de repensar a intervenção realizada e seus impactos na trajetória de vida desses jovens. Ademais, induziu-nos ao desafio de adaptar o planejamento dos trabalhos de acordo com o tempo dedicado nesta pesquisa às demandas da investigação, uma vez que o contexto vivido pelos jovens modificou a linha condutora antes adotada.

Ressaltamos que a presente Dissertação de Mestrado configura-se como um mosaico das experiências que foram vividas ao longo de quase seis anos acompanhando a ONG e o grupo de jovens. Deu-se por meio do contato de cinco anos com os jovens e de seis com as organizações que apoiaram esses estudos e viabilizaram a coleta das informações aqui contidas. A pesquisa em si, o processo sistemático que levou a pesquisadora a retornar ao Maranhão dois anos após a conclusão do projeto, ocorreu no período de um ano, compreendido entre o planejamento da primeira visita a campo até a análise dos dados do trabalho de campo. Não foi um processo fácil ou indolor. Requisitou da pesquisadora e de seu orientador paciência e perseverança, uma vez que a coleta das informações do contexto dos jovens, da situação de suas comunidades, de seu município e até do estado se mostrou complexa. Requisitou duas idas a mais ao estado do que o planejado e ainda repercutiu na saúde da pesquisadora e no tempo dedicado a essa pesquisa. Exigiu um período maior em campo e também de análise, a fim de observar em que os jovens estavam investindo suas vidas. Foi nesse período, de análise e reclusão, que figuras de referência e suporte possibilitadas pelo contato dos jovens com a ONG Pegadas pareceram ter sido fundamentais para o reforço do empoderamento e para a auto-estima desses jovens. Sem o esforço dedicado, sem a flexibilidade daquela concluímos que a história contada aqui poderia ter sido diferente, ter seguido outros rumos.

Compreender o contexto dentro das comunidades exigiu um comprometimento constante e engajamento na rotina dos jovens, o que fez com que a ONG e a pesquisadora criassem uma relação de confiança com os jovens. Relação essa, que para o “distanciamento acadêmico” exigido em pesquisa demandou maior cuidado ao escrever as

percepções, representações e dela inferir dados que não fossem uma visão superficial ou distante, uma vez que foram seres humanos e não objetos inanimados o foco dessa pesquisa. Essas relações também foram mantidas com as instituições que elaboraram e executaram o projeto, tendo sido tomado com elas o mesmo posicionamento.

Por isso, todo cuidado foi pouco e ainda o é para relatar a experiência. Autorizações por escrito para a realização dessa pesquisa foram coletadas de cada um dos jovens que dela participaram e da Secretaria Municipal de Saúde, que forneceu quase todos os dados a respeito das comunidades, de sua situação sanitária e em relação aos seus índices de violência.

Começamos a investigação acerca da eficiência da metodologia do TTP/Pegadas sugerindo que os maiores impactos a serem encontrados no grupo seriam nas áreas de empoderamento e sustentabilidade observados E para isso, construímos, em conjunto com as organizações Pegadas, The Tracking Project e com pesquisadores do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, indicadores para avaliar a repercussão desses aspectos no cotidiano desses jovens.

Embora pretendêssemos por meio dessa análise deduzir outras variáveis de impacto nas quais a metodologia poderia ter surtido efeito, essa abordagem investigativa deteve-se à seleção de um grupo representativo, mas parece não ter servido para medir a eficiência da metodologia como um todo. Três seriam os motivos. O primeiro, porque restringiu a avaliação para aspectos de sustentabilidade ambiental, empoderamento e intervenção; o segundo, porque encontrou resultados de impactos na vida tanto dos mais aptos quanto dos menos aptos à liderança e à sustentabilidade ambiental (e esperávamos encontrar apenas resultados no grupo dos mais aptos); ademais, demonstrou a existência de grupos distintos entre os jovens: aqueles que haviam empreendido seu tempo na área ambiental, outro que havia contribuído para melhorar a sua comunidade apenas na área social e ainda um terceiro grupo como aquele que havia investido nas duas áreas: social e ambiental (resultado que esperávamos encontrar para todo o grupo).

Desses três últimos grupos de jovens, o terceiro grupo se destacou por estar representado por indivíduos que não haviam obtido notas altas na primeira investigação realizada (os questionários) e nem se destacou nos grupos focais. Obtiveram notas medianas ou baixas. Conquanto, ao acompanhá-los em campo, a pesquisadora observou que fugiam do escopo das técnicas inicialmente escolhidas a constatação do resultado de

suas práticas e da evolução de seu empoderamento. Eram jovens que aproveitaram o que aprenderam com a metodologia para coordenar, executar projetos e ministrar oficinas na área ambiental (para associações locais e empresas multinacionais); jovens que continuam prestando serviços voluntários a suas comunidades, mas agora na qualidade de elaboradores e executores de projeto (e que antes não possuíam uma expectativa em relação às suas vocações); jovens que se promoveram profissionalmente (investiram em empregos com carteira assinada, transpondo os usuais “bicos”, e hoje atuam com fotografia, em negócios próprios, serviço público (na área da saúde), setor privado (turismo, comércio) e como representantes de suas comunidades. No início do programa investigado, apenas um dos 44 jovens trabalhava.

Mais do que isso, dos 44 jovens que participaram do PRV, 100% deles continuam vivos (o que é um dado relevante em comunidades de periferias³⁷) e quase a totalidade dos jovens almejam hoje concluir um curso superior, sendo que dois dos 44 jovens rastreados já estão concluindo seus estudos, graduando-se. Quanto a esses dois aspectos, podemos observar melhoria na qualidade de vida daqueles jovens, porque têm hoje expectativas de vida e estratégias traçadas para alcançar os sonhos que cultivaram. Esse aspecto antes não era observado. Seu futuro era incerto e casual; dependiam da sorte ou da fé, indispensáveis para que continuassem transpondo os desafios de seu dia-a-dia. Deus e suas religiões não deixaram de ser importantes, mas o empoderamento também passou a ser mais presente.

Conseqüentemente, essa melhoria se estende também as suas comunidades e seu município (uma vez que os jovens repassam às suas comunidades, por atitudes e comportamentos de referência, posturas mais pacíficas, saudáveis e comprometidas). O estímulo e reforço quanto ao papel da educação e capacitação intelectual para melhoria das expectativas no futuro desses jovens também consistiu um fator fundamental à auto-estima e reforço na capacidade do próprio jovem em superar-se. Possivelmente, a figura de pessoas e instituições que acreditem neles e que os estimulem a lutar por melhores condições de vida parecem impactar nesses resultados percebidos. Os jovens relataram se sentirem acolhidos e motivados pelo retorno da pesquisadora para colher informações daquela experiência.

Das especificidades encontradas na pesquisa e que merecem destaque, observamos que as técnicas de coleta de dados do primeiro campo escolhidas nos indicaram ser

³⁷ Segundo Renata Neves, coordenadora-geral da CUFA no DF.

possível a flexibilização e adaptação dos trabalhos de campo a fim de atender aos objetivos da pesquisa, sem prejudicá-la. Ao pontuar os questionários, a diferença nas notas médias das quatro foi algo que despertou atenção. Enquanto que a menor nota no Gapara foi de 11 e a maior de 16, na Vila Embratel, por exemplo, foi de 2 e 22, respectivamente, diferença também constatada para as outras comunidades. Tal observação de que as comunidades de zona rural obtiveram médias maiores que as de zona urbana indicou uma realidade distinta encontrada que exigiria, então, que cada comunidade fosse tratada isoladamente, de acordo com as suas próprias especificidades, desafios e oportunidades. Embora fossem todas compreendidas em Itaquí-Bacanga, se tratavam de locais com qualificações próprias. Por esse motivo, ao invés da realização de um grupo focal que abarcaria todas as comunidades, optou-se por quatro grupos focais, um em cada comunidade, o que possivelmente minimizaria as variáveis de desvio encontradas. Ao invés de unificá-las, considerou-se o respeito à diversidade das comunidades.

A necessidade de adaptar as atividades para as quatro comunidade requisiu da pesquisadora outros recursos, como: tempo maior para o deslocamento às comunidades, para o planejamento e para a organização das atividades, conforme disponibilidade dos jovens, o que acabou tornando a pesquisa mais extensa.

A Vila Embratel, por exemplo, apesar de apresentar um número maior de participantes em relação às outras comunidades, não havia, no momento da análise do questionário aplicado, correspondido aos melhores resultados gerais encontrados. Considerada pela ONG financiadora como a comunidade passível de investimentos, devido a um número maior de jovens envolvidos em trabalhos voluntários, observou-se que, possivelmente essa constatação fosse equivocada. Por ser uma comunidade maior que as outras, provavelmente possui um número maior de jovens. Sua diversidade, possivelmente provoca outros impactos, como maior número de notas consideradas baixas, conforme encontrado, 33% aquém do universo pesquisado, e ainda, um índice maior de violência do que as outras.

Um dos exemplos de notas altas vem a ser a Alegria-Maracanã, isolada das demais por 40 quilômetros de estrada de terra. Anteriormente, entre a primeira e a segunda ida a campo, essa comunidade já tinha mostrado sinais de interesse quanto aos trabalhos lá realizados com seus jovens e pela iniciativa na proposição de projetos. Desde a elaboração de projetos apresentados às instituições Plan e Pegadas, a participação voluntária em projetos ambientais desenvolvidos na região (conferir entrevistas realizadas) pode-se

perceber que se tratava de uma comunidade ímpar, que mereceria, também da ONG financiadora, maior apoio a investimentos. Dos jovens dessa comunidade que participaram da pesquisa, obtivemos nos questionários aplicados em 2008, respectivamente, 20% de notas baixas; 20% de notas consideradas medianas, 60% de notas consideradas média alta e 20% de notas altas. Na comunidade Alegria- Maracanã encontrou-se a maior percentagem de notas altas.

A comunidade de Gapara também se destacou pela participação e envolvimento de seus jovens, apesar de obter 100% de notas medianas nos questionários, em relação às notas de outras comunidades, se comparados no grupo, obteve-se um grupo homogêneo, com 0% de desvio em relação aos participantes da comunidade. No entanto, dentre todos os Grupos Focais foi aquele que mais se destacou. Os jovens se mostraram muito engajados e à vontade durante as perguntas. Nesse grupo, se destacaram em especial três dos seis participantes no Grupo Focal e durante o acompanhamento.

Em relação à Vila Maranhão, dada a indisponibilidade dos jovens, não se pôde medir as notas dentro da comunidade, bem como não foi possível a realização da pesquisa nessa comunidade em 2009 pelos mesmos motivos. Apesar de ter tido apenas um jovem pesquisado, foi justo ele quem apresentou a maior nota dentre todas as aferidas. E do acompanhamento, grupo focal e da entrevista realizados, foi observado o maior comprometimento em relação ao indicador sustentabilidade ambiental.

Tal parâmetro pode indicar à futuros financiadores de projetos na área de Itaquibacanga que se deve dar oportunidade para que outras comunidades possam também participar de atividades educacionais e ambientais. Embora apresentem um número absoluto menor de jovens, as comunidades rurais envolvem grupos comprometidos e motivados.

Embora a precariedade de acesso a bens e serviços públicos se estenda às áreas rurais e urbanas, um número maior de jovens motivados foi mais percebido nas comunidades rurais ou em transição (de rural para urbana/industrial) do que nas comunidades maiores e urbanas. Observou-se a pavimentação incompleta das vias de acesso às comunidades rurais que participaram do projeto PRV e transporte mais oneroso e demorado. Em decorrência de maior distância, quando se almeja ir ao centro de São Luís, há necessidade de deslocar-se até o Terminal Central e de lá a outros locais, fora do centro.

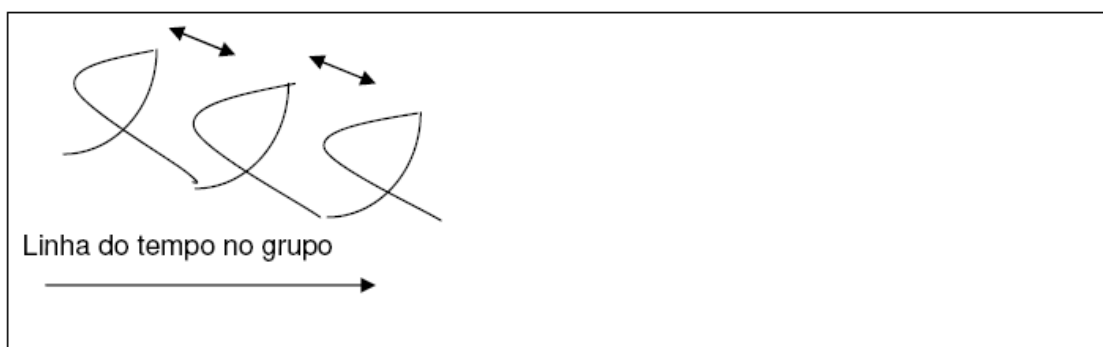
Ou recorre-se ao transporte público ou ao alternativo, destacando-se a utilização dos moto táxis para esses fins. Já para quem mora na Vila Embratel, por exemplo, uma área urbana, pode-se optar em fazer o trajeto ao centro a pé, percorrendo três quilômetros. Muitos o fazem para economizar no transporte. No entanto, jovens de comunidades urbanas parecem ter sido mais beneficiados, em número de jovens que participaram do projeto, do que as demais comunidades.

O empoderamento foi apenas um dos aspectos sociais observados nessa pesquisa, pela capacidade de promover e possibilitar a transformação do indivíduo e de sua comunidade e assim possibilitar ações futuras de conservação, a partir de um desenvolvimento local.

Ao se investigar a sustentabilidade representada e os aspectos de empoderamento naqueles jovens, observou-se uma lacuna que demandou mais pesquisa e tempo, a fim de se narrar a influência do contexto na investigação desses aspectos. Aos poucos, observou-se que esses dados estavam intrinsecamente relacionados a aspectos econômicos (de sobrevivência, dados desafios encontrados nessas comunidades), mas não estavam somente ligados a elas. A representação acerca da sustentabilidade indicou um caminho de ensino informal, repassado ao longo da trajetória de vida daqueles jovens, bem como mostrou que experiências não-formais de intervenção também podem desconstruir visões assistencialistas ou de conformismo frente a um futuro que seria incerto se não se investisse em ações empreendedoras, de fortalecimento do empoderamento comunitário.

A estreita relação da história de vida daqueles jovens com o local onde viviam e as condições de vida são uma forma de olhar para a sustentabilidade representada, mas também existem outros olhares.

Tentou-se representar visualmente o que era esperado e o que foi percebido quanto aos resultados da intervenção realizada:

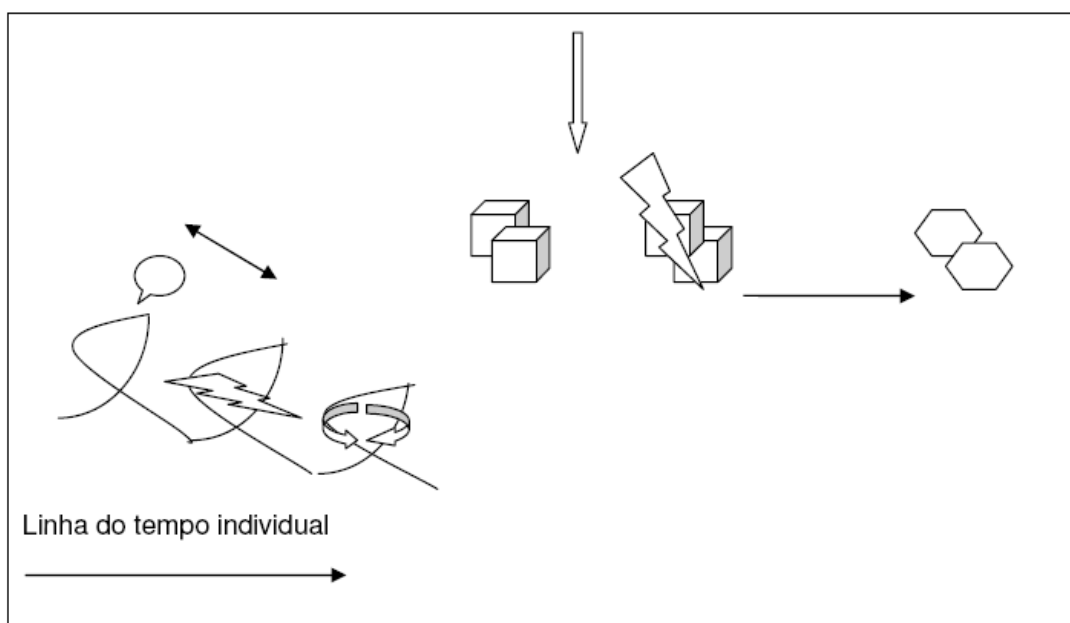


Desenho 3. Ciclo de repasse de informações e percepções no grupo (absorção, breve reflexão e repasse de um indivíduo a outro no grupo).

Fonte: pesquisa própria

Esse ciclo tenta representar a transmissão das informações percebidas e recebidas por um grupo de sociabilização. Cada elemento representa um indivíduo, que dentre os três compõe o grupo. Espera-se que cada indivíduo absorva, reflita brevemente e repasse a outro(s) do grupo o que percebe. Por meio desse mecanismo é que a intervenção ocorreria.

Conquanto, observamos em campo, durante as visitas, um processo complementar que ocorreu individualmente em cada um desses três elementos. Essa análise partiu do referencial teórico exposto no Capítulo 1 e resume-se no seguinte:



Desenho 4. Ciclo de conflitos internos dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem (desconstrução e construção de conceitos) para a significação.

Fonte: pesquisa própria

De acordo com Posner (1982) e Dreifus (1990), autores apresentados no Capítulo 1, a intervenção educacional não estaria contida em um projeto, mas em processo de ensino-aprendizagem, de desconstrução e construção de conceitos que passam a representar os campos novos de significação dos indivíduos.

Seja ele oriundo de um processo informal ou não-formal, no entanto, o que percebemos nesse estudo é que o contexto daqueles jovens repercutiu com relevância na análise da intervenção realizada e na representação do que foi investigado. Parece haver uma sobreposição de construção, significação com a realidade crua vivida pelos jovens. Não haveria como estudar aspectos ambientais dissociando-os dos aspectos sociais envolvidos, como observado.

Assim, na segunda ida ao campo, procurou-se observar os impactos sociais nos quais a metodologia possivelmente havia feito diferença.

Iniciou-se pela análise sobre a representação do aspecto violência, uma vez que ele esteve muito presente no discurso dos jovens desde o início da experiência.

Foi pelo relato de indivíduos sobre suas comunidades e por outros meios, como veículos de comunicação (rádios, jornais e emissoras de televisão locais), além de demais órgãos oficiais do estado que se comprovou que aquelas comunidades eram conhecidas como locais “perigosos” e violentos. Inclusive esse foi o discurso do financiador após a efetivação do contrato e início do processo de intervenção naqueles locais. Esse discurso exigiria dos interventores uma postura mais rígida e precavida com aquele grupo.

Os jovens lastimaram o enfoque dado por noticiários e meios de vinculação internacional que justificavam as ações de intervenção em sua área. Ao ouvir os jovens, a pesquisadora percebeu a existência de aspectos que reproduziam um universo de exclusão social pela discriminação e preconceito sofridos. Percebeu-se uma face distinta de violência. Não apenas em seu modo ativo, como quem recorre a ela como forma de apropriação de poder, frente ao poder material do qual geralmente não dispõem, mas de uma violência passiva - aquela que recai sobre os jovens, um tipo que desmoraliza mais do que os próprios atos violentos em si. Como falar em sustentabilidade, na necessidade de se resguardar os recursos naturais para gerações futuras quando esses jovens não dispõem de meios justos de sobrevivência e igualdade de direitos à saúde, educação e um meio ambiente equilibrado?

No momento da pesquisa, após a conclusão da experiência de intervenção, os jovens não mais se reportavam à violência, mas a uma violação de direitos. Agora sim, tomando

voz para uma violência sofrida perante os meios de comunicação que injustamente reportavam-se a eles e as suas comunidades como delinquentes, infratores e vagabundos. Não eram vistos como pessoas distintas do meio reportado, mas eram todos postos em um mesmo universo de violência, o que acarretava para eles, jovens, uma exclusão quanto às condições igualitárias de emprego e educação. Professores negavam-se a lecionar nas escolas do bairro, visto o índice de violência registrado nos boletins oficiais do estado, jovens precisavam mentir sobre as suas origens para conseguir empregos no centro da cidade.

Também foram observadas mudanças de endereço dos jovens do grupo para outros estados em busca de emprego, o que reforça a exclusão sofrida e dissimula a real face da violência. Quem são os verdadeiros atingidos: a sociedade que arca com o ônus dessa exclusão ou aqueles jovens a quem o Estado aparta na periferia, para bem longe de seus olhos e responsabilidades?

Permanecer em contato direto durante cinco anos com os jovens daquele contexto e conviver diariamente com as suas angústias, expectativas frustradas na busca de empregos decentes, fora os “bicos” aos quais costumeiramente recorrem para sobreviver, fez essa investigadora repensar em seus próprios conceitos, modo de vida e representações sociais acerca da periferia, sustentabilidade e violência.

As informações acerca das dificuldades de cada comunidade periférica em ter acesso a melhores condições de emprego, transporte, infra-estrutura e educação possivelmente colaboram para o aumento do que é constatado em informações oficiais (quanto ao desemprego e o índice de jovens e crianças consumindo drogas cada vez mais cedo). Além de todo preconceito e discriminação que passam quando vão procurar emprego, há a inobservância de condições justas de recursos que lhes viabilize a competição com relação às demais parcelas da sociedade tanto para a inserção no mercado profissional quanto na facilidade e acesso à educação. Aspecto esse que seria facilitado se houvesse melhores condições de acesso à educação e transporte.

O que foi observado em Itaquí-Bacanga possivelmente ocorre em muitas outras regiões de periferia no Brasil: o descaso (a violência de direitos por parte do estado), a violência física e moral (de repressão do estado), os atos violentos - de reação daqueles que se sentem violentados e da sociedade civil quem os julga e pune, apartando-os. Não se procura causas e sim os culpados. Porém, como foram as suas vidas para que agissem assim? Quais foram os modelos e as pessoas que lhes serviram de referência para que assim atuassem?

A almejada sustentabilidade ambiental também requer, além de bom senso, que não se reduza a padrões econômicos (ou ainda políticos) as oportunidades de acesso a bens e direitos constitucionalmente assegurados.

Sustentabilidade ambiental requer transformações na sociedade - em comportamentos, atitudes e sonhos que se almeja. Se o que se quer é um mundo mais justo social e economicamente, por que não começar modificando nossos próprios pensamentos e propondo projetos de desenvolvimento locais?

Procurou-se nessa pesquisa analisar os caminhos que envolveram a percepção dos jovens e da pesquisadora a respeito da definição de um conceito comum de sustentabilidade. Esse processo envolveu um conjunto de símbolos e significados que precisaram ser decodificados em seu contexto para adquirirem sentido. Reforçou-se a noção de sustentabilidade ambiental como um conceito embrionário, posto como paradigma dos novos tempos, não um conceito já definido e rígido, pois essa concepção evoluiu ao longo da pesquisa e continua amadurecendo.

Considera-se o Maranhão um estado ainda preservado e megadiverso. No entanto, pesquisadores já manifestaram preocupação quanto ao futuro dessa região geográfica. Relata-se, com pesar, a tendência no Estado ao agravamento ambiental, já apontado no Capítulo 2³⁸, com o incentivo de cultivo de espécies para a produção de bioenergia, uma tendência ao desmatamento, caso não seja criada legislação estadual para indicar áreas propícias para o plantio, como degradadas e desmatadas. Apesar de ser considerado por parte de pesquisadores locais um estado com relativas áreas degradadas, o que se percebe no Maranhão é uma riqueza ainda muito grande se comparado ao nível de conservação ambiental em outros estados brasileiros, como São Paulo. Das várias categorias criadas para expor as representações observadas, adverte-se para o fortalecimento de uma corrente de pensamento que promove o reducionismo conceitual da sustentabilidade, apenas como princípio de conciliação entre o crescimento econômico e a gestão racional dos recursos naturais". (JARA, 1997; SOUZA, 2003).

Devemos reconhecer que desenvolver economicamente uma localidade poderá tornar uma realidade social mais amena, sem que haja, obrigatoriamente, um incremento em qualidade de vida" JARA (1997). Para esta autora, "a visão economicista do mundo não é o mais importante referencial para construir uma sociedade sustentável", observação compartilhada pela pesquisadora. "Precisamos desenvolver uma nova visão do mundo local englobado, que se preocupe mais com qualidades que com

³⁸ Artigo de jornal local : Alternativas para uso e preservação dos produtos da biodiversidade maranhense, s/ano e referencia.

quantidades, partindo de valores baseados na experiência cultural e humana”, do contrário criaremos cada vez mais seres humanos “excluídos do mercado de consumo.

Assim podemos perceber que o desenvolvimento local sustentável, desde seu começo, veio buscar a “qualidade de vida”, só que com o adicional da preocupação psicológica e social, onde todo o planejamento atinge os objetivos do crescimento, desenvolvimento econômico, proteção ambiental, mas principalmente deixa as pessoas com o sentimento de realização. Sendo assim, qualquer Projeto de Desenvolvimento Local só pode mesmo partir da própria comunidade a qual se destina, sob pena de não ter seus intentos satisfeitos. (SOUZA, 2003, p. 19).

As percepções humanas da biodiversidade consideradas por Younés e Garay (2006, p. 69) incluem bases psicológicas e culturais para uma análise ambiental e os mecanismos pelos quais elas podem ser modificadas. Aprofundar o conhecimento dos mecanismos perceptivos em culturas distintas que coexistem em áreas prioritárias para a conservação pode ser crucial para a gestão da biodiversidade.

A concepção de sustentabilidade pelos jovens pareceu estar compreendida num rol que envolveu muito mais aspectos econômicos, relacionados a sua sobrevivência e formas de transpor os desafios de seu cotidiano, do que a questões ambientais, filosóficas ou mediatistas. Isso mostra que outros indicadores deveriam ser levados em conta no estudo, o que se tentou fazer.

Esse aspecto vai ao encontro da distinção entre os conceitos e representações científicas mencionadas por Reigota (2002). Reforça-se o aspecto que considera que as representações e conceitos científicos constituem para o grupo conceitos isolados. Segundo essa visão, conceitos científicos tendem à generalidade e a rigor, enquanto as representações coletivas (sem remetermo-nos à distinção entre representações coletivas-aqui expostas, e representações sociais-postuladas por Durkeim) se associariam a um tipo de conhecimento que “podendo eventualmente possuir um aspecto de cientificidade, se pauta pela compreensão descompromissada do real, situando-se fora de um padrão inflexível de formulação do saber” (REIGOTA, 2002, p.137).

Mais do que isso, percebeu-se, pela prática vivida, o que Reigota (2002) já apontava acerca da forma de apreensão dos significados pelos jovens. Segundo ele, os indivíduos apropriam-se de alguns conceitos científicos, conquanto o fazem de uma maneira descompromissada e criativa, unindo conceitos que foram repassados durante o projeto ambiental a um contexto próprio do cotidiano em que vivem. Referem-se a lutas, apoio, novas mentalidades que são necessárias para transporem desafios de vida, sobrevivência, aquisição de uma realização financeira e profissional que perdure em longo prazo.

Reivindicam, além do direito de serem ouvidos e valorizados, o direito à ascensão social, às oportunidades dadas aos outros *setores da sociedade*.

Gohn (2005) parece complementar o que foi exposto acima quando faz referência à relação entre os sentidos e significados que devem estar presentes entre a realidade e o aprendizado:

Para que o indivíduo ou um grupo possa dar sentido à sua participação numa ação social, ele tem que decodificar o significado do que está em tela, em termos de conteúdo das mensagens implícitas, determinar quem é o emissor e o receptor, o que os universos simbólicos contêm, que valores defendem ou rejeitam. De posse desse acervo de informações, este indivíduo o confronta com seu universo referencial. Essas operações mentais são instantâneas e buscam os referenciais na cultura política acumulada por esses personagens, na sua trajetória e experiência de vida; resgatam-se os valores herdados ou transmitidos pelo meio ambiente em que viveu e vive; recuperam-se registros na memória pessoal sobre a cultura das instituições em que participou ou participa. (GOHN, 2005, p. 31).

Em médio prazo os resultados tenderam a se mostrar por comportamentos e atitudes de consciência com o próximo e consigo mesmo (saúde e em ações individuais de preservação ao meio ambiente). Conseguiu-se aferir resultados a partir de mudanças comportamentais observadas e indicadas pelos jovens em seus relatos.

A participação dos jovens na pesquisa trouxe consigo significados e vivências em grupo que foram explorados pela pesquisadora a fim de observar o quão atuantes poderiam ser os jovens para tornarem-se protagonistas de sua própria história. “Força que aliada trás consigo a consciência crítica e gera uma nova cultura política. Não se almejou qualquer tipo de mudança, mas uma mudança que levasse à transformação social. (GOHN, 2005, p. 30).

O que observamos nos jovens foram essas transformações sociais, essa vontade de querer fazer e fazer diferente. A visão assistencialista e solidária que tinham acerca de sua própria realidade, aos poucos, foi sendo transformada em novas maneiras de encarar as suas realidades (em comunidade/família) e, principalmente, em uma postura comprometida diante de sua própria trajetória de vida. Não esperando que a sorte aconteça para fazê-los mudar de vida, mas criando aos poucos as ferramentas que tornassem possíveis os sonhos e a tão a melhoria na qualidade de vida almejada.

A referência teórico bibliográfica que Gohn (2005) faz de solidariedade e sociedade civil é levantada para isso. Reforçamos o resgate do nexo por ela puxado na manutenção do conjunto social pela sociedade, ou seja, a existência de redes e conexões para tal relação; pessoas, grupos, normas e valores que exercem significativo papel na vida e nas relações sociais. Isso muito foi percebido no discurso dos jovens quando questionados acerca da

sustentabilidade. Mostraram que entendem que a sustentabilidade é possível quando existe o auxílio ao outro.

Do contexto observado, externaliza que periferias urbanas e rurais são ao mesmo tempo um espaço de exceção (enquanto locais de assentamento humano com escassas condições de infra-estrutura (HOLANDA, 2002), um local onde os excluídos têm voz e atitude. (ATHAYDE; MV BILL, 2006; JÚNIOR, 2003). Essa observação traz implicações ao uso do espaço no sentido comportamental – com que as pessoas fazem ou como elas o fazem. (HOLANDA, 2002).

O papel do investigador, seja ele um pesquisador acadêmico ou gestor público, é perceber o que se esconde por detrás de conceitos ora tão difundidos na mídia ou em meio acadêmico, incorporados de uma maneira muito específica por cada localidade. Esse item vai ao encontro do que defende Edgar Morin quanto aos saberes locais intrínsecos e à noção de pertencimento de Laís Mourão de Sá, podendo também constituir-se como um dos caminhos para um desenvolvimento sustentável possível quando aceito, compreendido e instigado na proposição de políticas públicas.

Assim, procurar extrair as relações entre uma dada realidade e os empreendimentos para transformá-la (ensino e pesquisa, por exemplo), pode indicar os caminhos a serem percorridos para efetivar maior participação dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internalização do conceito de sustentabilidade e o empoderamento de jovens, dentro dos pressupostos da Educação Ambiental e da visão ecossistêmica e integrativa, supõem que a assimilação destas idéias no contexto de periferia seja transformadora de realidades e de mudanças de comportamento. Esta pesquisa pretendia, além disso, verificar o alcance prático que a metodologia aplicada no projeto possuía em termos cotidianos, instigando também os jovens a refletirem sobre sustentabilidade ao longo do tempo transcorrido após a intervenção educacional.

Uma das análises dos dados obtidos faria o investigador supor que poucos jovens partiram, realmente para a prática. Essa constatação poderia ser obtida quantificando-se os projetos propostos e de fato implementados por aqueles jovens e a quantificação dos comportamentos e atitudes representados pelas técnicas de pesquisa. No entanto, perder-se-ia o aspecto qualitativo do que de fato aconteceu, da relevância dos significados atribuídos aos conceitos expostos.

O conceito de sustentabilidade expresso pelos jovens a partir da representação que a pesquisadora conseguiu inferir pela análise da situação socioeconômica da região. Reforçou-se o aspecto da exclusão sofrida por aquele grupo. Mereceu destaque a superação dos desafios por jovens que já se mostravam mais conscientes das dificuldades que terão que enfrentar no seu dia-a-dia para inserirem-se em longo prazo no mercado de trabalho (e não apenas com os empregos informais) e na formação educacional. Esse é um aspecto transformador que pode ser induzido pelas mudanças comportamentais observadas após o projeto analisado.

A metodologia utilizada pode ter auxiliado no empoderamento dos jovens e na sua percepção sobre a sustentabilidade, como algo que depende deles e da superação de seus desafios sociais. Em vez de limitar a experiência à Educação Ambiental, a metodologia parece ter influenciado os jovens a mudar comportamentos e atitudes, contribuindo para construir uma educação mais ampla.

Esta pesquisa não teve a intenção ingênua de bastar-se por si só para mudar os rumos da realidade daqueles jovens, nem poderia valer-se de tão alto objetivo. Embora tenha repercutido numa maneira nova dos jovens refletirem e encararem a própria realidade, seus feitos e comportamentos, instigando-os, provocando-os, trouxe, sim, consigo, a vontade de despertá-los para outros mundos e vivências possíveis. Provocá-los não se

mostrou tão difícil; contudo, continuar a acompanhá-los, instigando-os sempre a mudar para melhor, com o intuito de lhes fazer alçar vôo, é que é, sim, um caminho mais desafiador.

Não apenas a distância física em relação ao centro distingue as periferias, transformando-as em um efetivo espaço de exceção, mas a distância sentida: o preconceito, a discriminação com a qual convivem. Os jovens desconstróem o mito de que falar de periferia somente é possível quando se menciona a violência, o crime, as drogas. Abrem espaço para um olhar de solidariedade, fé e superação, sem o que não lhes é possível sobreviver. Por isso, apontaram que a sustentabilidade para eles estava envolvida muito mais em aspectos de superação e apoio do que em uma relação científica, ambiental.

Surge a necessidade, nesse sentido, de se reavaliar as políticas públicas locais, para quê e para quem são feitas, e investimentos feitos àquelas comunidades, uma vez que sugere-se continuar investindo na capacitação desses jovens, acompanhando-os, pois percebeu-se que apenas o processo de ação – reflexão, estimulado pela intervenção realizada, lhes tenha estimulado, mas não, de fato feito os desafios locais serem transpostos.

Ao mesmo tempo em que as políticas públicas parecem não se constituírem um conceito preciso, estando em um processo de transformação e aceitação (inerentes a seu processo próprio de construção social), elas envolvem também a reformulação de realidades já enraizadas muitas vezes na história de um local. De nada adianta um discurso de violência, se muitas vezes essa é uma maneira de encobertar a única ascensão a eles possível: a ascensão ao poder possibilitada pelo crime e pelas drogas, porque são excluídos de condições justas e equitativas de educação e de emprego como os demais da sociedade.

Ademais, precisa-se ponderar os custos e benefícios da proposição de algumas políticas em detrimento de outras. Mostra-se necessário o estabelecimento de prioridades locais e de diálogo com representantes locais. Muitas vezes, o que as comunidades almejam geralmente envolve uma visão de curto prazo, de satisfação de necessidades. O meio ambiente dificilmente será uma prioridade, quando isso acontece, uma vez que existem condições gritantes que clamam por soluções mais urgentes dos gestores públicos: emprego, segurança, infra-estrutura, alimentação. O que foi percebido é que esses jovens já se mostram empoderados. Contudo, um acompanhamento no longo prazo seria recomendável, uma vez que diante da oportunidade que tiveram mostraram ser aptos a realizar melhorias em suas próprias vidas, mas o empoderamento de suas comunidades ainda se mostra precário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSERALD, Henri. **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ANSELMO, Márcia. A. *Juventude e representações simbólicas em jornais comunitários de Porto Alegre*, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST28/Marcia_Almeida_Anselmo_28.pdf . Acesso: 20. out. 2009.

ANDRIGUETO, Andréia. **O papel do ensino na desconstrução de mitos sobre os morcegos**. 2003. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

ANDRIGUETO, Andréia; PIZA, Pedro Toledo. A importância do jovem na formulação de Políticas Públicas. In: BRASIL. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, Cidadania e Meio Ambiente**: subsídios para a elaboração de políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2006.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 17, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/download/teoria_das_representacoes.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2005.

ASSAD, Luís Tadeu. **Tradição, Modernidade, Sustentabilidade Icapuí-CE**: os desafios do desenvolvimento de uma comunidade diante do imperativo da sustentabilidade. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

ATHAYDE, C.; MV Bill. **Falcão**: meninos do tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 251 p.

BECKER, Marlise; DALPONTE, Júlio César. **Rastros de mamíferos silvestres brasileiros**: guia de campo. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1991.180p.

BERNARDO, M. Políticas Públicas e sociedade civil. In: BURSZTYH, M. (Org.). **A difícil sustentabilidade**: política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 41-58.

BRASIL. **Lei n. 11.445**, de 5 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11445.htm>.

BRASIL. **Coletânea de legislação ambiental, Constituição Federal**. Organizado por Odete Medauar. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 2007.

BURSZTYN, Marcel. **A difícil sustentabilidade**: política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984. 300 p.

CAPRA, Frijot. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, Michael; BARLOW, Zenobia. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 46-57.

CARO, Sueli Maria Pessanho. **Educador social**. Tese de Doutorado. PUCAMP, Campinas. 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 255 p.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRUN, M. Hermenêutica e Educação ambiental: o educador como intérprete. In: HERRERA JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais. Brasília: MMA, 2005. p. 175-187.

CARVALHO, João. Entre malhas do desvio: jovens, espaços trajetórias e delinquências. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 7., 2004, Coimbra. **[Trabalhos Apresentados]**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel56/mariajoaoleotecarvalho.pdf>>. Acesso em: 02/04/2008.

CARVALHO, Regina Célia Silva. Entrevista concedida à pesquisadora em julho de 2008. **LIDERANÇA, Juventude e sustentabilidade em Itaqui-Bacanga: uma experiência com a metodologia TTP/Pegadas**. Bronfram, Jeffrey. EUA, contato pessoal por telefone, 2008.

CARVALHO, Rossane Cardoso. **Turismo nos lençóis Maranhenses**: estudo das representações sociais de atores sobre a situação atual e futura do turismo nos municípios de Barrerinhas e Santo Amaro do Maranhão, MA. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

CASCINO, FABIO. Interdisciplinaridade In: _____. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo: SENAC, 1999. cap. 4, p. 67-81.

CHIEIRA, Renato. **Filhos do Brasil**: um caminho de solidariedade na baixada fluminense. São Paulo: Cidade Nova, 1996. 228 p.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. **Resolução n. 357**, de 17 de março de 2005. Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res05/res35705.pdf>>.

COSTA FILHO, Mariano. **Programa Saúde da Família e Estratégia de Saúde de agentes comunitários**. Entrevistadora: Andréia C. Andrigueto. São Luís, 2008. 1 DVD. Entrevista concedida que faz parte da pesquisa de mestrado de Andréia C. Andrigueto.

DAYRELL, Juarez (b). *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>. Acesso em: 09. set. 2009.

DREIFUS, A. et al. Applying the “cognitive conflict”: strategy for conceptual change: some implications, difficulties, and problems. **Science Education**, v. 74, p. 555-569, 1990.

ELETRONORTE. **Estudo de Impacto Ambiental**: Relatório de Impacto Ambiental - RIMA da Linha de Transmissão 230 kV São Luís II / São Luís I. São Luís, MA.

ESCOREL, S. Conceitualizando e contextualizando a exclusão social. In: CODEPLAN. **Temas CODEPLAN 2**: Políticas Públicas 1. Brasília: CODEPLAN, 1998, p.13-30.

FEUERSTEIN, Marie Thérèse. **Avaliação**: como avaliar programas de desenvolvimento com a participação da comunidade. São Paulo: Paulinas, 1990. 183 p. (Coleção Saúde e comunidade).

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA AO ÍNDIO. **Relatório Final Passivos Ambientais**: terras e povos indígenas. 2008.

GALVANI, P. A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V. M. (Org.) **Educação e Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2002. p. 95-121.

GOHN, Maria da Glória. Paradigma Teórico na Análise da realidade brasileira: o sentido e o significado dos conceitos. In: _____. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005. p. 17-70.

GUEDES, Renata Neves. Entrevista concedida à pesquisadora em julho de 2008. **LIDERANÇA**, Juventude e sustentabilidade em Itaquí-Bacanga: uma experiência com a metodologia TTP/Pegadas Brasil. 1 DVD principal e extra. São Luís, MA, jul. 2008.

HERRERA, Amílcar. A crise da espécie. In: BURSZTYN, Marcel et al. (Orgs.). **Que Crise é Essa?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. 466 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais da população e instrução**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 1980**: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores de sustentabilidade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População jovem no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacaojovem.pdf>. Acesso em: 7/10/2008.

JARA, CARLOS JÚLIO. A sustentabilidade do desenvolvimento local: desafios de um processo em construção. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação. Recife: Secretaria de Planejamento do estado de Pernambuco-Seplan, 1998. 316 p. Disponível em: webiica.iica.arc.cr/bibliotecas/replica/B1128P/B1128P.PDF, acessado em julho de 2009.

JUNIOR, José. **Da favela para o mundo**: a história do grupo cultural afro reggae. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003. 220 p.

KORNIJEZUK, Nádia Bandeira Sacenco. Segurança alimentar e nutricional: uma questão de direito. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

LAYRARGUES P.; DEBONI, F. Conexões. In: BRASIL. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, Cidadania e Meio Ambiente**: subsídios para a elaboração de políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2006. p. 191-201.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2001.

LEGAN, Lucia. 2007. **A escola sustentável**: eco-alfabetizando pelo ambiente. São Paulo: Ecocentro IPEC e Impressão Oficial, 2007.

LIDERANÇA, Juventude e sustentabilidade em Itaqui-Bacanga: uma experiência com a metodologia TTP/Pegadas Brasil. 1 DVD principal e extra. São Luís- MA, julho de 2008.

LOVELOCK, J. E. A Terra vista como um organismo vivo. In: PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. **Biologia da Conservação**. Londrina: [s.n.], 2001. p. 619-623.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. **Direito Ambiental Brasileiro**. 7. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1996. 894 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto Silva (Org.). **Sociedade global**: cultura e religião. São Paulo: Universidade São Francisco, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARANHÃO (Estado). Prefeitura Municipal de São Luís. **Relatório de Pesquisa realizada no bairro de Vila Embratel**. São Luís, 1998.

MATURAMA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MEIRA, Márcio. Autorização para empreendimentos que impactam terras indígenas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA CONVENÇÃO 169 DA OIT. [**Trabalhos Apresentados**]. Brasília: [s.n.], 2008.

MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente**: doutrina, jurisprudência, glossário. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998. 269 p.

MOLINA, Mônica Castagna. **A contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de educação do campo e desenvolvimento sustentável**. 2003. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

MOLLISON, Bill. Introdução à Permacultura. Tradução André Luís Jaeger Soares. Austrália: Taguari Publications Tyalgum, 1991. 204 p.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTA, José Aroudo. Políticas Públicas Ambientais, ética e valor do meio ambiente. In: _____. **O valor da natureza**: economia e política dos recursos naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2006a. p. 67.

MOTA, José Aroudo. Sustentabilidade dos recursos naturais. In: _____. **O valor da natureza**: economia e política dos recursos naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2006b. p. 23-33.

MOTA, José Aroudo. Valoração dos Recursos naturais como subsídio à gestão ambiental. In: _____. **O valor da natureza**: economia e política dos recursos naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2006c. p. 51-54.

MOURA, Maria da Cruz Chaves Lima. Alternativas para uso e preservação dos produtos da biodiversidade maranhense. **Jornal Pequeno**, São Luís, 2008.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários ao excluídos desnecessários. **Cadernos CRH**, n. 21, p. 29-47, jul-dez, 1994.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. A difícil constituição da exclusão social no Brasil. In: CODEPLAN. **Temas CODEPLAN 2**: Políticas Públicas. Brasília: CODEPLAN, 1998, p. 31-58.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Juventude: novo alvo da exclusão social. In: BURSZTYN, Marcel. **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 121-138.

NASCIMENTO, R. Prefácio. In: CHIANCA, Thomaz K. ; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. **Desenvolvendo a Cultura de Avaliação em Organizações da Sociedade Civil**. São Paulo: Global, 2001. p.11-12.

PADUA, Suzana. Apresentação. In: Secretaria do Meio Ambiente. **Conceitos para se fazer educação ambiental**. 3. ed. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Educação ambiental. 1999. p. 7-9.

PAIS, José. M. *A construção sociológica da juventude*, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 10. ago. 2009.

PAULA, Juarez de. **Desenvolvimento local**: como fazer? Brasília: Sebrae, 2008. 59 p.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética. Sabedoria e ilusões da filosofia; problemas da psicologia genética**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 294 p.

PINTO, Lúcio Flávio. **Carajás: o ataque ao coração da Amazônia**. Rio de Janeiro: editora Marco Zero. 1982. 112p.

PLAN: professional liability agents network. Disponível em: <www.plan.org>. Acesso em: 2/06/2007.

POSNER, G. et al. A acomodation of a science conception: toward of a theory of conceptual change. **Science Education**, v. 66, n. 2,p. 211-227, 1982.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da Conservação**. Londrina: [s.n.], 2001.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Desenvolvimento Humano e IDH**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/idh/>>.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008**. Disponível em: < www.pnud.org.br/rh/>. Acesso em: 03/2009.

PROJETO Pegadas do Brasil. Brasília. Disponível em: <www.pegadas.org.br>. Acesso em: 2/06/2007.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma Educação Ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 2002. 167 p.

RELATOS dos jovens. Entrevistadora: Andréia C. Andrigueto. São Luís, 2008. Entrevistas informais concedidas à pesquisadora durante a gravação da primeira etapa da pesquisa.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A utopia da sociedade sustentável. **Rev. Ambiente & Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 127-138, 1998.

SÁ, Laís Mourão de. Pertencimento. FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e Caminhos Formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005. p. 247-256.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 152 p.

SACHS, Ignacy. Para além do crescimento econômico. In: YONE STROH, Paula (Org.). **Caminhos para o Desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p. 50-55.

SANTA-RITA, Tânia Guimarães. Epistemologia básica para pensar o (meio) ambiente In: HERCULANO, Selene. **Meio Ambiente: questões conceituais**. Niterói: Riocor, 2000. p. 157-178.

SANTOS, Boa Ventura de S. **A crítica da razão indolente: contrario desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 54-117.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Biorregionalismo: Identidade Histórica e Caminhos para a Cidadania. In: SATO, Michèle (Coord.). **Sentidos Pantaneiros: movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá: KCM, 2002. p. 10-33.

SILVA et al. Contaminação por *Enterococcus* da água das parias do município de São Luís, Estado do Maranhão. **Acta Scientiarum Technology**, Maringá, v. 30, n. 2, p.187-192, 2008.

SOARES, Sérgio R. A.; BERNARDES, Ricardo S.; CORDEIRO NETTO, Oscar de M. Relações entre saneamento, saúde pública e meio ambiente: elementos para a formulação de um modelo de planejamento em saneamento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6. p. 1713-1724, nov-dez, 2002.

SOUZA, Samuel Sampaio de. 2003. **Desenvolvimento local, necessidades humanas e qualidade de vida na comunidade Alto da Bela Vista, em Jequié-BA: estudo de caso**.

Dissertação (Mestrado em Política e Gestão Ambiental) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

STOKES , John. **Curso brasileiro de mentores**: 2003 ao ano de 2005. Brasília: DF. Pasta de trabalho. Organizada pelas organizações The Tracking Project e Pegadas Brasil. Material de curso. 2005.

STOKES , John. Entrevista concedida à pesquisadora em maio de 2007 durante uma das visitas desse educador ao Brasil, Cuiabá-MT. Gravada em áudio. 2007b.

STOKES , John. **Nurturing the roots**: The Tracking Project Community Mentor Program. 2007a.

STOKES , John. Palavras de Agradecimento: saudações ao mundo natural. *Ohén: ton Karihwatéhkwen*. Palavras antes de tudo. Corrales, NM (EUA): Six Nations Indian Museum e The Tracking Project, 1993. 19 p.

STONE, Michael K.; Barlow, Zenobia (Org.). **Alfabetização ecológica**: educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cutrix, 2006. 313 p.

TEIXEIRA et al. 2003. Como nasceu o conceito de Desenvolvimento Sustentável? In: _____ **Decifrando a Terra**. [S.l.]: Oficina de Textos, 2002. p.521-522.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Estudo de Remanejamento Populacional do Sá Viana**. São Luís, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Vila Embratel**. São Luís 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Zoneamento costeiro do estado do Maranhão**. São Luís: UFMA, 2003.

VALE. **Relatório de Controle Ambiental e Plano de Controle Ambiental (RCA/PCA)**: ampliações do terminal ferroviário Ponta da Madeira – 2ª Fase. São Paulo, 2008.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire**: o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador. 2006. Disponível em: <http://www.fatorbrasis.org/arquivos/Paulo_Freire>. Acesso em: 2/06/2009.

WINSEMUIUS, P. **Desafios para Empresários do Século XXI**: Revolução Emocional e Desenvolvimento Sustentável. Tradução: Durval Freire de Carvalho Olivieri. Camaçari-BA: CEPED, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A. Etapas do Projeto Rastreamento Vidas e seus resultados. Apresentado aos jovens em São Luís do Maranhão, dezembro 2006.

Visita 01- maio de 2005

Curso 01- junho de 2005

Visita 02- setembro de 2005

Curso 02-novembro de 2005

Visita 03-fev-abril

Visita 04-junho 2006

Curso 03- julho de 2006

Visita 05- novembro de 2006

Curso 04- dezembro de 2006

- **Visita 01:** Visita às comunidades e aos jovens.
- **Curso 01:** Placas da metodologia que foram trabalhadas: Desenvolvimento Pessoal, Rastreamento Tradicional e Artes da Vida
- **Visita 02:** Busca por locais adequados para cursos, visita às escolas, atividade Permacultural e Atividade com o Lixo produzido pelos jovens (Placas da metodologia que foram trabalhadas: Renovação e Educação Comunitária)
- **Curso 02:** Grupos e Liderança
- **Curso 03:** Meio Ambiente e Ensinando como trabalhar na natureza

(Placas da metodologia que foram trabalhadas: Pacificação, Consciência da Natureza e Habilidades de Sobrevivência)

- Preparação dos jovens para o Seminário
- **Curso 04-** I Seminário Meio Ambiente e Políticas Públicas em IB. (Placas da metodologia que foram trabalhadas: Comunidade Internacional, Consciência Cultural e
- Cerimônias

Como todos esses momentos foram trabalhados:

(de acordo com a necessidade e os recursos financeiros para o projeto)

Objetivos e Resultados Esperados

Objetivos principais da 1ª visita:

- Conhecer a Plan: sua estrutura, programas e formas de trabalho nas comunidades;
- Avaliar as Comunidades e como o Pegadas pode intervir positivamente nessa interação dos jovens com a comunidade e com a Plan;
- Observar as necessidades, e principalmente os potenciais que podem ser desenvolvidos em cada comunidade.

Objetivo principal das visitas as comunidades:

- Conhecer as Comunidades e o trabalho que vem sendo realizado pela Plan em cada uma delas.

Resultado esperado:

- Entender como a metodologia do Pegadas pode atender à algumas das necessidades apresentadas pelos jovens e constatadas pela equipe;
- Traçar estratégias para a atuação em conjunto do Pegadas com a Plan no decorrer desse projeto.

Resultado alcançado

Relação jovens/promotores

Relação Jovens/Plan

Comunidades

Relação jovens/família

Para isso:

(cada resultado esperado □ Indicador(es))

Resultados esperados	Indicadores de resultados
<p>1 - Entender como a metodologia do Pegadas pode atender à algumas das necessidades apresentadas pelos jovens e constatadas pela equipe.</p>	<p>-Inserção da equipe dentro das comunidades;</p> <p>-Comunicação horizontal e transparente: atendimento e esclarecimento das possibilidades e limitações do projeto em relação ao atendimento do anseio dos jovens e suas famílias;</p> <p>-Utilização de recursos escritos para registro de dados e conhecimento do perfil dos participantes (questionário).</p>
<p>2 - Traçar estratégias para a atuação em conjunto do Pegadas com a Plan no decorrer desse projeto.</p>	<p>-Avaliação individual dos recursos escritos utilizados (indicador qualitativo);</p> <p>-Avaliação dos recursos escritos em grupo, reconhecimento da existência de um perfil dos participantes (indicador quantitativo);</p> <p>-Entrega a Plan do relatório e aguardo de resposta para concretização das estratégias em conjunto para adaptação das próximas atividades;</p> <p>-Observância de associações e grupos atuantes em São Luís para auxílio ou apoio em ações do Projeto Rastreado Vidas.</p>

Conclusões da Equipe

Liderança

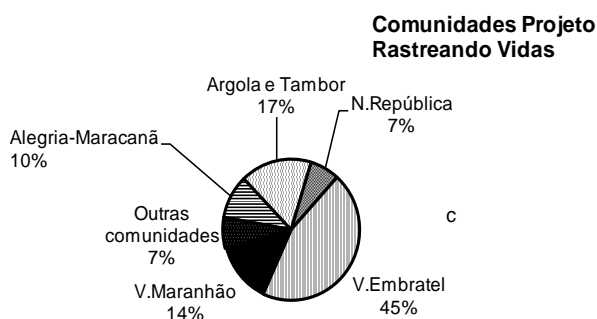
Para trabalhar a questão de empoderamento, a placa Liderança na metodologia, a equipe Pegadas teve que analisar aspectos como e por isso organizou o trabalho de acordo com os seguintes aspectos percebidos:

Perfil dos jovens

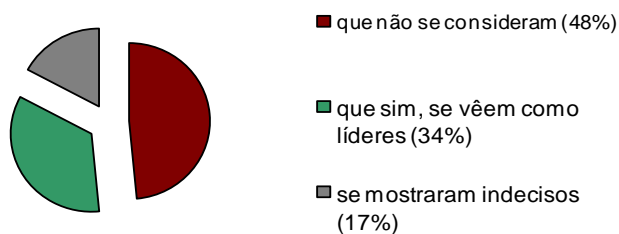
Grau de Satisfação dos jovens em suas comunidades³⁹

Grau de satisfação comunitária⁴⁰

Perfil dos jovens no início do PRV



Quando perguntados se encaram-se como líderes, os jovens responderam

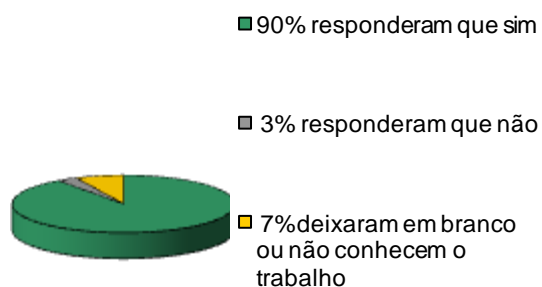


³⁹ Elaborado por meio de Questionários (entrevista estruturadas) e entrevistas informais durante a Visita de diagnóstico realizada pelo Pegadas e apresentado ao Instituto Plan no Relatório PRV Parcial entregue

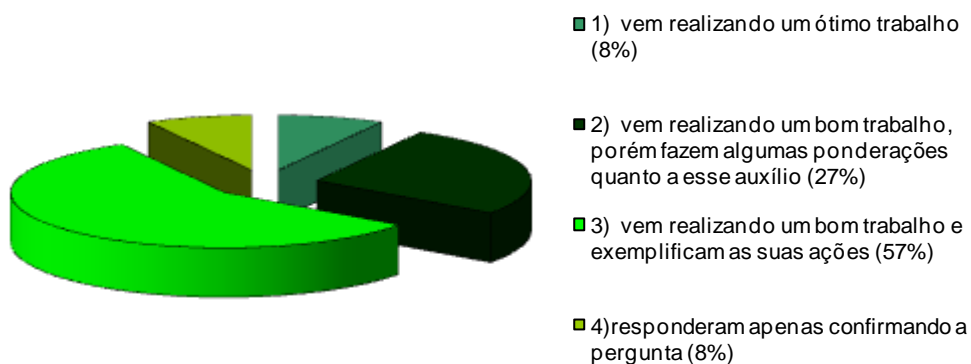
⁴⁰ Elaborado por meio de Questionários (entrevista estruturadas) e entrevistas informais durante a Visita de diagnóstico realizada pelo Pegadas e apresentado ao Instituto Plan no Relatório PRV Parcial entregue. Esse indicador corresponde à identificação de satisfação levantada somente para as 10 diferentes comunidade de IB abarcadas no PRV

Grau de Satisfação

“A Plan vem executando um bom trabalho para os jovens de Itaqui- Bacanga se tornarem líderes?”



Dos que responderam sim, consideram que a Plan



APÊNDICE B.

Questionário aplicado. 1º trabalho de campo Pontuação em relação aos itens questionados

CABEÇALHO DE IDENTIFICAÇÃO

Perguntas foram construídas para serem refletidas e respondidas pelos jovens com base na expressão dos indicadores na realidade do jovem, por exemplo, em momentos nos quais se esperava uma atuação mais empoderada daquele. Para isso, hipóteses de atuação foram sugeridas para o jovem. Cada uma delas levanta um ponto ou mais elementos específicos base na expressão dos indicadores considerados pela metodologia The Tracking Project, adotada pela ONG Pegadas na execução de seu projeto.

1. Como você organiza e planeja as atividades que deve desempenhar em seu dia-a-dia?

() A. Vou executando à medida que as demandas aparecem.

() B. Nem penso nisso.

() C. Antes de começar as atividades, penso e organizo, priorizando as atividades mais importantes.

(Pontuação: -1, 0, 1). Testando o esforço de iniciativa e organização para a efetivação das tarefas

2. Tal postura também é válida para a sua vida- as suas metas pessoais e profissionais?

() Sim.

() Não.

() Não sei.

() Não sei responder.

(Pontuação: 1, -1, 0), jovens consideraram a penúltima e a última questão como idênticas e, pelos argumentos expostos, a pesquisadora acabou considerando-as, por fim, para esse estudo, como uma só resposta.

3. De que forma você imagina que as coisas acontecem em sua vida?

() Por sorte.

() Por destino.

() Por esforço próprio

() Por vontade de Deus.

() Não sei.

4. Consegue imaginar-se fazendo acontecer o que você quer?

As perguntas 3 e 4 se complementam, juntas, elas somam 1 ponto. O jovem pode ter optado por um tipo de resposta fechada que precisou ser confirmada na questão 4 para valer a pontuação máxima do item questionado: teste da iniciativa do jovem. Pontuação dada para as respostas em azul infere-se que elas sejam necessárias para a consideração de um bom líder.

5. Você lembra facilmente de nomes de pessoas que conheceu?

() A. A minha memória não é boa, por isso, anoto, pesquiso ou pergunto. O que geralmente requer tempo.

() B. Quando eu não me lembro, penso logo em outra alternativa. E me saio bem da situação.

() C. A minha memória é muito boa, quase sempre me recordo de tudo.

(Pontuação: -1, 0, 1). Testando a boa memória, capacidade necessária para ser considerado um bom líder (potencialidade desenvolvida por quem fomentou esse empoderamento)

6. O que você mais valoriza nas pessoas? (Indique no máximo três opções)

() ser querido pela turma

() ser **respeitado**

() ser **comunicativo**

() ser ambicioso

() ser **observador e atencioso**

() ser **protagonista**

() ser emotivo

() ser temido

() ser **organizado**

() conseguir o que quer

() ser carismático

() ser **honesto**

() ter valores e princípios

Pontuação dada para as respostas em azul- infere-se que elas sejam necessárias para a consideração de um bom líder.

7. Quando você precisa dizer algo a alguém, você:

() A. Fala logo e pensa depois sobre o que disse.

() B. Pensa e planeja o que vai dizer.

() C. Analisa o que vai dizer, mas não demora a dizê-lo, é geralmente rápido e sincero.

(Pontuação: -1, 0,1).

8. Como você encara pessoas novas em seu grupo?

() A. Com desconfiança até que conheça a pessoa bem.

() B. É cortês logo de cara, sem restrições.

() C. É cortês, convida-a para participar do grupo, observa para ver como ela se sai.

(Pontuação: -1, 0,1).

9. Você é professor em uma escola e percebe que um grupo de pessoas está insatisfeito, conversando do lado de fora da sala, sem fazer questão de cumprir o horário de começar as atividades, você:

() A. Pede com educação para que as pessoas façam silêncio e entrem na sala, mas se as pessoas não colaboram, fecha a porta e começa com que está interessado e dentro do horário.

() B. Você começa a aula com a porta aberta, mesmo tendo barulho.

() C. Você fala alto do lado de fora, se zanga e vai embora, já que percebe que a maioria nem ligou para o esforço que você fez.

(Pontuação: 1,0,-1).

10. Como você reage a uma crítica de algo em que você se esforçou para realizar?

() A. Não reajo muito bem a críticas.

() B. Nem liga para o que a pessoa diz.

() C. Ouve a crítica com bom humor, avalia e vê o que pode fazer para melhorar.

(Pontuação: -1, 0,1).

11. Você está engajado em algum grupo?

Sim.

Não.

Não sei.

Não sei responder.

(Pontuação: 1,-1, 0,).

12. Você luta ou defende alguma causa?

Sim.

Não. Neste caso, pule a pergunta 16.

Não sei responder. Neste caso, pule a pergunta 16.

(Pontuação: 1,-1, 0,).

13. Se sim, qual(is)?

14. Você já estava envolvido com ela antes do PRV?

Sim.

Não.

Não sei lembrar.

(Pontuação: -1,1,0).

15. De alguma forma o projeto influenciou ou inspirou a sua escolha de participar desta luta?

16. Após algum tempo idealizando um curso, você, enfim, consegue apoio de alguns amigos seus e começa um projeto novo em sua comunidade. Acontece que, com recursos escassos, nem tudo o que vocês planejam dá certo. Você tem enxugar os gastos, desistindo de certos benefícios. Uns amigos seus se zangam e vão embora. As pessoas que ficam estão desmotivadas, pois não há mais dinheiro para fazer nada, como você age?

A. Desiste do projeto.

B. Não desiste, mas também se desmotiva.

C. Como você acredita no projeto, resolve motivar as pessoas para que persistam. Mas, se não percebe melhora, vai buscar pessoas que confiam em sua idéia e estão dispostas a trabalhar.

(Pontuação: -1, 0,1).

17. Você participa de alguma associação de bairro, rede ou movimento em prol de sua comunidade?

Sim.

Não.

Não sei.

Não sei responder.

(Pontuação: 1,-1, 0,).

18. Você participa de alguma de alguma associação de bairro, rede ou movimento em prol do meio ambiente?

Sim.

Não.

Não sei.

Não sei responder.

(Pontuação: 1,-1, 0).

19. Se respondeu que sim à questão anterior, já desenvolvia esse trabalho antes do PRV?

Sim.

Não.

Não lembro.

(Pontuação: -2, 2).

20. Para você o que é sustentabilidade?

21. Ela está presente em sua realidade?

Sim.

Não.

Não sei.

Não sei responder.

(Pontuação: 1,-1, 0,).

22. Em caso positivo, com quais atitudes ou comportamentos?

23. Você acredita que o PRV te auxiliou a perceber a questão da sustentabilidade de modo diferente?

Não.

Não sei.

Não sei responder.

Sim.

(Pontuação: -1, 0,0,1).

24. Se respondeu que sim, como?

25. Como você vê o futuro ambiental do planeta?

A. Acho que o planeta já chegou a uma situação limite que não há mais como reverter a situação.

B. Acredito que nem tudo está perdido, mas é difícil reverter a situação.

C. Acredito que exista solução, eu faço a minha parte.

D. Acredito que exista solução, faço o que posso e agrego outras pessoas para que se esforcem comigo.

(Pontuação: -2, -1,1,2).

26. Você se considera líder?

A. Não.

B. Dependendo da situação.

C. Sim, considero que possuo capacidades e comportamentos de liderança.

(Pontuação: -1, 0,1).

Autorizo reproduções de minhas palavras como forma de pesquisa, conquanto ele não seja exposto, caracterizando-me somente como uma pessoa dentro do grupo de jovens que receberam a capacitação ambiental do Instituto Projeto Pegadas.

Sim.

Não.

Não sei.

Gostaria que minhas palavras fossem expostas às organizações Instituto Projeto Pegadas Brasil e Instituto Plan Internacional

Sim.

Não.

Não sei.

Gostaria de obter um retorno dessa pesquisa que você participou?

Sim.

Não.

Não sei.

Dever-de-casa (para refletir e escrever):

Como você relataria para outra pessoa a experiência que teve com a metodologia do Pegadas?

Como acredita que se sentirá em relação ao projeto daqui a 2 anos? O projeto terá significado alguma coisa de importante para você?

Tome por base o que ele significa hoje para você. Descreva em 30 linhas como ele te fez perceber as questões de liderança e sustentabilidade hoje.

APÊNDICE C. Roteiros do grupo focal e das entrevistas finais.

Trabalho de Campo 1. Entrevistas Semi-estruturadas.

Liderança e Sustentabilidade

Como são percebidos na relação do jovem com a sua comunidade e em seu ambiente familiar

Como vocês percebem a comunidade em que vivem?

Quais são as coisas boas que existem? Que tipo de atividades são desenvolvidas aqui?

E os desafios? Como é a distribuição de água e a coleta de lixo:

- Recebem água todos os dias em suas casas?
- Existe coleta de lixo pela prefeitura na comunidade?

Quais são as associações que atuam na comunidade?

- Quais destas estão voltadas para jovens?
- Como são os seus trabalhos?
- Como os jovens da comunidade percebem essas instituições e as suas atividades?
- Elas possuem credibilidade perante os jovens (eles confiam em seu trabalho)?
- Como é o retorno dos jovens para com essas entidades?

Existem trabalhos comunitários específicos voltados para a área juvenil?

- Como são esses projetos?
- Eles estão voltados para necessidades comunitárias (visão mais assistencialista) ou ao desenvolvimento comunitário (direitos humanos,...)?

Existem trabalhos, projetos ou cursos de capacitação voltados para a área de meio ambiente?

- Quais são eles?
- São desenvolvidos por quais instituições?
- As atividades envolvem a capacitação juvenil?
- Como preparam os jovens?
- Para qual mercado estão focados?

Nesses dois anos que estivemos fora do Maranhão (a equipe Pegadas) vocês se engajaram em algum desses projetos (ambientais, juvenis, comunitários)?

- Como se originou esse envolvimento?
- Quais eram as atividades desenvolvidas?
- E as responsabilidades envolvidas?

Quantos aqui no grupo estão trabalhando?

- Esse trabalho lhes satisfaz, há realização pessoal envolvida ou que lhe permite realizar outros sonhos (como exemplo a possibilidade de pagar uma faculdade)?

Quais de vocês estão cursando faculdade ou algum curso profissionalizante?

- Ele envolve algo que foi aprendido no PRV?
- O PRV lhes serviu de alguma maneira para inspirar essa escolha?
- Como você percebeu isso?
- Como a experiência com o PRV tem te auxiliado a sustentar essa escolha?

Para vocês, o que significa a palavra Sustentabilidade?

- É algo abstrato, uma teoria ou uma realidade para você?
- Se é uma realidade, como ela está presente em seu dia-a-dia?
- Como a sua família encara esse seu pensamento, ela lhe apóia?

E a palavra Liderança?

- Ela é um ideal ou é uma realidade para você?

Roteiro das Entrevistas Finais

Protagonismo Juvenil e Sustentabilidade

Segundo a trajetória pessoal de cada jovem

Como você relataria para outra pessoa a experiência que teve com a metodologia da Ong Pegadas (TTP/Pegadas Brasil)?

- Ela modificou sua forma de agir ou pensar?
- Te fez querer atuar mais em prol de sua comunidade?
- Ou atuar na área de meio ambiente?

Como a experiência com a Ong Pegadas (o PRV) te fez perceber as questões de liderança e sustentabilidade?

- O que significam essas palavras para você hoje?

Pode me contar um pouquinho do que você fez desde que o PRV começou?

- Há algum projeto desenvolvido?
- Com quem (alguém que participou contigo do PRV)?
- Quais habilidades ou competências suas que você percebe que foram despertadas por meio do PRV e que auxiliaram a realizá-lo?
- Esse projeto foi adiante?

O que você está fazendo hoje?

- Em que vem atuando (trabalho, projetos desenvolvidos, participação em grupos, capacitação)?

- Se está estudando, em quê pretende se formar?

Se não está estudando, gostaria de cursar uma faculdade?

- Em qual curso?
- Como planeja se preparar para entrar no curso desejado?
- Existem cursinhos preparatórios aqui em São Luís?
- São acessíveis financeiramente para você?

Quais são as fontes que você mais utiliza para informar-se?

-Televisão, livros, revistas, internet, conversa com amigos, jornal, rádio.

E quais são as fontes mais utilizadas por você especificamente para estudar?

- Internet (quais sites), livros da escola, textos,...

Tente se imaginar daqui a dois anos:

- O que você terá feito?
- Suas realizações envolvem quais aspectos ou mudanças?

E agora tente se olhar daqui a 10 anos e olhe para trás (numa retrospectiva):

- Como acredita que se sentirá em relação ao PRV daqui a 10 anos?
- O PRV terá significado alguma coisa de importante para você?

Check list:

- Quanto a transformações em sua comunidade;
- Para a constituição de uma família;
- No grupo de amigos;

- Nas associações em que atuará;
- Na realização de sonhos pessoais

O que achou de estar sendo entrevistado hoje pela Andréia (enquanto pesquisadora e ex-monitora do PRV, do quadro da ONG Pegadas)?

- Que sentimentos te trouxe o retorno de parte da equipe do Pegadas ao Maranhão para vê-los?
- Como você se sentiu sendo o foco do debate?

Gostaria de obter de alguma forma retorno desse processo de pesquisa?

Qual?

APÊNDICE D. Modelo de entrevista estruturada realizada no trabalho de Campo 2

Comunidade e (grupo de socialização) (Obs)	Pesquisa/ Nome	Envolvimento da Família					Envolvimento Próprio								Considera-se Líder?		Depois do PRV você mudou de residência, por qual fator?					
		Drogas	Alcool	Cigarro	Prisão	Morte	Antes				Depois				Sim	Não	Afetivo	Familiar	Emprego	Curso Capacitação	Estudos	Outros
							Drogas	Alcool	Cigarro	Prisão	Drogas	Alcool	Cigarro	Prisão								
Vila. Embratel																						
Alegria-Maracanã																						
Vila Maranhão																						

1º Marcar com o sistema binário 01, zero ou em branco quando não e 1 quando sim. .

2º Ao final das respostas: pedir aos jovens que marquem como um sinal * os campos em que percebem que o PRV tenham o influenciado a pensar a respeito da questão, modificando atitudes, pensamentos ou comportamentos.

Comunidade e (grupo de socialização)	Pesquisa/ Nome	Envolvimento com projetos nas áreas			Envolvimento com Projetos								Para você sua comunidade é		E que impacto que isso traz para você		
		Ambiental	Social	Outras	Antes				Depois				A. Violenta	B. Periferia de São Luis	Positivo +	Negativo -	Indiferente
					Elaboração	Planejamento	Execução	Coordenação	Elaboração	Planejamento	Execução	Coordenação					
Gapara																	
Vila Embratel																	

1º Marcar com o sistema binário 01, zero ou em branco quando não e 1 quando sim. .

2º Ao final das respostas: pedir aos jovens que marquem como um sinal * os campos em que percebem que o PRV tenham o influenciado a pensar a respeito da questão, modificando atitudes, pensamentos ou comportamentos.

ANEXOS

ANEXO A – Contrato com a prefeitura para repasse de informações de Itaqui-Bacanga



PREFEITURA DE SÃO LUÍS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

MEMO DE ESTÁGIO Nº.524.2008

São Luis 08/07/2008

DA: SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

PARA: UNIDADE MISTA ITAQUI – BACANGA, VILA EMBRATTEL, MARACANÃ, VILA MARANHÃO, GAPARA, VILA NOVA, BEQUIMÃO E RIO GRANDE

Senhor (a) Diretor (a),

Estamos encaminhando a esta chefia a aluna **Andréia Cassilha Andrigueto** do Curso de Mestrado em Política e Gestão Ambiental do Centro de Desenvolvimento Sustentável de Brasília – **CDS** da **Universidade de Brasília - UnB**, para poder desenvolver a sua dissertação de mestrado onde a mesma estará realizando entrevista com os Gestores das unidades para obtenção de dados a respeito do perfil Epidemiológico, realidade sócio-econômica, ambiental e cultural para sua pesquisa intitulada “ **Juventude, liderança e sustentabilidade em Itaqui-Bacanga - os resultados de uma experiência com a metodologia The Tracking Project/ Pegadas Brasil em São Luís do Maranhão- MA**” .

É importante ressaltar que os dados desta pesquisa só poderão ser divulgados e/ou publicados para fins científicos, de acordo com o termo de compromisso firmado entre a aluna e a SEMUS.

Atenciosamente,


Rosângela Penha Gonçalves
SUPERINTENDENTE DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

ANEXO B. MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – CDS

Autorização

Eu, _____

(cargo ou comunidade), _____, autorizo a reprodução de minha imagem e voz para fins da pesquisa e do vídeo-documentário com os 47 jovens de Itaqui-Bacanga que participaram do Projeto Rastreamento Vidas (PRV), uma parceria entre as organizações não governamentais Instituto Projeto Pegadas Brasil e Plan Internacional.

Estou ciente que o referido objeto de estudo é foco da dissertação de mestrado da bióloga Andréia Cassilha Andrigueto, enquanto mestranda em Política e Gestão Ambiental do Centro de Desenvolvimento Sustentável de Brasília, Universidade de Brasília. E me comprometo a prestar informações verdadeiras, das quais disponho de conhecimento e propriedade para estar sendo entrevistado.

Até o momento a pesquisa recebe o nome: “Juventude, Liderança e Sustentabilidade em Itaqui-Bacanga- os resultados de uma experiência com a metodologia Pegadas/The Tracking Project em São Luís do Maranhão, MA”, podendo vir a ser modificado para fins dessa pesquisa.

São Luís do Maranhão, julho de 2008.

ANEXO C – Projeto Rastreamento Vidas

Project Outline (PO) form



PO Form Section 1: Identification

- 1.1 Country name: Brazil
- 1.2 Country code: BRA
- 1.3 Program Unit name: Itaqui-Bacanga
- 1.4 Program Unit code: 4050
- 1.5 - 1.6 Country Program code(s) and name(s):
03 Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças
- 1.7 Project title: RASTREANDO VIDAS
- 1.8 Project code: 0291
- 1.9 Date to Begin: 15/9/2004
- 1.10 Date to End: 15/9/2006

Project Description



PO form Section 2

Projeto Rastreado Vidas

CONTEXTUALIZAÇÃO

O Projeto Pegadas Brasil é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCI), sem fins lucrativos, fundada em 1998 na cidade de Brasília-DF – onde mantém sua sede. Desenvolve ações de educação ambiental lato sensu, promovendo a percepção e a conscientização da importância da natureza através do conhecimento das culturas ancestrais. Essa mensagem é transmitida através de cursos e palestras com atividades lúdico-recreativas que despertam a sensibilidade e fazem com que se aprenda de forma espontânea. Com a forma inovadora de sua metodologia, o The Tracking Project e o Pegadas já conseguiram sensibilizar mais de 100.000 pessoas pelo mundo e mais de 3.000 pessoas no Brasil, respectivamente. É com essa experiência que o Pegadas pretende alcançar os objetivos propostos. Serão oferecidos ao todo 04 cursos e mais 04 visitas técnicas para acompanhamento ao longo de um ano.

JUSTIFICATIVA

No final do ano de 2003, através de um curso sobre meio ambiente, deu-se início à parceria entre o Instituto Projeto Pegadas Brasil (Pegadas) e a Plan International Brasil (Plan). Os cursos do Pegadas são baseados no currículo do The Tracking Project, dedicados à educação comunitária por meio da conscientização ecológica e cultural. A metodologia abordada nesse primeiro curso visou ajudar as pessoas a ganharem experiências diretas no mundo natural por meio das Artes da Vida como: rastreamento tradicional, habilidades de sobrevivência, música, histórias, dança, pacificação e treinamento em artes marciais.

O público alvo desse primeiro curso foram jovens da área de Itaquí-Bacanga. Essa região conta com um grupo de jovens subdivididos em 06 grupos (de 15 a 30 membros cada um). Dentre uma das demandas encaminhadas à Plan após a realização desse curso, foi dar continuidade e fortalecer essa rede de grupos juvenis criada ao longo das capacitações ministradas pelo primeiro curso. Nesse sentido, ocorreu, então, no ano de 2004, um segundo curso com o Pegadas. O curso, realizado em junho desse ano, contou com o aprimoramento e aprofundamento de técnicas iniciadas na primeira etapa e teve como objetivos primordiais motivar os jovens a desenvolver suas habilidades de liderança, fortalecer a unidade do grupo e manter a inspiração do primeiro curso acesa.

Todas essas capacitações ministradas pelo Pegadas foram realizadas dentro do projeto Juventude Ação e Atitude da Plan. O Pegadas contribuiu ao Projeto facilitando o ciclo de planejamento estratégico organizacional com 30 líderes juvenis da área de Itaquí-Bacanga. Como resultado desse planejamento, os jovens solicitaram capacitações em outros setores ligados ao meio ambiente que são oferecidos, por sua vez, em programas e cursos do Pegadas. O Projeto Rastreado Vidas é o resultado direto do pedido desses grupos juvenis que almejam aprender com a natureza e a rastrear (conhecer) mais de si mesmos.

RESULTADOS ESPERADOS

Capacitar 30 lideranças juvenis tendo em vista seu potencial de atuação junto à demais organizações de suas comunidades: Grupos de jovens, associações juvenis e escolas localizadas em áreas de atuação da Plan e em especial, em áreas onde a Plan não atua e pode vir a ser reconhecida;

Estimular os jovens a serem multiplicadores dessa metodologia, passando adiante esse conhecimento aprendido, criando um ambiente favorável para inclusão e participação de outras crianças e adolescentes;
Promover o intercâmbio com organizações ligadas as questões ambientais, sociais e culturais;
Apoiar processos participativos de construção e gerenciamento de planos de desenvolvimento para preservação do meio ambiente nas comunidades, incentivando a construção de uma rede que possa reivindicar de forma

articulada e organizada por seus direitos;

Empoderamento dos jovens para participação de espaços de controle ambiental e de discussão de políticas públicas para valorização e preservação do meio ambiente;

Apoiar a rede para viabilização de uma incubadora de ONG's popular formada no seio do movimento social e composta por jovens da comunidade;

Identificar as problemáticas ambientais que afetam às comunidades dos jovens e juntos (Pegadas, Plan e jovens) construirmos soluções práticas e viáveis que venham sanar esses problemas.

Considerações sobre o Cronograma

· O ano será dividido em 04 módulos de acordo com o currículo do Pegadas. Cada módulo compreenderá as etapas de: curso, repasse e visita técnica.

· A formação dos jovens ocorrerá dentro do currículo Pegadas, sendo que os conteúdos abordados nesses cursos darão continuidade ao conhecimento iniciado nos dois cursos anteriores (ano de 2003 e 2004).

· Durante cada curso, será estabelecido com os jovens algumas tarefas a serem realizadas após os cursos. Esse passo será importante para garantirmos a multiplicação dos conhecimentos e disseminação do que foi aprendido.

· Acontecerá após cada curso um repasse por parte dos participantes com o apoio da Plan. O objetivo desse repasse é iniciar a disseminação das idéias dos jovens às suas comunidades. Esses acontecerão de forma orientada pelo Pegadas.

· A visita técnica será o momento de reflexão com os jovens para a consolidação de sua formação como multiplicadores. Também servirá para identificar os problemas encontrados entre um curso e outro, e assim trabalharmos em conjunto na busca por soluções.

Módulo 01: Indivíduo e meio ambiente

- Desenvolvimento pessoal
- Consciência cultural
- Rastreamento tradicional e habilidades de sobrevivência

Módulo 02: Liderança pelo exemplo

- Agradecimento
- Pacificação
- Renovação

Módulo 03: Papel na comunidade

- Educação comunitária
- Comunidade internacional
- Artes da Vida

Módulo 04: Indivíduo, comunidade e meio ambiente

- Cerimônias
- Consciência natural- Renovação

Módulo 03: Papel na comunidade

- Educação comunitária
- Comunidade internacional
- Artes da Vida

Módulo 04: Indivíduo, comunidade e meio ambiente

- Cerimônias
- Consciência natural

0291 - RASTREANDO VIDAS

Status: Approved Point Person: Regina Célia

Section page 2 of 3

4050 PU Itaqui-Bacanga
terça-feira, 21 de setembro de 2004

Project Description



PO form Section 2

1. RESUMO DO PROJETO.

Este projeto visa contribuir para a elevação do nível de informação das comunidades da Área Itaqui-Bacanga acerca da importância da manutenção de um ambiente comunitário saudável com enfoque ao uso sustentável e responsável da água e indução para coleta dos resíduos sólidos. A preservação do ambiental, é condição fundamental para a garantia da existência e melhoria da qualidade de vida do ser humano garantido nos protocolos internacionais do qual o Brasil é signatário (Protocolo de Kyoto, Eco 92, Carta de Roma, UNESCO.).

Através das ações desse projeto almeja-se atingir a participação ativa das comunidades dez comunidades da área Itaqui – Bacanga que estão mais vulneráveis no aporte uso de água potável, limpeza urbana, bem como a preservação do espaço em que vivem. A grafite será utilizada como instrumento de sensibilização e mobilização desses jovens para as questões sócio ambientais em suas comunidades, provocando discussões sobre direitos, gênero, etnia. Na preparação desses jovens para serem multiplicadores a Plan com a parceria da ACIB promoverá 20 oficinas temáticas, 2 seminários temáticos, 4 visitas temáticas a parques/museus, 02 encontros de Ed. Ambiental, 10 palestras, 02 exposições gerais dos produtos/ trabalhos desenvolvidos durante o projeto, 06 intervenções nas escolas e 10 exposições em outros bairros. O público-alvo do Projeto será 255 participantes sendo eles adolescentes e jovens de 16 a 24 anos. No primeiro ano serão contempladas as seguintes comunidades: Vila Embratel, Vila Maranhão, Rio Grande, Rio dos Cachorros e Porto Grande. No segundo ano serão as comunidades de Maracanã, Taim, S. Joaquim, Riacho Doce e Residencial Primavera. O projeto terá duração de 02 (dois) anos e para sua implementação será estabelecida parceria com a Associação Comunitária do Itaqui-Bacanga/ACIB.

O recurso utilizado para realização do projeto será de patrocínio. As ações do projeto que visam preparar estes jovens para atuarem como multiplicadores em suas comunidades serão baseadas nas metodologias pedagógicas dos Ministérios do Meio Ambiente (MMA) e Ministério da Educação e Cultura (MEC).

2. JUSTIFICATIVA

Assentamentos humano com baixa qualidade ambiental provocando a insegurança física, nutricional e psicológica das crianças, jovens e adolescentes. A baixa qualidade ambiental das comunidades envolvidas aumenta o risco de endemias e epidemias como a da dengue. A falta do conhecimento dos direitos das meninas, jovens aumenta o risco dos abusos físicos e mentais bem como a segregação por sexo, opção sexual, raça, condição econômica.

Esses 255 jovens atendidos diretamente no projeto serão protagonistas de mudanças socio ambientais em suas comunidades que deverão levar aos questionamentos e busca de soluções definitivas para as questões ambientais visando assegurar a segurança alimentar, física, psicológico-cognitivas das crianças e jovens das comunidades periférica de São Luiz.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

No Brasil a questão ambiental sofre agravos pela ocupação desordenada do solo, os assentamentos humanos sem projetos de saneamento básico, preservação de mata siliar, preservação das florestas nativas produz sérios problemas, entre eles a degradação dos rios, do solo pelo extrativismo predatório o não uso do manejo das

0505 - GRAFITEIROS ECOLÓGICOS

Status: Approved Point Person: Regina Célia

Section 2 page 1 of 9

4050 PU Itaqui-Bacanga
quarta-feira, 2 de julho de 2008

The Tracking Project, dedicados à educação comunitária por meio da conscientização ecológica e cultural. A metodologia abordada nesse primeiro curso visou ajudar as pessoas a ganharem experiências diretas no mundo natural por meio das Artes da Vida como: rastreamento tradicional, habilidades de sobrevivência, música, histórias, dança, pacificação e treinamento em artes marciais e depois no ano de 2005 com o Projeto Rastreamento Vidas - Preservação Ambiental (Projeto - 0291) que teve o objetivo de desenvolver ações de educação ambiental promovendo a percepção e a conscientização da preservação do meio em que vivemos. Esse tema está presente no Planejamento Estratégico de País I - CSP I como um assunto de grande relevância, onde são discutidas estratégias para melhorar o ambiente familiar e comunitário assim como os hábitos de higiene de crianças adolescentes e suas famílias.

Por outro lado a Associação Comunitária da Área Itaquí-Bacanga (ACIB), organização não governamental que tem a Educação Ambiental como objetivo maior a missão de transformar a área itaquí-Bacanga valorando os conhecimentos apreendidos que visem à melhoria do meio-ambiente, seja através de cursos, da arte, da música, enfim, da prática diária de cada cidadão, que acarretará em mudança de hábitos, de atitudes e de comportamentos na relação que se estabelece com o meio-ambiente. Essas mudanças podem ser verificadas concretamente em pequenos atos cotidianos, que vão da reflexão individual entre arremessar um saco de lixo em um terreno baldio ou colocá-lo corretamente acondicionado para a coleta pública aos mega projetos de desenvolvimento que se inserem e respeitam a legislação ambiental; do ato de jogar uma garrafa PET no mangue a um projeto de reflorestamento e recuperação de um ecossistema. Isso não é uma tarefa fácil! Então, como atingi-la? Como alcançar essa meta de mudar hábitos? Outros grupos organizados como Coletivo Jovem pelo meio ambiente tem levado a comunidade a se sensibilizar com as problemáticas ambientais.

É nessa perspectiva que o Projeto Grafiteiros Ecológicos pretende contribuir para a sensibilização dos jovens nas questões ambientais; questões essas que vêm levando o espaço onde vivemos a sérias complicações, tais como efeito estufa, aquecimento global, falta de consciência ecológica e ambiental, poluição dos lençóis freáticos.

A grafiteagem como um eficaz meio de comunicação – entendendo-se a comunicação como a veiculação e recepção de uma mensagem, que trabalha uma linguagem alternativa compreendida pela juventude que habita os bairros periféricos das grandes cidades. Essas mensagens são codificadas e decodificadas através da linguagem da arte, especificamente a que utiliza as fachadas, muros escolares, espaços comunitários e exposições, dentre outros, possibilitando que essa população conheça cada vez mais sobre temas específicos da realidade, proporcionando uma intervenção significativa que contribuirá para mudança da percepção e de hábitos, aumentando as boas práticas no cotidiano.

Com essas ações acredita-se contribuir sensivelmente na ampliação da participação sócio-ambiental e na formulação de propostas para o fortalecimento da preservação e conservação do meio ambiente em todos os espaços comunitários e sociais. Considerando a grafiteagem como uma das possíveis ações viáveis para amenizar os riscos que o ambiente dessas áreas vêm sofrendo ao longo do tempo, partindo da idéia de desenvolver com adolescentes/jovens das próprias comunidades intervenções educativas através de trabalhos artísticos de grafite com mensagens de preservação e cuidado com o meio ambiente. A idéia é que estes jovens sejam protagonistas e ao mesmo tempo multiplicadores ambientais.

A Plan Brasil propõe o Projeto Grafiteiros Ecológicos, nas referidas comunidades, a ser implementado em parcerias com a ACIB, associação esta que vem trabalhando na área Itaquí-Bacanga desde 2000 e já desenvolveu várias atividades que visam mudar e dar hábitos saudáveis as comunidades da área Itaquí-Bacanga, com isso as ações já implementadas por eles são através de projetos e ações sociais, tais como: Coleta alternativa e complementar/ Construção da Unidade de Recebimento de Pequenos Volumes (URPV) /Projeto Educar para Transformar /Projeto Liderar para Transformar /Formação de Gestores Sociais /Concurso Escolar Repensar o Meio II /Construção do projeto Bases e ações pontuais de acordo com o calendário ambiental – No qual está em sintonia com o calendário ambiental que estimulam discussões sobre o meio ambiente. Com os encontros e ações de palestras, debates, mesas redondas, feiras itinerantes e intercâmbio cultural os adolescentes e jovens do projeto

florestas produtivas.

A área Itaqui-Bacanga bem como a maior parte das comunidades periféricas da capital do Maranhão, possuem um grande contingente de famílias em situação de extrema pobreza, em sua maioria oriundas do interior do Estado, que vieram para a capital em busca de melhores condições de sobrevivência fixando-se em assentamentos urbanos ou rurais desestruturados e não programados, vivendo em situações de subsistência. Itaqui-Bacanga se localiza entre o rio Bacanga e o porto de Itaqui em São Luis (MA). Em Itaqui Bacanga, a Plan trabalha em áreas urbanas e rurais de 27 comunidades que possuem cerca de 110 mil habitantes. A industrialização da região gera conflitos com parte da população que possui uma diferenciação cultural e racial significativa, como bumba-meu-boi e comunidades quilombolas. O desemprego e a falta de oportunidades são características marcantes destas comunidades. Sua localização e acessibilidade dificulta aos jovens as oportunidades a treinamentos vocacionais/profissionalizantes, seus direitos não são em grande parte assegurados por suas famílias que não tem meios econômicos e socio psicológicos de suprirem essas carências de atividades culturais, recreativas, direito a educação e saúde, de serem ouvidos e respeitados. Desta maneira, estão mais vulneráveis a segregação social gerando agravos em suas condições psicológicas, estes jovens privados de seus direitos, desmotivados, são mais vulneráveis aos descaminhos, como drogas, roubos, descaso com as suas próprias vidas e de outras pessoas. A vida das crianças e Jovens que crescem em ambientes insalubres, degradados, sem planejamento ambiental, é diretamente afetada física e psicologicamente, afetando diretamente seus conceitos em formação gerando a manutenção do ciclo de miséria, violência e degradação ambiental permanente.

Um grande diferencial entre as comunidades da cidade de São Luis é a localização geográfica (zona rural, urbana e semi-urbana) é a questão cultural. Na zona rural as comunidades têm como meios de subsistência a criação de animais, ações extrativistas muitas vezes de forma predatória, pesca, cultivo de roças de toco, coleta de frutas, extração de areia e pedra entre outros e na zona urbana sobrevivem através do comércio informal e formal, trabalho doméstico, braçal, "bicos", etc.

Entre as leis no nível internacional e nacional, como eventos podemos citar:

- a) Relatório Brundtland (1987)– elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, faz parte de uma série de iniciativas, anteriores à Agenda 21, as quais reafirmam uma visão crítica do modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e reproduzido pelas nações em desenvolvimento, e que ressaltam os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas. O relatório aponta para a incompatibilidade entre desenvolvimento sustentável e os padrões de produção e consumo vigentes.
- b) Segundo o MMA com seu Departamento de Educação Ambiental, instituído no Ministério do Meio Ambiente - MMA em 1999 para desenvolver ações a partir das diretrizes definidas pela Lei nº 9.795/99, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental. "A missão da Educação Ambiental é estimular a ampliação e o aprofundamento da educação ambiental em todos os municípios e setores do país, contribuindo para a construção de territórios sustentáveis e pessoas atuantes e felizes"
- c) Em 1992 líderes do mundo todo e a sociedade civil encontram-se no Rio de Janeiro (Eco-92) para debaterem as questões ambientais e desses debates surgiu a agenda 21 mundial. A Agenda 21 Brasileira é um processo e instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a justiça social e o crescimento econômico. O documento é resultado de uma vasta consulta à população brasileira, sendo construída a partir das diretrizes da Agenda 21 global. Trata-se, portanto, de um instrumento fundamental para a construção da democracia ativa e da cidadania participativa no País.

A primeira intervenção da Plan nessa área se deu em No final do ano de 2003, através de um curso sobre meio ambiente (Como parte da implementação do projeto Juventude Ação e Atitude -0215), início da parceria entre o Instituto Projeto Pegadas Brasil (Pegadas) e a Plan Internacional Brasil (Plan). Os cursos baseados no currículo do

Grafitadores estarão se mobilizando e articulando junto aos projetos Quintais Nutritivos, Construtores do saber e Saúde Sexual Reprodutiva as ações multiplicadoras como parte prática do aprendizado e o meio a ser utilizado será da Ed. ambiental e de grafiteagem com adolescentes e jovens das comunidades citadas acima.

PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS:

A Plan em seu programa Meios de Vida Sustentáveis responde ao tema central da vulnerabilidade das crianças e suas famílias a riscos, ameaçando sua estabilidade socioeconômica, limitando o seu desenvolvimento e a expressão de sua dignidade e direitos. As mulheres e crianças são os grupos mais suscetíveis à pobreza, e são freqüentemente aquelas pessoas cujas opiniões não são levadas em conta.

Considerando estrategicamente as pessoas como um todo, e suas potencialidades, esse programa busca fortalecer a subsistência dos domicílios das famílias, concentrando-se na integração das ações orientadas para assegurar a segurança alimentar e nutricional, mediante prospectivas de gênero e sustentabilidade.

Busca-se com esse projeto atender aos preceitos das metas do milênio:

- 7- Garantir a sustentabilidade ambiental;
- 3 - Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres.

A estratégia do projeto propõe ações dirigidas ao fortalecimento das capacidades das comunidades envolvidas, com vistas, à promoção do desenvolvimento total e integrado das crianças e adolescentes. Para assim, assegurar o seu direito a uma alimentação adequada através de processos participativos, integrados e construtivos, concentrados nos meios de vida sustentáveis com uma perspectiva de igualdade de gêneros.

4. ANÁLISE DO PROBLEMA

4.1. PROBLEMA

- Adolescentes/ jovens e suas famílias com pouca consciência crítica sobre a problemática ambiental.

4.2. CONSEQUÊNCIAS

- Meio ambiente poluído;
- Crianças, adolescentes, jovens e famílias alheias ao processo de preservação do meio ambi
- Comunidade com pouca informação sobre importância a conservação do meio em que vivem.
- Proliferação de doenças em decorrência de prática de higiene inadequada;
- Manejo e uso indevido da água potável.

4.3. CAUSAS

- Pouca informação sobre políticas públicas de preservação do meio ambiente;
- Escolas com pouco enfoque em relação à educação ambiental;
- Falta de campanhas públicas realizadas por parte do poder público com objetivo de preservação do meio ambiente;
- Pouca consciência crítica sobre a problemática ambiental.

5. ÁREAS DE INTERVENÇÃO

As ações do projeto serão desenvolvidas no período de 02 (dois) anos em 10 (dez) comunidades de intervenção da Plan na área Itaquí Bacanga. Sendo estas: 1º ano: Vila Embratel, Rio dos Cachorros, Vila Maranhão, Rio grande e Porto Grande; 2º ano: Maracanã, Taim, S. Joaquim, Riacho Doce e Primavera, que juntas somam 2.456 famílias afiliadas Plan. Estas comunidades participaram diretamente das capacitações e as demais comunidades participarão indiretamente pois a participação dos mesmos serão apenas nas ações multiplicadoras.

ANEXO E – Artigos do The Tracking Project



THE TRACKING PROJECT®

"Bringing the pieces together again"

NURTURING THE ROOTS *The Tracking Project's Community Mentor Program*

Background

Founded as a non-profit organization in 1986 by John Stokes, **The Tracking Project (TTP)** in Corrales, New Mexico, has worked with community educators and Native elders from around the world to design a series of teachings which connect individuals directly to the natural world. Our programs of natural and cultural awareness include a wide range of skills—from traditional tracking and survival skills to music, storytelling, dance, peacemaking and martial arts training. The name **Arts of Life*** was chosen to describe these programs, which emphasize indigenous knowledge, the lessons of Nature and the power of art.

Since 1986 a team of artist/educators and traditional Native elders from TTP have shared this unique awareness program with more than 100,000 people of all ages. We provide: **Arts of Life** programs for schools and communities; wilderness camps for youth; tracking/awareness classes for adults; **Tracking the Roots of Peace** gatherings. Through **Nurturing the Roots**, a community mentor program, our work with the international community now includes partners/programs in Hawai'i, Brazil, the Philippines, Sweden, Spain, Japan and Australia.

Children, the preservation of wildlife, biodiversity and the integrity/vitality of Native cultures in the global indigenous network have been the focus of our work. Our programs actively support cultural survival and community revival.

Evolution and Description of the Project

Originating from the vision of a traditional Hawaiian elder, **Nurturing the Roots (NTR)** began in 1996 as an effort to bring together artists/educators, activists and indigenous leaders from around the globe to share with one another their cultures, stories, arts, and successful teaching strategies, with the goal of creating a global network that would train trainers in indigenous knowledge and community revival.

The name **Nurturing the Roots** was chosen for the program to convey the idea that the roots of any community are its elders, culture, language, art and history. The ability to transmit this information to a community's youth is paramount. By energizing these roots, we hope to stimulate the growth of ever more beautiful "flowers," helping communities regenerate themselves while giving the roots well-deserved support and reinforcement. Programs which bring youth and elders together are key components of helping a community to harmonize itself culturally and ecologically.

During the three-year program (one week each year), NTR participants are immersed in the key areas of our curriculum: **Thanksgiving, Traditional Tracking & Survival Skills, Nature Awareness, Peacemaking, Cultural Awareness, The Arts of Life, Personal Development, Community Education, Leadership, Ceremony and Renewal**. Each day follows a traditional learning model offered to us by our mentors from the Iroquois Confederacy.

BOX 266 • CORRALES • NEW MEXICO • 87048 • (505) 898-6967



There have been five NTR programs since the first training (1996-98): **NTR Reunion** in 2000 brought new participants from Sweden together with the original group; **Panday Buhat** in the Philippines (2000); the **Alaka'i Project** in Hawai'i (2002-04); **Nutrindo as Raizes** in Brazil (2003-05); and **Cottonwood NTR** (now in its third year) based in New Mexico.

Central to our philosophy, symbolized by the 13 plates of the turtle's shell, is the idea that no one cultural group "has it all," that everyone was given a piece of the whole and that we must bring the pieces back together to complete the picture of who we are as people. This is reflected in the cultural composition of our global network, which now includes: Mohawks, Senecas, Miccosukees, Diné, Puyallups, Aztecs and other Native Americans; Anglos, Chicanos, Hawaiians, Filipinos, Swedes, Chinese, Japanese, Brazilians; and Aboriginal Australians from three southern language groups—the Kurna, Narranga and Ngarrindjeri.

These programs, when completed, will have graduated over 150 people, many of whom have already gone on to create their own mentorship circles, programs and/or curricula based in NTR teachings.

Mentors

Members of The Tracking Project's Advisory Council, together with local mentors from the various program sites, have acted as mentors for the trainings. Our Council of Native American / Hawaiian / Australian advisors includes:

Yuklin Aluli

Attorney – Hawai'i

Joseph Bruchac

Poet / storyteller / editor – Abenaki

Andy Buster

Tribal judge / health worker – Miccosukee Nation

Vicki Downey

Educator / activist – Tesuque Pueblo

G. Peter Jemison

Artist / Site manager, Ganondagan State Historic Site – Seneca

Dave Martine

Tribal peacemaker / tracker – Diné (Navajo)

Kevin O'Loughlin

Teacher of Aboriginal Culture, Tauondi, Inc. – Narangga people (South Australia)

Jake Tekaronianekon Swamp

Director, Tree of Peace Society – Wolf Clan sub-chief / Mohawk Nation

Mililani Trask

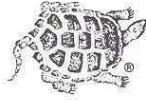
Hawaiian attorney / Executive director – The Gibson Foundation

Pat & Rita Zamora

Aztec artists / dancers – Ehecatl Dancers

(*Arts of Life is a trademark and service mark of The Tracking Project.)

"Bringing the pieces together again"

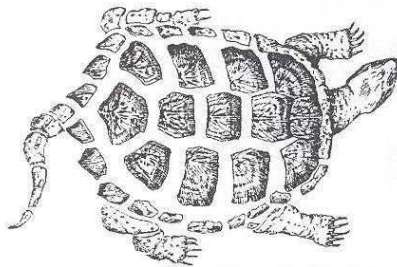


THE TRACKING PROJECT®

"Bringing the pieces together again"

THE ESSENCE OF THE TRACKING PROJECT

Bringing the Pieces Together Again



...It seems that one time down south, long ago, Coyote ate Turtle. When he did, all the ponds and streams dried up, because Turtle was the keeper of the water. The animals went to Coyote and begged him to bring Turtle back.

Coyote thought about this and then brought Turtle back up. But Turtle was all in pieces and the animals had to put him back together again.

It was not that easy, either. Before he was eaten, Turtle had plates of solid black, white, red or yellow color. But the pieces coughed up by Coyote were so small that they could not be put back together in the same way. So the animals did the best they could, and Turtle became a beautiful mosaic, each plate shining with shards of all the colors.

And it worked. Turtle came back to life, and when he did, the water came back, too.

(A blend of traditional tale and personal contemporary dream, adapted by John Stokes)

What is Tracking

Tracking: A system of awarenesses/skills that allow one to follow something (the track of an animal, a person, a memory, a concept) with all your senses as far as you can. It is a process of bonding your energy with the energy of something or someone that you are following.

The Tracking Teacher: is a community educator; is capable and aware; strives for completeness; is an educator; loves and cares for the Earth and others; works to become a *na'au kanaka* (a Hawaiian word for a "mature human being"); contributes to and enhances the balance, harmony and beauty of land and life.

The Plates

The following core components have been identified as essential to the effectiveness of our programs. These "plates" form the basis of the mentor program's curriculum:

1. **Thanksgiving:** The spirituality that comes from maintaining an attitude of gratitude and appreciation. A knowledge of the Sacred.

Key concepts: reverence, aloha, tranquility, authenticity, compassion

2. **Traditional Tracking and Survival Skills:** The life skills which enable one to directly reconnect with Nature and the intricate web of traditional knowledge. "The desire for fire and the fire of desire."

Key concepts: observation, listening, imitation, discipline, rediscovery, efficiency, enthusiasm, inspiration

3. **Nature Awareness:** Becoming quiet within, learning to read the world. An awareness of Nature as classroom, teacher and lesson plan. The study of *ecology*—learning to balance human needs with the environment, taking only what we need. Acknowledging animals as teachers. Protecting biodiversity. Blending modern and aboriginal science, seeing science as one of the arts.

Key concepts: patience, silence, curiosity, validity, source

BOX 266 • CORRALES • NEW MEXICO • 87048 • (505) 898-6967



4. **Personal Development / Self-Esteem:** The Four R's: Respect, Responsibility, Resourcefulness, Reflection. Developing personal vision, values and goals.
Key concepts: acknowledgment, empowerment, focus, centeredness
5. **Peacemaking:** Understanding the role of the environment in our health, happiness and sense of well-being. Working to maintain the balance of the world by harmonizing the forces of humanity, nature and the spiritual realm. Learning practical traditional peacemaking techniques. Seeing Nature as a great Peacemaker.
Key concepts: balance, harmony, clarity, peace, flexibility, forgiveness, acceptance
6. **Cultural Awareness:** Developing cultural understanding, cultural diversity, cultural sensitivity, cultural identity, cultural respect. Working as a "culture carrier" or "ambassador of culture."
Key concepts: bridging, integrity, multiple perspectives, diversity
7. **The Arts of Life:** Using arts and skills—music, story, dance, poetry, humor, dream, martial arts ... together with traditional tracking skills—to express beauty and inspire others. Understanding the power of art to teach and express vision. Learning to simplify our lives so that there is time to practice the "Arts of Life."
Key concepts: creativity, beauty, imagination, fun
8. **Community Education:** Understanding self/family/community. Developing a caring attitude toward others. Understanding the wisdom of the elders and the importance of perpetuating language, tradition, knowledge and culture. Learning to inspire and guide the growth of others.
Key concepts: sharing, role model, generosity, unity, dedication, support
9. **International Community:** Establishing a global family of like-minded educators through partnerships and international outreach; working to create a resource network/coalition of "practitioners of the Arts of Life"; sharing positive strategies through international dialogue for the benefit of the seventh generation of unborn children.
Key concepts: equality, solidarity, dialogue, alliance
10. **Renewal:** Working to add vitality and sustainability to all areas of the curriculum, using systems that mimic the regenerative power of Nature.
Key concepts: vitality, regeneration, transformation, sustainability
11. **Ceremony:** Learning and using appropriate ceremonies to care for ourselves and our communities, land and life; ritual expression of life-enhancing actions; protecting sacred sites.
Key concepts: spiritual vision, caring
12. **Leadership:** Acting as a mentor for the people, a servant of the people; leadership by example; practicing the Good Mind, always thinking of the seventh generation.
Key concepts: responsibility, clarity, understanding, patience & humor
13. **The "Open" or "Empty" Plate:** Leaving this plate open to symbolize the "Unknown" and "silent knowledge"; acknowledging all that we don't know and can't know; allowing space for things to enter and exit our model.
Key concepts: Humility, silence, acknowledging the "Great Mystery," "that which cannot be spoken about."

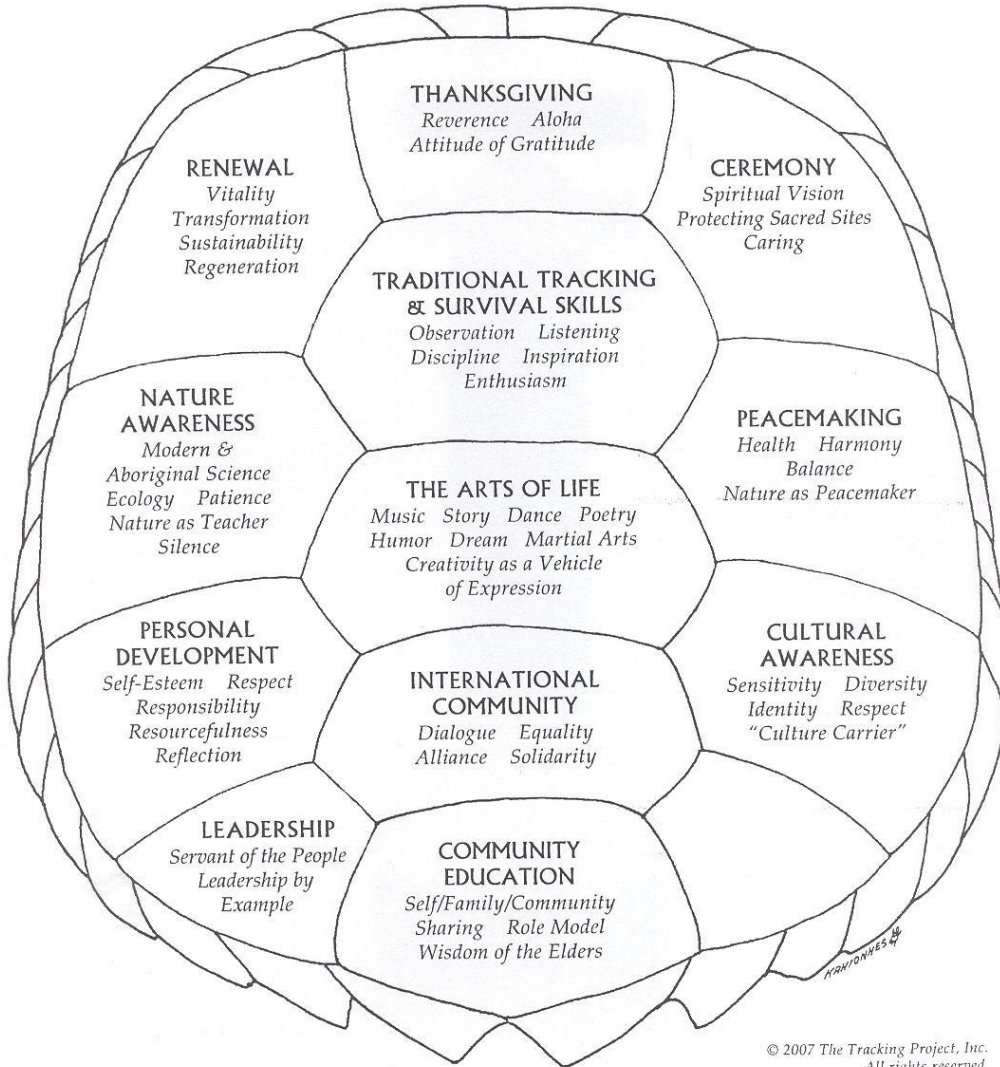
"Bringing the pieces together again"



THE ESSENCE OF THE TRACKING PROJECT

THE TRACKING TEACHER

Capable, Aware, Strives for Completeness



"Bringing the pieces together again"